

Marlene Montezi Blois

Reencontros com

Paulo Freire

E SEUS AMIGOS



2005

Durante una de las tantas actividades profesionales donde coincidimos, mi colega y gran amiga Marlene Montezi Blois, me llamó aparte para decirme que me tenía un regalo. Y me entregó una caja de cintas grabadas conteniendo la transcripción completa de las entrevistas "Reencuentros con Paulo Freire," transmitidas hace varios años a todo Brasil por la Radio MEC. He considerado esa caja de cintas uno de los mejores presentes que alguna vez haya recibido, y las he escuchado infinitas veces. En mi caso particular estas cintas han cumplido el doble propósito de hacerme sentir la fortaleza intelectual y el calor humano que tuvo Paulo Freire, y ayudarme a aprender la hermosa lengua portuguesa.

Mientras escucho las conversaciones de Paulo con Marlene y con Toninho Moraes, haciendo reflexiones por varias horas sobre su vida, su filosofía y experiencia así como las intervenciones de sus amigos y colegas, siento la presencia de un educador con gran sentido humano. Y además de esa humanidad tuvo posesión de un gran conocimiento sobre la mejor manera de emplear la educación para crear conciencia, y liberación. Las enseñanzas transmitidas a través de esos encuentros son por ello invalorable.

Los lectores de este libro donde se vierten estas conversaciones al papel, pasarán por la rica experiencia personal que experimenté cuando escuché las cintas. La mediación de Marlene Montezi Blois, tanto en las grabaciones como en la producción de este libro han sido cruciales. Este es otro logro profesional de esta gran educadora brasilera, quien por más de 35 años ha dedicado su vida a la educación popular de su querido país. Felicitaciones para ella, y para quienes la han acompañado en la publicación de este volumen y para quienes lo van a disfrutar, y aprender con él.

Armando Villaruel

Director Ejecutivo del CREAD

Marlene Montezi Blois

Reencontros com

Paulo Freire

E SEUS AMIGOS

2005

UFF/ Universidade Federal Fluminense

Reitor: Cícero Mauro Fialho Rodrigues

Vice-Reitor: Antonio José dos Santos Peçanha

FEC/ Fundação Euclides da Cunha

Diretor-Presidente: Luiz Valter Brand Gomes

Rádio MEC

Diretor Geral: Orlando Guilhon

Instituto Paulo Freire

Diretor: Moacir Godotti

Produção: Fundação Euclides da Cunha

Produção Editorial: Laboratório de Livre Criação (UFF)

Capa: Junia Kall

Editoração Eletrônica: Joana Lima

Preparação de originais: FEC – Roberta Agostinho e Ronaldo Hage

Transcrição do áudio: Neoprátika – Liane B.

Fotos: Acervo Marlene Blois

Revisão: Flora Lobosco

Impressão: Grafitipo Gráfica e Editora Ltda

Impresso no Brasil – Julho de 2005

BLOIS, Marlene M. Re-encontros com Paulo Freire.
Niterói, RJ: Fundação Euclides da Cunha - 2005.

1. Educação 2. Método Paulo Freire 3. Auto-biografia Paulo Freire
4. Mídia Educativa 5. Livro Falado

A Pedagogia da Esperança e a Educação no século XXI:
a socialização de oportunidades e as novas tecnologias.

Realização

Apoio



Marlene Montezi Blois

REENCONTROS COM PAULO FREIRE

e seus amigos

© FEC /Fundação Euclides da Cunha. Este livro é uma publicação de distribuição gratuita.

FEC /Fundação Euclides da Cunha

Rua São Pedro, 24 Grupo 801

Niterói / RJ - Brasil / CEP: 24.020-050

Tel.: 00 - 55 - 21 - 2109-1661

[http: www.fec.uff.br](http://www.fec.uff.br) / E-mail: fec@fec.uff.br

Apresentação	13
A Rádio Mec e Paulo Freire	15
Uma Autobiografia de Freire	17
O reencontro neste livro	19
Para início de conversa	21
A série radiofônica	23
A idéia da série	23
Sem complicar pelo Rádio	23
Durante a ditadura e hoje	23
Os meios de comunicação	24
O mundo era outro	24
O Amor	24
Definição	24
“Você lembra de mim?”	25
Educar, um ato de amor	25
A infância, a família	25
Nascimento	25
Os pais	25
O pai espírita	26
Os irmãos, a infância	26
A infância de assombrações	26
Os amigos da infância	27
O primeiro exílio	28
Em Jaboatão	28
A consciência da mudança	29
A lembrança das professoras	29
A primeira professora	29
A escola instituição.....	29
A aprendizagem em Jaboatão	30
A volta à primeira escola	30
A adolescência	31
O jovem Paulo	31
Leituras na adolescência	31
A curtição com as garotas	32
Paulo por Paulo	32
Um poema	32
Escrever um romance	33
Sertão e Veredas	33
As contradições	33
Paulo, um homem forte?	33
A vida forja a gente	34
A formação cristã	35
A crença em Deus	35
As cartas recebidas	36
Os livros que escreveu	36
O livro do cérebro, da cabeça	36
A Pedagogia do Oprimido, o livro do coração.....	36
O povo e a consciência da sua identidade	37
A terminologia do marxismo nos livros	37

Crianças do povo e a Escola Pública	38
As crianças do povo, as dos outros	38
A infância de ontem e de hoje	39
A Escola Pública	39
A qualidade no ensino público	40
A contradição da Escola	40
Pré-escola	41
Poder, capitalismo e conflito	41
A reinvenção do Poder	41
O regime capitalista	42
Crítica à classe trabalhadora do 1º mundo	42
A consciência do conflito	42
A consciência do limite	43
Antagonismo e o oprimido	44
A compreensão da vida social	44
A responsabilidade quanto à violência do oprimido	45
Comunidade paulista muito bem organizada do PC do B	45
O jogo da metáfora	46
A intimidade com os grupos populares	46
A aprendizagem com os operários	46
A diferença entre as linguagens	46
A busca da conceituação	46
O jogo da metáfora	46
A metáfora	47
Parábola	47
A busca da solidariedade	48
Saber teórico, saber do povo	48
Os basistas e sua visão de mudança no campo	48
A crença em Deus e o Fatalismo	49
Marxismo e transcendência	49
Os marxistas duvidam de vida além da vida?	49
Fatalismo	50
Estória contada pelo mundo	50
O conceito a partir da caracterização	51
A reação	52
Teria rompido todo o diálogo... ..	52
Como é trabalhar isso	52
A Educação e o Professor Leigo	53
O que falta à Escola para vencer o artificialismo	53
A Escola atrasada do processo	53
O que é Mestrado e Doutorado	53
O Professor	54
A ausência de formação pedagógica do professor leigo	54
O sistema que está aí	55
Educação discriminatória	56

A Igreja e os Movimentos Populares	56
O MEB / Movimento de Educação de Base	56
Sergipe: sem tempo para ampliar a experiência	58
A participação da Igreja no movimento popular	58
A abrangência das ações	58
O comportamento da CNBB	59
A Igreja Católica se democratiza	60
Educação popular	60
Leitura do mundo ou da realidade	60
A experiência com camponeses: o jogo	60
A sinceridade na resposta	61
O empate de 10 a 10	61
A Escola que precisamos ter	62
Uma questão de confiança	62
Sobre Gilberto Freyre	63
Críticas ao sociólogo Gilberto Freyre	63
Paulo e a África	63
Os trabalhos na África	63
O foco dos cursos	63
A emoção na África	64
A função no Projeto	64
Alfabetização e o problema político	65
A rejeição à língua do dominador	65
O elemento de ligação	65
Testemunho	66
O Grupo Veredas	66
A relação com o Grupo	66
O educador	67
A formação do educador	67
A competência necessária	68
O saber popular	68
A formação científica do educador	68
O aspecto científico-teórico, instrumento do professor	69
Com quem ou contra quem se está	69
O Método Paulo Freire	69
Uma história que ficou latente	70
O referencial foi uma coisa vivida	70
A percepção do objeto	71
A desigualdade estabelecida	72
O desafio	72
Diante do grupo ele era o Coordenador	73
Primeiro o trabalho oral	74
O respeito à regularidade	74
A História, a classe trabalhadora	74
A classe trabalhadora brasileira e a consciência de reivindicações	74
Segurar a História	75
História não se segura, vai acontecendo	75
Saber a hora	75

Recife	76
A raiz em Recife	76
Homem que não deita raiz, não tem sentido	76
Não era com mágoa, era com saudade... ..	77
Mas aquela não era a sua casa	77
Sobre questionarem seus trabalhos de rua em Recife	77
A experiência carcerária	78
A prisão em Recife antes do exílio	78
A arma apontada	78
O passo de gaiola	79
As horas demoram a passar	79
Pressão psicológica	80
O sentimento de destruição	81
Amanhã para sobreviver	82
A sobrevivência	82
À espera de ser chamado	82
O aprendizado	82
Os amigos	82
Frei Betto	82
José Carlos Barreto	83
Moacyr de Góes	83
Celso de Rui Beisiegel	84
Moacir Gadotti	84
Maria Adozinda	84
Fernando Henrique Cardoso	85
Josina Godoy	86
Paulo de Tarso	86
Germano Coelho	86
Venício Artur de Lima	87
Repressão	87
Os movimentos armados contra a ditadura e o apoio de Paulo	87
A reorganização da repressão.	88
Dificuldade de falar por telefone com Paulo	88
A situação antes de 70	89
A auto-avaliação quanto à reação do Golpe de 64 ao seu trabalho	89
A acusação	89
Processo arquivado	90
Quatro anos de exílio	90
Absolvição pelo Tribunal Militar	90
O passaporte que não existia	90
A prisão em 64	90
O melhor esconderijo	91
Dados sobre gente engajada no projeto	91
Adversário político, mas não inimigo	92
O MCP / Movimento de Cultura Popular	92
MCP – o contexto político	92
Respostas no campo da Cultura	92
Cultura de um modo geral	93
A idéia na prática	93
A criatividade de Germano	93
O arquiteto do MCP e equipe	94
A proposta viabilizada	94
Os tipos de doações	95
Isenção do vínculo burocrático	95
O Projeto das Praças de Cultura	96

A Educação nas Praças	96
Educação formal, não	96
O trabalho com a comunidade	96
O estágio vivo	96
As armas do MCP	97
A retribuição voluntária	97
De pé no chão também se aprende a ler	97
A solução local para o problema local	98
A cartilha não é a mesma	98
Como planta que se poda, ela brota com mais força	99
O Exílio	99
O momento da partida	99
Não foi uma fuga	99
Um 68 mais civilizado	100
Experiências no exílio	100
A andança pelo mundo, a Bolívia	101
Chile, refúgio dos exilados brasileiros	101
A montagem de um plano de trabalho semelhante	101
A solidariedade que unia	102
O trabalho no Chile	103
As chefias oferecidas	103
O trabalho no campo	103
As experiências no Chile	104
A saída do Chile, a ida para a Suíça	105
O que Paulo falou no Especial Educação por um mundo melhor (Série Educação em Debate)	105
Informações complementares	107

Foto de Paulo, Com Marlene Blois e Toninho de Moraes
na Rádio Cultura de São Paulo



Apresentação

Sinto-me extremamente honrado e emocionado ao fazer a apresentação deste livro falado de Paulo, por Paulo, através de Marlene. Honrado, porque se trata da história de vida de um dos maiores educadores da América Latina. Emocionado, porque a força da oralidade dialética do mestre nos é apresentada como uma maravilhosa tapeçaria que envolve tanto os fragmentos de um discurso concomitantemente educacional, político e amoroso, de Paulo, quanto os delicados recortes de uma Marlene artesã.

Acredito que esta obra, intitulada "Reencontros com Paulo Freire e seus amigos", emocionará tanto aqueles que já tiveram a oportunidade e o privilégio de conversarem com ele, pessoalmente ou através de seus textos, quanto aqueles que, agora, se dispõem a serem tocados por sua palavra. A referência a essa predisposição advém da própria epistemologia freireana que preconiza o respeito incondicional à autonomia do sujeito e as conseqüências que dela decorre: opção e responsabilidade pela opção assumida. Nega-se, portanto, qualquer neutralidade, mesmo para os atos cotidianos e equivocadamente naturalizados como ouvir, pronunciar e ler a palavra.

Tendo em vista o aparente paradoxo que decorre da impossibilidade de transferência de comunicados entre sujeitos e a explosão do progresso cultural humano, Paulo Freire nos mostrou, através de sua práxis, como é possível estabelecer uma relação dialógica com o outro e, assim, alcançar, níveis mais elevados de ciência e consciência, a partir da história e da historicidade do homem em sua relação com o mundo.

O reencontro de Paulo Freire com os seus amigos e, com ele, o nosso desejo de estabelecer novas amizades, surgiu de uma longa conversa entre Marlene Blois (CREAD), Luiz Valter Brand Gomes (FEC) e eu (UFF). Ao explicitarmos nossos sonhos e projetos, identificamos um que nos unia: problematizar os caminhos da educação com vistas à configuração de um mundo mais incluyente. Identificada essa temática, o nome de Paulo Freire se fez logo presente tanto como expressão maior do pensamento educacional brasileiro, latino-americano e mundial, mas, também, como centro de entrecruzamento de nossas histórias pessoais.

A mais emocionante dessas histórias foi vivida por Marlene Blois que, junto às equipes da Rádio MEC e Rádio Cultura, realizaram uma série de gravações com Paulo Freire, ao longo de dois anos. Como estas gravações foram concebidas em formato livre, sem pauta prévia, essa conversa se tornou solta e ele pôde, assim, passear por todos os lugares e por todos os tempos de sua vida: da casa onde nasceu aos países em que trabalhou como educador; do primeiro exílio, que foi deixar o útero de sua mãe, para o seio de outras gentes e de outras terras; dos momentos alegres e tristes, da liberdade à prisão e dessa à imensidão do mundo, como andarilho da esperança, da teoria e da prática, do pensar certo para o agir certo, da dialética, do diálogo, da paciência e da impaciência; do basismo e do ativismo, da educação como prática da liberdade e do equívoco da educação bancária, da posse do objeto ao amor libertário, de homens objetos para sujeitos da história, da pedagogia do oprimido à pedagogia da esperança.

Depois de quase vinte anos de realizadas essas gravações, Marlene nos brinda com essa obra de arte que ela mesma ajudou a promover com sua sensibilidade e disposição ao trabalho. Agora, estando novamente diante de Paulo nesse reencontro e tocados por sua palavra, espero que os velhos amigos e os novos possam se emocionar ao serem evocados com o amálgama desses fragmentos de saudade, consciência, militância, compromisso, dialogicidade e, principalmente, amorosidade, mola propulsora de nossa humanidade.

Luiz Antonio Botelho Andrade

Pró-Reitor de Extensão da UFF

A Rádio Mec e Paulo Freire

A Rádio MEC surgiu em 1936, como sucessora da Rádio Sociedade Rio de Janeiro. Fiel aos princípios de Roquette-Pinto, sempre teve como missão institucional prestar um serviço de utilidade pública à população, principalmente na área educacional e cultural, socializando saber, informação e conhecimento, e levando a notícia, a música e a literatura aos rincões mais distantes, permitindo que a população de baixa renda tivesse acesso a esses bens educativos e culturais.

Foi dentro desse espírito que a **Rádio MEC** veiculou, durante o ano de 1989, uma série intitulada **Encontros com Paulo Freire**. Era a oportunidade de levar ao grande público as idéias deste que foi, sem sombras de dúvida, um dos maiores educadores do nosso país. Preso pela ditadura militar em 1964, e exilado desta época até 1980, primeiro no Chile e depois na Suíça, Paulo Freire produziu algumas das melhores contribuições teóricas e práticas sobre a questão educacional, desenvolvendo um método próprio de alfabetização que ficaria famoso no mundo todo. Fundou, em Genebra, o Instituto de Ação Participativa (IDAC), em 1971, juntamente com um grupo de exilados, o que permitiu atuar em inúmeras frentes de alfabetização na África portuguesa. Voltou ao Brasil em 1980, com o desejo de "...reaprender o Brasil".

Como educador, pensador, filósofo e militante político, Paulo Freire foi um exemplo para todos nós. Desenvolveu uma 'Pedagogia do Oprimido' que formou e influenciou inúmeras gerações de educadores. Ao ser convidado pela Profa. Marlene Blois para fazer a série **Encontros com Paulo Freire**, num primeiro momento não acreditou que a **Rádio MEC** estivesse aberta para esse tipo de iniciativa. Ao ver confirmada a proposta, comentou com a apresentadora do programa " *Agora sim, acredito que estamos numa democracia*".

Ao contribuir com o seu acervo para resgatar essa experiência interessante do nosso passado recente, a **Rádio MEC** reafirma seu compromisso com a educação como prática para a liberdade, e aposta seu futuro na concepção de uma 'educação para a cidadania'. Como era desejo de Roquette-Pinto, e como foi prática de Paulo Freire, o papel de uma rádio pública como a **Rádio MEC** continua sendo o de contribuir com a divulgação de valores educacionais humanistas, tais como ética, responsabilidade social, respeito à diferença e inclusão social.

Orlando Guilhon
Diretor Geral da Rádio MEC

Uma Autobiografia de Freire

Cada reencontro sempre traz lembranças e emoções. Foi assim o reencontro com Marlene Blois, depois de muitos anos, lembrando entrevistas à Rádio MEC e, sobretudo, os momentos que juntos tivemos nas gravações com Paulo Freire, que agora apresento ao leitor na forma de livro: *Reencontros com Paulo Freire e seus amigos*, cuidadosamente organizadas por ela.

Este livro é muito atual. Paulo havia chegado há poucos anos do exílio. Estava, como dizia, “re-aprendendo” o Brasil. Eu vejo muita semelhança entre o ano 1985 e o ano 2005. Em ambos os casos, estamos “re-aprendendo o Brasil”, ontem, com o fim da ditadura e hoje com o governo Lula. Em 1985, estávamos passando pela primeira experiência democrática depois de 21 anos de ditadura. Hoje, precisamos radicalizar a democracia. Os tempos que passamos hoje são muito semelhantes.

Paulo era um excelente contador de histórias e como estava ainda sob o impacto do movimento das “Diretas Já”, da campanha pela Anistia e pelo início da luta por um Assembléia Nacional Constituinte, pelo início da redemocratização do país, coloca-se frente a tudo isso e narra a sua vida. Considero esse livro como uma verdadeira autobiografia de Paulo Freire. Todos os livros dele falam de sua vida, porque ele não ignorava sua própria prática em suas reflexões, mas este é particularmente auto-biográfico. Dá a impressão de que estamos assistindo a um filme sobre a vida dele, a partir de seu próprio olhar.

A relação de Paulo com o rádio data de seus primeiros projetos de alfabetização. Ele estava acostumado com a linguagem coloquial do rádio, com o tom da voz, com as imagens que constrói junto ao ouvinte. Na época, eu consegui ouvir vários desses programas pelo rádio. Agora estou lendo com emoção o que ouvi com alegria nos anos 80. E me fez muito bem. Eu me reencontrei, inclusive, quando menciona rapidamente o livro que estávamos escrevendo juntos: *Pedagogia: diálogo e conflito*. O tema do conflito aparece muito nessas conversas, o antagonismo das classes, a dificuldade da mudança que sempre fere interesses poderosos. Paulo estava preocupado com o tema da compromisso político e da competência técnica que abordávamos no livro.

Conversas descontraídas, soltas, como Paulo gostava de fazer. Uma conversa ao pé do ouvido, sem “complicar”, sem aquela “linguagem difícil”. A linguagem que todos podem entender. Neste livro, Paulo fala da importância da democracia e dos dias difíceis do exílio. Paulo fala dos meios de comunicação, do rádio que entrou pela primeira vez na casa dele em 1938. Fala do Chile, refúgio de tantos exilados brasileiros. Fala da CEPAL, de Genebra, do Conselho Mundial de Igrejas. Fala do amor, como sempre. Fala de educar como um ato de amor: “não é possível educar sem amor... não há revolução sem amor”.

Paulo gostava de revisitar temas, mas não repeti-los. Nas “primeiras palavras” de seu livro *Pedagogia da autonomia*, na página 14, ele diz: “Não creio, porém, que a retomada de problemas entre um livro e outro e no corpo de um mesmo livro enfade o leitor. Sobretudo quando a retomada do tema não é pura repetição do que já foi feito. No meu caso pessoal, retomar um assunto ou tema tem que ver principalmente com a marca oral de minha escrita. Mas tem que ver também com a relevância que o tema de que falo e a que volto tem no conjunto de objetos a que direciono minha curiosidade”. Como disse, o livro da Marlene me trouxe emoção e também uma grande contribuição para entender o momento presente. Precisamos reler Paulo Freire mais vezes porque ele nos chama a atenção para o essencial, sobretudo num tempo de desesperança e de falta de sonho.

Paulo gostava de lembrar. Lembrar, recordar, não é só viver. É educar-se e educar. Ele não lembrava por saudosismo ou com mágoa. Muita saudade e nenhuma mágoa. Mesmo quando fala de sua prisão, em Recife, no 15 de junho de 1964, véspera do aniversário de Elza. Paulo não fazia “biquinho”,

não choramingava, não se lamentava. Era humilde diante da história. Confessa-se um “otimista inveterado, mas não ingênuo”.

Lembrava para aprender e ensinar com suas lembranças, para historicizá-las, para refletir sobre a vida vivida. O melhor tempo que a gente vive é o “tempo de hoje”, disse ele. Fala da sua infância, do Nordeste, do pai, oficial da Polícia Militar, espírita, e da mãe católica. Fala dele como menino, da noite, do silêncio, da escuridão, dos passarinhos, das brincadeiras, dos seus primeiros amigos Dino, Albino e Baé. Lembranças das professoras, principalmente de Eunice Vasconcellos e Cecília Brandão. Elas marcaram muito Paulo Freire. Fala de suas primeiras leituras, de seus autores preferidos. Fala das classes sociais de modo original: “quando falo do oprimido falo das classes sociais oprimidas”. Fala da escola pública e da necessidade de re-inventar o poder.

Preocupado com a história que está sempre sendo feita, discute o fatalismo, a ideologia, o poder, o saber popular e o saber erudito; fala dos camponeses, dos professores leigos, da diversidade, da discriminação, do preconceito, da Igreja, dos movimentos populares, do Movimento de Cultura Popular (MCP), da educação popular, de sua experiência no Chile e do quanto aprendeu na África.

Convido o leitor e a leitora a se deliciarem com esta leitura. Rubem Alves diz que “*saber é saborear*”. Sugiro, então, que experimentem este saboroso reencontro.

Obrigado Marlene. Outono (tempo de colheita) 2005. M. G.

Moacir Gadotti

Professor da Universidade de São Paulo

Diretor do Instituto Paulo Freire

Volto a me encontrar com Paulo e seus amigos aqui neste trabalho, depois de tantos anos, agora num diálogo silencioso que o papel registra e minhas lembranças evocam.

O primeiro encontro, em São Paulo, gerou um dos programas da série *Educação em Debate*, que eu, durante doze anos, apresentei e produzi para a Rádio MEC AM do Rio de Janeiro e que ia ao ar em todas as AMs do país. O *especial* com Paulo foi veiculado em 16 de setembro de 1985.

Agendada a entrevista diretamente com ele por telefone, e acertado o apoio técnico com a Rádio Cultura para gravar o *especial*, fui do aeroporto diretamente para o apartamento de Paulo, em São Paulo. Um fato interessante aconteceu durante as gravações, que só me dei conta quando editava e sonorizava o programa: o canário na gaiola dourada, no canto da sala, fez a sonoplastia da primeira entrevista, canto suave de fundo às falas de Paulo, mas só nas do dono.

Gravação encerrada, Paulo ainda duvidava que uma Rádio oficial – a MEC – fosse colocar no ar uma entrevista de trinta minutos com “*um maldito*” da Educação – ELE. E, ainda mais, em cadeia com as AMs desse imenso país. A garantia, eu lhe disse, era eu estar ali, gravando e tendo apoio de outra emissora também oficial. Paulo achou a idéia de poder falar e ser ouvido por tanta gente pelo rádio uma oportunidade nova, que lhe dava a oportunidade de contar fatos e expressar o que pensava, de forma coloquial, usando a oralidade tão característica do nosso povo.

O entusiasmo dele me contagiou e, na conversa solta depois da gravação, enquanto era servido o cafezinho, propus-lhe um desafio, a produção da série que dá sustentação a esta obra: *Encontros com Paulo Freire*.

Aceita a proposta, levo a idéia da produção da série às direções da MEC e da Cultura de São Paulo, que sem indagações ou solicitação de justificativas, a aprovaram! Estava sacramentada a co-produção, sendo o jornalista Toninho Morais o indicado da Cultura para ser meu companheiro nesta empreitada.

Imediatamente dei a notícia a Paulo. *Que argumentos você utilizou para convencer o diretor?*, perguntou-me. *Você, sua obra, seu carisma*, lhe respondi.

Mas como seria produzir uma série radiofônica com Paulo Freire, ele que acreditava no rádio como veículo de Educação e de cidadania? Voltei a São Paulo e acertamos que não haveria um roteiro pré-elaborado para a gravação das entrevistas, que seria *um bate-papo solto e descontraído entre amigos*. Acertada a agenda, poucas vezes ela foi cumprida, seja pelos inúmeros compromissos internacionais de Paulo, por problema de sua saúde afetada pelo clima e poluição de São Paulo, seja pela morte de sua primeira mulher.

Gravamos poucas vezes nos estúdios da Cultura e as outras tantas gravações aconteceram na sua nova casa do Sumaré. Vi a casa sendo decorada nas muitas idas a São Paulo, por quase dois anos. Durante as nossas conversas, gente citada e que havia participado das tantas histórias contadas por Paulo, ia sendo anotada. Algumas já não estavam entre nós, outras, onde estavam agora? Era preciso localizá-las. E aí começa a segunda etapa do trabalho: gravar depoimentos dos amigos de Paulo, complementar informações. Assim foi com Albino, o amigo mais antigo; Ubaldino, o companheiro de peladas da infância; Moacir Gadotti, com quem trabalhou na Universidade de Genebra; Frei Beto, que se declarava “*um dos seus discípulos*”; José Barreto, do Grupo Veredas; Paulo de Tarso, Ministro da Educação com quem Paulo trabalhou em Brasília; Fernando Henrique Cardoso, em depoimento sobre o tempo de exílio no Chile, entre outros.

Terminadas as gravações com Paulo e com os amigos que conseguimos localizar, era hora de dar forma a cada programa, roteirizar, fazer as *costuras* necessárias. E aqui entra a participação de Renato Rocha, responsável pela produção final, com quem estive nas inúmeras vezes em que entramos, no histórico estúdio sinfônico da MEC, para editar, sonorizar e montar os programas. Renato, com seu perfeccionismo característico, *limpava* tosses e pigarros de Paulo das gravações originais. Com o tempo noturno liberado para uso do estúdio, saíamos algumas vezes depois da meia noite, pela então tranqüila Praça da República, no centro do Rio.

É a música de abertura qual será?, perguntou-me Renato. Eu devolvi a pergunta a Paulo: *Asa Branca, Marlene*, afirmou convicto. *Não pode ser outra, não. Você consegue?* Assim foi, texto e músicas perfeitamente integrados, graças à sensibilidade de Paulo. Realmente não poderia ser outra, nos quinze programas de trinta minutos que compõem a série.

Programas prontos e aprovados por Paulo, foram ao ar de 14 de maio a 28 de agosto de 1989, em primeira veiculação, sem nenhuma recomendação ou corte da direção da MEC. *“Verdade, Marlene? Então eu posso acreditar que estamos vivendo numa democracia...”*. Pelo menos na MEC estávamos.

Tantos anos depois, a série foi o ponto de partida para a realização de um congresso internacional, que a Universidade Federal Fluminense/UFF, a Fundação Euclides da Cunha/FEC e o Consórcio-Rede Interamericana de Educação a Distância /CREAD resolvem promover em Niterói, com a participação do Instituto Paulo Freire.

O evento é a nossa singela homenagem a Paulo Freire: *A Pedagogia da Esperança e a Educação no Século XXI: a Socialização de Oportunidades e as Novas Tecnologias*. A proposta do Congresso é fiel às de seu homenageado: abrir espaço de debate e de formulação de propostas de democratização ao acesso à Educação, que liberta e não escraviza. Um espaço que evoca o pensamento e a coerência político-pedagógica do grande pensador Paulo Freire. A pedagogia dialógica e libertadora, mais do que nunca, precisa ampliar nosso olhar sobre a exclusão, ainda não vencida entre nós e na América Latina.

Nesse **Reencontro**, afirmo a minha convicção de que podemos construir um mundo melhor, como me falou tantas vezes Paulo. Sua *Pedagogia da Esperança* segue guiando meus pensamentos e atos em Educação... Em **comunhão**, nossa conversa continua aqui neste livro.

Marlene Blois

Para Início de Conversa

Aqui está o que contou Paulo Freire a mim e a Toninho Moraes, na conversa franca e aberta gravada sem roteiro prévio em São Paulo. O que conversamos em linguagem coloquial está aqui transcrito e **arrumado** por assunto, com a intenção de colocar o leitor frente a frente com as idéias de Paulo, com que o pensava sobre si mesmo, com o que pensam alguns de seus amigos sobre ele e sua obra. Momentos importantes de sua vida estão contados aqui por ele mesmo.

A série radiofônica

Eu acho que um educador que não respeita, não usa, e não se serve, quando pode, de televisão, de rádio, de videocassete, de gravador, de projetor de slide, etc. e tal, está superado.

A idéia da série

Conversar de maneira informal com Paulo Freire sobre o que pensa, sua obra, suas histórias e lutas, que, evidentemente, estão entrelaçadas com tantas outras, dentro e fora do Brasil. E ainda localizar e saber o que pensam muitas das personagens citadas por ele, reconstruindo ou resgatando ou recuperando momentos importantes de sua vida, das idéias que contagiaram a tantos pelo mundo a fora. Paulo Freire esclarece fatos, define posições e se desmistifica de forma simples e definitiva.

Para que a série de programas fosse realizada, Toninho de Moraes, da Rádio Cultura de São Paulo, e eu, da Rádio MEC do Rio de Janeiro, entrevistamos longamente o Professor Paulo Freire.

Marlene Blois

Em primeiro lugar, eu tenho uma sensibilidade grande pelo rádio, como veículo, pela televisão, no fundo eu sou um homem que procura ser um homem de seu tempo.

PF -Em primeiro lugar, eu tenho uma sensibilidade grande pelo rádio, como veículo, pela televisão, no fundo eu sou um homem que procura ser um homem de seu tempo. Eu acho que um educador que não respeita e não usa, e não se serve, quando pode, de televisão, de rádio, de vídeo cassete, de gravador, de projetor de slides, etc. e tal, está superado. Em segundo lugar, me parece que vocês fazem um trabalho sério, quer aqui, quer no Rio, em Brasília, etc. Então, da conversa que nós tivemos, eu me lembro, isso faz uns dois meses, talvez, surgiu essa idéia de se fazer uma série de programas sobre determinados aspectos da minha experiência, da experiência de outros educadores brasileiros e que poderiam vir depois aqui, ou ser entrevistados em suas áreas no país, etc. Eu não sei, e aqui não é falsa modéstia, se eu me desempenharei bem nisso, não sei se eu darei a contribuição que eu gostaria de dar. Mas eu acho que a idéia do programa vale.

Sem complicar pelo Rádio

PF – É claro que deve haver programas parecidos com esse, mas eu acho essa idéia de vocês muito interessante, isso eu acho vivo, sobretudo, vivo. E o que eu espero inclusive, é que as pessoas que estejam em casa escutando a rádio, encontrem uma certa satisfação em ouvir também, porque daí a necessidade que a gente tem de ter cuidado, para não cansar a quem escuta a gente.

PF – Nem complicar, acabar com a linguagem difícil.

PF – Eu acho, eu acho que consigo, relativamente bem. Eu ainda não disse, muito ouvinte que está escutando por aí, não está sabendo nem bem quem é Paulo Freire.

Durante a ditadura e hoje

PF – Levava porrete mesmo... Hoje, não, você tem grandes áreas abertas por aí, você pode andar. Um programa como esse, por exemplo, não poderia jamais ser cogitado durante um regime mais duro. E, no entanto, ele hoje vem ao ar e ninguém está pensando que isso aqui é uma subversão, nada disso, é uma análise correta.

Os meios de comunicação

(...) as forças produtivas do país desenvolvendo-se, mesmo com essa precariedade de quem se desenvolve na dependência, como é o caso brasileiro (...)

O mundo era outro

PF – Era outro o mundo... Quer dizer, você tem um país modernizando-se, indiscutivelmente, e as forças produtivas do país desenvolvendo-se, mesmo com essa precariedade de quem se desenvolve na dependência, como é o caso brasileiro, mas indiscutivelmente tudo isso que alterou as ruas, que as fez calçadas, pelo menos em grande parte das áreas das cidades, tudo isso que alterou as ruas, que alterou os transportes, alterou também a compreensão da própria vida e o tipo de relação dentro da família. E hoje em dia, se você tem uma cidade como o Recife, você tem um número de atrações que há hoje para o adolescente: a praia, os clubes, tudo isso condiciona uma forma diferente de comportamento, de compreensão... a televisão, puxa...

PF – Os meios de comunicação, eu me lembro, de que o primeiro rádio que entrou em nossa casa entrou cedido por um tio, em 1938, por aí assim. Agora você veja que de lá para cá o que é que acontece. Isso necessariamente teria que mudar. Hoje, meus netos, meu neto mais velho discute já é computação. Quer dizer, é outra realidade.

O Amor

Tu amas na medida em que tu experimentas uma busca de liberdade no outro e com outro.

Definição

PF – Eu acho que definir é sempre difícil, sobretudo quando você corre o risco de ficar na definição do conceito, em lugar de você apropriar-se, e aproximar-se do conteúdo real a que o conceito se refere. Olhe, eu vou preferir falar de amor, do que é. Dizer o seguinte: para mim, tu amas na medida em que tu não te aproprias do sujeito e nunca do objeto do teu amor. Dizendo isso em outras palavras, tu amas na medida em que tu experimentas uma busca de liberdade no outro e com o outro.

PF – Quando eu digo dois sujeitos que simultaneamente são objetos, enquanto sujeitos, porque você nunca é só sujeito. Mas o que eu quero dizer é o seguinte: enquanto Elza é o objeto de um amor meu, eu sou objeto do seu amor enquanto sujeito ela. O que ela não pode é ser apenas objeto do meu amor. Está claro isso agora?

PF – No Nordeste há um certo gosto de possuir quem se ama, que isso faz parte da natureza do machismo.

A possessividade é destrutiva, ela não é libertadora jamais.

PF – Uma posse absoluta, total. A possessividade é destrutiva, ela não é libertadora jamais. Então o sujeito que se entrega à possessividade do outro, como puro objeto dele, no meu entender, termina amando com endereço errado. Agora você vê a força da possessividade no Nordeste. Quando

nós voltamos ao Brasil, nós viemos a São Paulo, fomos ao Rio de Janeiro, fomos a Campos, depois fomos ao Recife, para visitar a família, nesses quatro pontos. Quando chegamos ao Recife, o aeroporto estava cheio, tinha mais de três mil pessoas. Souberam que a gente chegava e foram, sem nenhuma organização, nada disso. Mas vocês não imaginam que coisa ao mesmo tempo bonita mas ao mesmo tempo reflexo dessa possessividade. Várias pessoas assim no murinho do aeroporto de então gritando: Paulo, Elza¹, e a gente se dirigia, e era gente que estava com 16 anos de distância da gente e a cara da gente também tinha envelhecido, mas a gente só era a gente, aqueles caras que estavam descendo daquele avião, não havia perigo de se equivocar o Paulo Freire, porque era eu o único cara que estava descendo daquele avião, para ser Paulo Freire. Mas lá naquela multidão eu não era obrigado a conhecer todo mundo, a me lembrar de todo mundo. Você sabe qual era a pergunta que todos me faziam?

“Você lembra de mim?”

PF – Essa pergunta era um teste à afetividade. Se eu dissesse não, não me lembro mais, era uma decepção. Então você veja, que isso tem que ver com a possessividade. Se você me pergunta: *Paulo, então esse cara não te ama?* Ama. É uma má compreensão do ato de amar. Eu entendo o amor como uma experiência de liberdade, de criatividade, entende?

*Eu acho que não é possível educar sem amor.
(...) eu afirmo, não há revolução sem amor.*

Educar, um ato de amor

PF – Eu acho que não é possível educar sem amor. Puxa, sem amor eu acho que muita coisa é impossível. Eu me lembro do próprio Che Guevara, que tanta gente ainda treme quando ouve falar nele, quando ele disse numa carta linda, correndo o risco de parecer ridículo: *eu afirmo, não há revolução sem amor.*

A infância, a família

Amar é administrar e respeitar a diversidade.

Nascimento

PF – Nasci há uma porção de tempo atrás. Há muito tempo, 1921, no Recife, na Estrada Encanamento. A casa está lá ainda, 724. Nasci de uma família de classe média.

(...) ele era um homem militar, na verdade ele defendia a autoridade, como eu também.

Os pais

PF – Meu pai era um oficial da Polícia Militar, reformado, porque ele tinha se acidentado. Minha mãe também uma mulher de classe média, formidável. Eu achava meu pai e minha mãe, e acho mesmo, morreram há muito tempo, ela não há tanto tempo, mas ele há muito tempo. Eles deram testemunho a nós, assim, que eu acho importante, um testemunho de um querer bem, legítimo, um querer bem, sério, em que nem meu pai pretendeu ficar nivelado a ela, nem ela nivelada a meu pai.

¹Elza, primeira esposa de Paulo Freire, sua companheira durante muitos anos, faleceu no final de 1986.

Porque eu acho que esse negócio, isso não é amar. Amar é admitir e respeitar a diversidade. Você imagina o sujeito que ama a mulher, mas quer que ela seja igualzinha a ele ou vice-versa, não dá. E meu pai respeitava. E é importante salientar isto, porque afinal de contas nós somos do Nordeste e o Nordeste tem uma experiência muito macha.

PF – Engraçado, você sabe que há coisas que devem continuar as mesmas. Por exemplo, você pega, se você considera o Nordeste, não só o Nordeste, mas fiquemos no Nordeste, que é de onde eu vim. A autoridade paterna, por exemplo, a ênfase da autoridade paterna, que quase deixa de ser autoridade porque ela é autoritária. É absorvente. O pai é que decide, o pai escolhe, etc. Isso houve com muita ênfase, no meu caso, só que o meu pai fazia exceção a isso. Quer dizer, era uma coisa meio estranha, porque ele era um homem militar, na verdade ele defendia a autoridade, como eu também. Eu acho que sem autoridade você não funciona. Mas ele jamais foi além do limite da autoridade. Quer dizer, ele nunca foi autoritário. Mas o que eu quero dizer é que havia uma presença paterna, que há hoje ainda no Nordeste.

(...) meu pai deu a nós um testemunho de tal respeito pela minha mãe, que me marcou enormemente até hoje.

PF – O pai, o homem que manda. E, no entanto, meu pai deu a nós um testemunho de tal respeito pela minha mãe, que me marcou enormemente até hoje. Por exemplo, meu pai era espírita, e ele não era propriamente assim, não era atuante, nunca vi meu pai sair para ir a uma sessão espírita. Ele era filosoficamente espírita. Ele vivia lendo um clássico do espiritismo, que era o Allan Kardec, e minha mãe era católica. E meu pai, que eu saiba, pelo menos, nunca que eu tivesse percebido, ele nunca fez nenhum tipo de imposição à minha mãe. Ele nunca tentou convertê-la ao espiritismo, nem tampouco ela tentou convertê-lo ao catolicismo. E viveram o tempo todo, e nós viemos ao mundo por causa deles, e ele dando esse testemunho de respeito.

O pai espírita

PF – Centro espírita, eu não acredito, meu pai era...

PF – Meu pai era, não é que ele visitasse os Centros...

(...) havia dois temas centrais nas conversas das visitas: doença fatal / morte e mal-assombrado.

Os irmãos, a infância

PF – Éramos quatro, e somos ainda, estamos vivos. Mas eu, o mais novo da família. Nasci lá naquela Estrada Encanamento, no tempo em que não havia luz elétrica nesse pedaço da cidade do Recife. E eu ainda me lembro com uma certa saudade, não com nostalgia, mas com uma certa saudade, do acendedor de lampião, com sua vara no ombro, e de lampião em lampião ele enfiava a vara por debaixo, e aquilo acendia lá em cima a mangueirinha, a manga do lampião. Por isso mesmo era um tempo em que havia dois temas centrais, os mais velhos que estão me escutando hoje, sobretudo gente do Nordeste do Brasil principalmente, de Minas, também, havia dois temas centrais nas conversas das visitas: doença fatal / morte e mal-assombrado.

A infância de assombrações

PF – As almas... a infância...

PF – Em primeiro lugar essa criança correu dentro do quintal da casa, dessa tal casa..... Um quintal enorme, que ia de uma rua a outra, com árvores. Eu visitei quando voltei ao Brasil,

depois do exílio, eu visitei esse mesmo quintal e vi, revi algumas das velhas árvores da época, do meu tempo, umas mangueiras, uns sapotizeiros. Mas esse menino daquele tempo, misturado com os mal-assombrados, eu tive experiências formidáveis nesse sentido. Eu aprendi a só aceitar que o medo me dominasse, quando eu, ou depois que eu, não descobria uma razão plausível, uma razão razoável.

De noite, na escuridão da noite, no silêncio da noite, qualquer daqueles ruídos que de manhã passavam despercebidos, crescia (...)

PF – Racional, para aquilo, que estava parecendo ser irregular. Por exemplo, você sabe o que é que de manhãzinha, quando eu brincava no quintal com meus irmãos e sob a luz do sol, o canto dos passarinhos, o vento soprando, os ruídos ficavam de tal maneira imersos num barulho maior, que era o barulho do dia mesmo, não sei se está claro isso...

PF – Da vida começando, e depois da vida já montada, 10 horas da manhã, os meninos brincando, havia muitos ruídos, de tal maneira que... E esses ruídos eram compatíveis tinham que ver, havia uma legitimidade para os ruídos. De noite, na escuridão da noite, no silêncio da noite, qualquer daqueles ruídos que de manhã passavam despercebidos, crescia... Então você veja que exercício formidável eu fiz na minha infância. Foi nas manhãs, em certo modo, identificar certos ruídos, que naquela hora não me davam nenhum medo e que de noite podiam dar. De maneira que quando chegava a noite que eu ouvia um ruído daquele eu sabia porque. O que era, por exemplo, um desses ruídos que eu identifiquei de manhã, estranhos, e que de noite poderia parecer um gemido de alma, de alma mal-assombrada, era uma árvore, um galho de árvore roçando no outro. Com o vento soprando, ele fazia um ruído que de manhã se perde. Eu não quero dizer que eu virei um adulto, que eu fiquei um adulto...

PF – Não, não, eu era uma criança, eu gostava de brincar, de jogar futebol, de puxar cavalinho, de andar montado num pedaço de pau que eu cortava, como se fosse meu cavalinho...isso tudo. Mas, ao mesmo tempo que eu fazia isso, eu desenvolvi em mim essa capacidade de perceber, eu apurei, desenvolvi, agucei a minha percepção dos ruídos, das cores.

Os amigos da infância

PF – Eu me lembro de uns amigos no Recife, nessa época. Alguns deles, claro, eu os perdi no tempo e eles possivelmente me perderam também no tempo.

PF – Na época em que eu fazia essas experiências já dos ruídos, eu já devia estar com uns oito anos, sete anos, mas antes eu me lembro de coisas também. Eu tenho um grande amigo dessa época, que é na verdade o amigo mais antigo de que eu me lembro como amigo. Está vivo, mora hoje, mora no Recife, mora em Boa Viagem. Ele se chama **Albino**, um grande cientista no campo da Fisiopatologia, e estuda essas doenças das árvores, essa coisa...

ALBINO – *Paulo costuma dizer que eu sou o amigo mais antigo dele. E realmente isso ocorre, porque nós nascemos em casas vizinhas lá na Estrada do Encanamento e a diferença de idade entre nós é de cerca de dois anos, de forma que, quando nós começamos a conhecer as coisas e as pessoas, começamos também a nos conhecer um ao outro. Daí vem a antiguidade dessa amizade.*

PF – Bem, o Albino é meu amigo desde os cinco anos de idade, cinco, seis. Ele é um pouco mais novo do que eu. Mas eu tive outros amigos nessa época de Casa Amarela, nome dessa tal Estrada Encanamento, alguns deles morreram. Me lembro de um que jogou muito futebol e em certo sentido foi até uma espécie de professor nosso. Chamava-se Morse. Eu tenho lembranças maiores de amigos que eu fiz três anos depois dessa época de que eu falo hoje, quando eu fui para Jaboatão, quando eu saí do Recife.

PF – Nós tínhamos amigos da nossa classe social e amigos da classe trabalhadora, e muitos desses amigos também morreram, em Jaboatão, mas alguns estão lá, vivíssimos. Um deles, que hoje é um comerciante rico... bem situado, um homem extraordinário, um sujeito de uma seriedade... Se todo mundo nesse Brasil pagasse o Imposto de Renda como ele paga, até que não havia crise nesse país. Ele se chama **Dino, Ubaldino Figueiroa**. Tem uma casa comercial em Jaboatão, e continua jogando futebol ainda, desde aquele tempo. Um sujeito fantástico...

UBALDINO – *Minha amizade com Paulo Freire começou em 1932, quando ele saiu de Casa Amarela para morar em Jaboatão no Morro da Saúde, e lá no Morro da Saúde nós batíamos uma pelada, eu gosto muito da bola, Paulo gostava muito de futebol, sempre foi um bom meia-esquerda, jogava até muito bem, e começou nossa amizade, e até hoje nos conservamos como bons amigos.*

PF – Tem uma série de outros mais. Tem um que eu encontrei recentemente aqui, o Baé, esse é o apelido dele. Mora em São Paulo hoje. Têm outros que morreram por lá. De vez em quando a gente encontra alguns desses. Alguns talvez desconfiem que eu me tornei mais ou menos conhecido no país todo, mas fora do país não, não sabem bem porque, que diabo foi que eu fiz...

PF – Já escutou falar muito nesse Paulo Freire e tudo, acabou descobrindo que era o mesmo cara que jogava futebol com ele no Morro da Saúde.

*(...) o primeiro foi quando eu saí da barriga de minha mãe.
Esse é o primeiro exílio dos homens e das mulheres.*

O primeiro exílio

PF –Esse possivelmente foi o meu segundo exílio, porque o primeiro foi quando eu saí da barriga de minha mãe. (risos...) Esse é o primeiro exílio dos homens e das mulheres. O segundo foi quando eu saí dessa casa onde eu nasci e fui morar em Jaboatão, e a gente saiu daí por questão de sobrevivência. Foi em plena crise de 29. A gente saiu em 32 daí. Então em Jaboatão, eu cheguei lá no começo, enfim, na adolescência, e fiz grandes amigos, alguns morreram, meninos populares. Em Jaboatão eu tive essa chance de ter amigos e de criar amizades na classe social a que eu pertencço, a que pertencia na época já, e na classe trabalhadora. Quer dizer, eu costumo até dizer que eu e meu irmão éramos meninos conjunção, quer dizer, conectivos, funcionam de ligar uma oração à outra, etc.

Em Jaboatão

A geografia mudou e necessariamente começou a mudar também a compreensão do mundo do menino.

PF – A segunda expulsão foi essa quando eu fui para Jaboatão e fui aí ter, tive, umas experiências assim formidáveis. Em Jaboatão, eu tive o meu primeiro banho de rio, por exemplo, foi em Jaboatão. Mas em Jaboatão eu morava pertinho, na beira de um rio. É interessante ver como a geografia do menino Paulo mudou. Eu saí de um quintal grande e fui para uma geografia em que esse quintal do Recife se alongou em cem vezes. De repente eu estava andando nas áreas rurais de Jaboatão...

PF – No campo, mesmo, e defronte de um rio.

PF -A geografia mudou e necessariamente começou a mudar também a compreensão do mundo do menino. Isso que a gente via chamada a psicologia do menino foi mudando, mudou com a geografia, que mudou a sociologia do menino. Quer dizer, então o aspecto, a natureza, a relação entre mim e o mundo mudou...

(...) tu tens a consciência disso, depois que tu te distancias do momento em que a consciência começou a se gestar.

A consciência da mudança

PF – Não, não tinha essa consciência. Essa consciência, ninguém tem essa consciência. Essa consciência se cria na tua relação com o mundo e com os outros. E quase sempre tu tens a consciência disso, depois que tu te distancias do momento em que a consciência começou a se gestar. Tu ganhas, tu descobres que essa compreensão começou a existir ali, não com a mudança.

A lembrança das professoras

PF – Há momentos em que é preciso salientar os momentos da escolarização no sentido formal.

PF – Em Jaboatão, eu tive uma grande educadora que me marcou enormemente. Foi uma mulher extraordinária, uma mulher que se formou em Direito aos 68 anos, por aí assim. Perto de eu deixar o Brasil até, perto do golpe. Uma grande pianista, uma grande latinista, uma mulher fantástica. Eu fiz o curso primário horrível, os dois anos ou três primeiros no Recife, de Escola Pública, já foram bons e com uma professora excelente, que eu tive depois da professorinha que me introduziu, que tomou a alfabetização que minha mãe e meu pai começaram a fazer comigo, no quintal lá da casa da gente. E ela me introduziu no domínio das letras, etc. e tal. A partir daí eu fui para a escola primária.

A primeira professora

PF – Eu me lembro, claro. Eu me correspondi com ela muito do exílio, mas lamentavelmente, quando eu voltei em 79, ela tinha morrido já. Foi a primeira professora. Chamava-se Eunice Vasconcellos, eu aprendi com ela uma coisa que ela chamava formar sentenças.

PF – Agora, a outra em Jaboatão que me marcou enormemente, essa me preparou para o admissão.

PF – A pianista, e fez isso gratuitamente, ela dava aulas particulares.

A escola instituição

PF – A escola instituição em Jaboatão foi um desastre, não juntou coisíssima nenhuma a mim, nada, entende, que eu sinta, coisíssima nenhuma...

PF – Me obrigou a ler e decorar mecanicamente uma quantidade enorme de nomes de ilhas do mundo todo, não eram só as brasileiras, e nada mais... Agora, essa professora, essa que se chamava Cecília Brandão, essa que me quis muito bem, e um dia ela foi lá em casa. Na casa da gente havia um velho piano, um piano alemão, em que uma das minhas tias tocava Beethoven, Bach, e ela, de vez em quando. Essa senhora ia visitar minha mãe e tocava, uma grande pianista, ela era parenta dessa extraordinária pianista que morreu faz três anos, chamada Tia Amélia.

PF – Essa era Cecília Brandão. Então, um dia, tocando piano lá em casa para se distrair ela me olhou e me disse. Paulo, eu quero lhe fazer um convite, de você ir três vezes por semana lá em casa, de tarde, de duas às quatro, para eu lhe dar, vou lhe ensinar o Curso de Admissão todo. Eu fiquei radiante, porque eu queria muito estudar, mas eu já estava nessa época com quase 15 anos de idade, sem poder entrar em escola, com calças curtas, não tinha dinheiro, minha mãe não podia, meu pai recém morto, falecido dois anos, quer dizer, toda aquela crise que a gente viveu...

(...) essa mulher passou na minha vida me marcando intensamente.

A aprendizagem em Jaboatão

PF – Não tinha ginásio, só tinha o primário, e no Recife só tinha um ginásio. Aí, então, ela me preparou, nunca esqueço. E esse Curso de Admissão que ela me deu, me deu as bases para depois, pouco tempo depois, eu me transformar em professor de Língua Portuguesa. Foi uma coisa que eu gostei muito sempre, de línguas, de fenômenos lingüísticos, tudo isso me tocava muito e a base que ela me deu foi importantíssima. Quer dizer, então essa mulher passou na minha vida me marcando intensamente. Agora, se tu me perguntas: *Paulo, e tuas memórias, assim de menino, a escola tem algo que te magoa?* Nadinha, não tenho nenhuma lembrança...

O saudosista é um sujeito ingênuo, um sujeito que perde a compreensão real da História.

A volta à primeira escola

PF – A primeira professora que me marcou foi dentro da escola formal, num grupo no Recife, um Grupo Escolar que está lá ainda hoje, com o mesmo nome, claro, que chama Matias de Albuquerque, que fica numa pracinha em Casa Amarela, um bairro. E há três ou quatro anos atrás, eu, numas férias no Recife, fui lá com esse amigo de infância de quem eu já falei, o Albino, o cientista, e ele me levou no carro dele. Ele também estudou nesse Grupo, e eu não pude me conter, eu desci do carro e falei com o zelador que estava na porta: *O senhor permite que eu entre aí nessa escola, eu estudei aqui quando eu era menino e eu sei a sala, eu sei a posição da mesinha, eu tinha minha banca.* Ele olhou pra mim e disse: *O senhor vai desculpar, mas eu não tenho autorização pra fazer isso.* Eu fiquei tão inibido, tão decepcionado...

PF - Ele disse: *Eu não tenho autorização para deixar ninguém aqui estranho entrar, a moça não está aí, a diretora, o senhor desculpa, venha cá na hora de aula.* Eu respondi: - *Mas na hora de aula não dá, com tudo funcionando...* Eu agradei e fui embora frustrado...

PF – Mas eu, qualquer dia desse quando eu for ao Recife, eu vou voltar naquele Grupo. Eu visito os locais, entende, onde eu vivi. Eu gosto de ficar parado olhando...

PF – Eu, aliás, vê bem, eu não sou um saudosista. O saudosista é um sujeito ingênuo, um sujeito que perde a compreensão real da História. O saudosista é o homem ou a mulher que em lugar de marchar para o amanhã que ele tem que construir, transformando o hoje, ele recua e se aboleta no passado, para o qual ele gosta de voltar.

(...) eu acho que o melhor tempo é o tempo que você vive, é hoje.

PF – Eu não, eu acho que o melhor tempo é o tempo que você vive, é hoje. Agora, de jeito nenhum isso significa que eu não tenha uma certa sensibilidade e um certo gosto com relação ao ontem que eu vivi.

A adolescência

Eu aprendi um pouco a viver inclusive dentro de uma situação difícil, dentro de uma crise.

O jovem Paulo

PF – Nós saímos do Recife em 32, e minha família foi morar em Jaboatão, e eu deixei isso também claro, numa busca de equilíbrio. No fundo a família fugia de uma crise magicamente. Ela pensava que os 18 Km que separavam Recife de Jaboatão seriam capazes de superar a crise. E nós vivemos então em Jaboatão de 32 a 1941. Voltamos para Recife em 41, e eu então tinha exatamente 18 anos. Esses nove anos de vida em Jaboatão tiveram uma importância muito grande na minha formação e como gente. Eu aprendi um pouco a viver inclusive dentro de uma situação difícil, dentro de uma crise. Quer dizer, eu experimentei uma etapa muito dura, não tão dura ou mais dura do que a de muitos de meus companheiros que tinham uma experiência mais dramática do que a minha, mas uma situação difícil. Com uma dificuldade grande eu consegui já com 15 para 16 anos, entrar no chamado Ginásio. Quer dizer, eu fiz o Curso de Admissão já garotão, com 15 para 16 anos, com calças curtas, mas da altura que eu tenho já hoje, a calça era curta, porque mamãe não tinha dinheiro para comprar calça comprida pra mim, nem eu ganhava dinheiro. Eu joguei muito futebol, eu nadei em rio, eu tive minhas primeiras namoradas, cantei muito nas ruas de Jaboatão, fazia serenatas. Lamentavelmente eu perdi minha voz completamente hoje.

PF – Pois é, eu cantava... Me lembro até que cantei também em programa de valores desconhecidos, ganhei uma vez, fui ganhado na outra.

PF – Calouro, e tentei até ver se conseguia virar cantor na estação antiga, na famosa PRA8, a Rádio do Recife, de Pernambuco, a Rádio Clube, mas não me aceitaram. Era um momento talvez difícil. Foi até bom, porque talvez eu tivesse ficado só cantando em rádio, o que para mim seria uma coisa gostosa também. Esse período de 41 foi talvez o mais rico. Entre os 18 e os 19 anos de idade, exatamente o período em que meus dois irmãos mais velhos e minha irmã ganharam um pouco mais de dinheiro, trabalhando, e com esse dinheiro eles puderam ajudar mais a família e se pôde comer um pouco mais também. E eu me lembro que eu passei a entender tudo muito facilmente. As coisas que eu lia já não eram mais tão difíceis.

(...) nesse período em que eu comecei a entender melhor as coisas que lia, eu também me apaixonei intensamente pelos estudos de gramática da língua nossa (...)

Leituras na adolescência

PF – Olha, nessa época eu comecei a ler um pouco tardiamente em relação a outros jovens, mas aí é que eu começo na verdade a ler Machado de Assis, por exemplo, é que eu começo a ler Eça de Queiroz. Agora, só aí e na medida em que eu conseguia ora livro emprestado ora que eu conseguia comprar, porque também foi nesse período que eu comecei a entender melhor as coisas que eu lia, eu também me apaixonei intensamente pelos estudos de gramática da língua nossa. E estudei muito mais do que pura gramática, me estendi no campo dos problemas de linguagem e me tornei professor de Língua Portuguesa, questão de sintaxe da Língua Portuguesa, com 19 anos, por aí assim.

PF – Eu estava nessa época terminando o curso chamado de Ginásio, daquele tempo e entrando no curso Pré. Eu devo ter sido da última turma que fez um curso chamado Pré. Era o Pré-Universitário. Depois houve outra reforma e se fez o Colegial.

(...) a diferença entre um homem comum, um homem normal, que é o que eu acho que eu sou, e um cara genial, é que os geniais superam às vezes as próprias circunstâncias em que eles estão.

PF - Na época, o Clássico e o Científico substituíam o chamado Pré-Universitário. Era o Colegial. Eu terminei o Ginásio, que era o segundo ciclo, segundo grau de hoje, não é isso? Tinha 19 anos, por aí. Quer dizer, foi um período positivo. Agora, se tu me perguntas se as minhas preocupações no campo social, etc. estavam mais ou menos claras, eu te digo que não. E nisso, inclusive, eu me situo como um moço do meu tempo e não como um cara que fosse genial. Você vê, a diferença entre um homem comum, um homem normal, que é o que eu acho que eu sou, e um cara genial, é que os geniais superam às vezes as próprias circunstâncias em que eles estão. Dentro delas eles são capazes porém de antever, de prever o que pode acontecer. Comigo não, eu vivia normalmente o meu tempo, condicionado por ele, me preocupava, quer dizer, a minha preocupação era que eu sentia que havia muita coisa errada nisso tudo. Uns poucos com muito e muitos sem nada. Não me entrava na cabeça.

A curtição com as garotas

PF – Ah, sim! Engraçado, a curtição foi maior com as garotas de Jaboatão. No Recife, eu não cheguei a curtir garota nenhuma, porque a primeira que apareceu mesmo, é a mulher de hoje, é a Elza. Quer dizer, quando a gente voltou para Recife, quando eu tinha 19 anos, aí eu tive uma noite ou outra que a gente saía, no tempo do *black-out*, da escuridão do Recife, no tempo da Guerra, essa coisa toda, então eu podia ter tido um encontro numa esquina de uma namorada, uma coisa efêmera. Até que eu encontrei com a Elza mesma, para dar um curso a ela.

Paulo por Paulo

(...) eu sei que não sou um poeta, no sentido de fazedor, do homem que surge e do homem que toca na palavra, o homem que manuseia a palavra. (...) Agora eu sou um cara que possivelmente, com mediocridade, sente a palavra.

Um poema

PF – Olha, é capaz de eu aceitar um dia trazer isso aqui e ler no programa e discutir com vocês. Eu talvez perca o pudor, no fundo, no fundo, talvez eu esteja vaidoso ou orgulhoso. Por que é que eu não publico isso, porque eu sei de antemão que esse treco não é poesia. Quer dizer, eu sei que eu não sou um poeta, no sentido de fazedor, do homem que mexe e do homem que toca na palavra, o homem que manuseia a palavra. Eu não sou um poeta, nesse sentido. Agora, eu sou um cara que possivelmente, com mediocridade, sente a palavra. Essa é a grande diferença, e talvez seja por isso que eu orgulhosamente não tenha publicado. Pelo seguinte: porque quando eu publico os livros, então eu posso levar porretada, mas aí é no ponto de vista da análise científica do meu livro, e não um livro de poesia, não um poema. Então, eu publico um treco desses, malham, me malham, e dizem: *olha a pretensão desse velho, cismou de ser poeta...*

Uma coisa é você escrever um ensaio em que você analisa a sua compreensão do ato pedagógico, do ato político, essa coisa, a outra é que você trata o imaginário e se liberta nele inventando coisas (...)

Escrever um romance

PF – Não. Outro dia um amigo me fez essa pergunta, essa mesma pergunta, depois que ele leu um livrinho meu, que eu até gosto também muito, que se chama: **A Importância do Ato de Ler**, onde há na primeira parte em que eu falo muito de mim mesmo, de minha infância, essa coisa, e ele disse: *Paulo, eu acho que você devia marchar, dar um salto*. E minha resposta, a resposta a ele vai ser a que vou te dar. Se eu tivesse realmente talento, eu gostaria pra burro... Agora, só que eu não tenho, mas não tenho mesmo, então não dá. Quer dizer, então: você não pode. Uma coisa é você escrever um ensaio em que você analisa a sua compreensão do ato pedagógico, do ato político, essa coisa, a outra é que você trata o imaginário e se liberta nele inventando coisas que têm que ver com o real inclusive também...

Sertão e Veredas

PF – Ah! Esse livro então era maluquice minha. Eu até me contentava em ser um cara que correspondesse ao meu nível de pedagogo.

As contradições

PF – Pois é, vê como estas coisas, como você tem que compreender as contradições... Mas é que uma coisa é você compreender o limite dela, outra coisa é você vivê-lo, é jogar-se nisso. Quer dizer, eu não tenho é talento para usar esse limite, escrever uma obra, não tenho.

*(...) eu acho que a fortaleza como resposta depende do desafio que eu tenho. (...)
Me senti forte quando aprendi a respeitar as diferenças das culturas por onde eu andei, a respeitar os outros povos.*

Paulo, um homem forte?

PF – É a primeira vez que me perguntam isso no mundo. Puxa, eu diria, sem querer cair em nenhum tipo de relativismo, eu diria **sim** e **não**, depende. Em certas circunstâncias eu não me acho um homem forte, em certas outras eu me acho um homem forte. Quer dizer, então eu acho que a fortaleza como resposta depende do desafio que eu tenho. O que também eu não gostaria de ser era uma pessoa falsamente forte, está entendendo? Inautenticamente forte, que quisesse ser forte diante de tudo.

PF – Ou ter que ser forte. Eu recuso isso. Por exemplo, eu acho que fui relativa ou suficientemente forte para resistir ao tipo de desafio que eu tive quando fui preso. Agora, eu não sei se eu seria suficientemente forte para resistir ao tipo de tratamento de prisão de companheiros brasileiros que eu conheço, e alguns morreram, diante da tortura, por exemplo. Então eu não sei qual é bem o meu limite. Eu me sinto forte com a possibilidade de ter querido, de querer bem aos meus filhos, às minhas filhas, à minha mulher. Me sinto forte, quando criei a capacidade de ficar forte, buscando estudar, buscando compreender o que eu não compreendia, saber o que eu não sabia. Me senti forte, quando agüentei 16 anos de exílio, sem chorumingar.

PF – Sem poder voltar pra casa e sem estar me lamentando todo dia. Me senti forte, quando aprendi a respeitar as diferenças das culturas por onde eu andei. A respeitar os outros povos, entende? Agora, no fundo, eu acho que ninguém é forte ou é fraco. A gente vira uma coisa ou outra em função das circunstâncias também.

A vida forja a gente

PF – É isso, eu acho... Já chorei, já chorei. E não pouco. Agora você veja, isso é outra coisa. Chorar não é razão, não é sintoma de fraqueza, é sintoma de humanidade. De uma humanidade não reprimida.

(...) na verdade, eu sou um otimista inveterado, mas não ingênuo.

PF - Eu não sou um pessimista, tenho uns amigos, até agora na minha visita aos Estados Unidos, em um ou dois dos seminários que eu tive lá, uma ou duas pessoas em diferentes momentos me colocaram essas mesmas perguntas: *mas Paulo, eu leio você, leio tudo que sai em inglês de você, e há uma coisa que eu observo no seu trabalho e nos seus escritos, e observo quando eu ouço você pessoalmente, é que você, apesar de tudo, apesar da experiência de cadeia, apesar da expulsão do Brasil, 16 anos longe do seu país, apesar de tudo isso, você continua o mesmo sujeito animado, acreditando...* Eu me ria e dizia: *na verdade eu sou um otimista inveterado, mas não ingênuo. Eu não sou ingenuamente otimista, eu espero, eu sou criticamente otimista, nesse sentido, eu vou morrer assim.* O que eu não aceito é esse tipo de otimismo que você, porque é otimista, cruza os braços e diz: *não, isso vai chegar.* Isso daí é uma forma de ser fatalistamente otimista, esperar porque vai acontecer. Não, só acontece se a gente fizer.

Eu me exploro na minha possibilidade.

PF – Não, não é preguiça nem é falta de gosto. Por exemplo, se eu, eu fico imaginando alguns talentos que a gente tem nesse país, de escritor, tendo tido a experiência, por exemplo, de andar o mundo, de andar milhagem no mundo, que eu tive, até contar certas estórias que eu vivi, dando certas tonalidades mais literárias. Puxa, eu tenho uma riqueza enorme, mas não dá.

PF – Contar conversando assim dá. Agora uma coisa que eu sempre também exercitei em mim, foi compreender os meus limites, respeitar as minhas potencialidades e não ficar magoado comigo mesmo, nem triste, porque não posso fazer mais do que sou capaz de fazer. Então, isso é bacana, porque eu conheço muita gente que se martiriza tremendamente porque gostaria de ser gênio e não é. O bom é quando o cara gostaria de ser, reconhece que não é, sofre, mas pelo menos não faz doidice...

PF – Não insiste. Trágico é quando o cara gostaria de ser, não percebe que não é, e pensa que é. Aí é um desastre, porque todo o resto do mundo sabe que ele não é...

PF - Só ele que não. Então eu me contento muito com as minhas limitações, então eu as uso. Eu me exploro na minha possibilidade.

Isso eu tenho muito, esse respeito enorme, pelo valor dos outros, pelas pessoas, não é que eu estivesse mitificando o Piaget, mas eu estava constatando uma presença importante nesse século.

PF - Mas em certo momento do processo eu descobri que ou eu deixava a Universidade, a Faculdade de Genève, ou eu deixava o negócio da África. O que não podia era fazer as duas coisas relativamente bem. Num certo momento, eu vi que não dava mais, então eu pedi licença sem vencimentos da Universidade, para ver se mais adiante, porque eu não queria perder o vínculo com a Universidade. Afinal, estava dando aula na Faculdade onde havia trabalhado até recentemente Piaget. Era uma coisa que me satisfazia intelectualmente, com gente muito boa também dentro da

Faculdade. Bem, em certo momento, eu pedi essa licença sem vencimentos e um ano depois, eu vi que não dava, que eu continuava com o mesmo problema, então eu pedi demissão. Mas a Universidade em seguida me deu o Título de Doutor Honoris Causa. E aí foi a última vez em que eu vi Piaget. Porque eu me lembro que na festa, que é muito bonita, é sempre uma solenidade que varia de uma Universidade para outra, umas mais tradicionais, mas é sempre uma solenidade que tem o seu gosto, o seu estilo. E havia uma ex-discípula e ex-assistente de Piaget, uma famosa psicóloga polonesa, e o velho Piaget foi à solenidade para prestigiá-la. Ele tinha muito isso dos velhos Mestres da Europa. Quando eu estava deixando o pátio da Universidade e chegando à calçada da rua, em frente a mim estava parado um Volkswagen pequenininho, de uma ex-aluna de Piaget com ele dentro. Então ele me olhou e eu o olhei também. E eu então me aproximei até o carro onde ele estava, e ele me deu a mão e me cumprimentou, me felicitou pelo título. Eu fiquei com a mão do Piaget presa na minha mão, olhando meio silencioso, sem saber muito o que dizer. Isso eu tenho muito, esse respeito enorme, pelo valor dos outros, pelas pessoas, não é que eu estivesse mitificando o Piaget, mas eu estava constatando uma presença importante nesse século.

Em primeiro lugar, esse negócio de provar a existência de Deus é inviável.

A formação cristã

PF - Tive indiscutivelmente uma formação e uma experiência cristã católica. A minha mãe era muito religiosa, eu te digo talvez que ela não fosse uma beata, nesse sentido, mais quase mágico. Mas minha mãe tinha uma séria e profunda convicção e fé. Morreu sem poder me ver, mas inabalada. Eu nunca vi minha mãe em nenhum período de dureza, inclusive da vida da gente, eu nunca vi minha mãe duvidar. Isso me marcou, seria um absurdo você pensar que um negócio desse não marca. Marca até quando você rompe com isso. Engraçado, isso é outra coisa na minha vida. Eu, eu tenho fé. Se você me disser: *Paulo, você tem qualquer argumento?* Eu digo *não*. Em primeiro lugar esse negócio de provar a existência de Deus é inviável. Cientificamente você não prova isso, não tem como provar.

(...) eu jamais usei a minha crença como instrumento ou para conseguir qualquer coisa positiva para mim ou para me defender.

A crença em Deus

PF – Mas é claro, acredita ou não acredita. Agora, engraçado, comigo... Eu me lembro de um grande amigo que eu tinha no Recife, um médico, muito sério, ele é do Partido Comunista, é médico psiquiatra, um cara bacanêrrimo. Eu me lembro que um dia ele chegou junto de mim, e me disse: *Paulo, uma coisa que eu não posso entender, como um cara que pensa como você, que atua como você, acredita nesse negócio de transcendência.* Eu ri. Se você insistir muito, eu também não sei como, mas eu sou assim. O que eu quero apenas é o seguinte: é que respeitem essa coisa, que inclusive para mim não é contraditória com as minhas posições sociais, políticas. Para mim, não. Eu vivo em completa paz também com relação a isso. Agora, de maneira nenhuma eu jamais usei a minha crença como instrumento ou para conseguir qualquer coisa positiva para mim ou para me defender. Por exemplo, eu nunca, quando estive preso no Recife depois do Golpe de Estado, eu jamais usei a minha crença como argumento.

(...) eu não me considero de maneira nenhuma como uma espécie assim de sujeito de uma grande importância, de sujeito indispensável (...)

PF – Exato. Eu não digo isso com soberba, com vaidades, de maneira nenhuma, pelo contrário, eu digo isso com um senso profundo de responsabilidade. Eu sei, eu não me considero de maneira nenhuma como uma espécie assim de sujeito de uma grande importância, de sujeito indispensável, nada disso, mas eu acho que algumas das coisas que eu tenho dito, que eu tenho analisado, que eu

tenho tentado justificar, têm significação e têm importância. Por exemplo, recentemente eu recebi uma visita aqui de um Professor, um brasileiro no campo da Literatura Brasileira, e ele me disse o seguinte: *Professor, eu recebi um telefonema de Nebraska, nos Estados Unidos, do Gabinete do Governador, dizendo para, por favor, localizar o senhor. O Governador quer falar com o senhor diretamente.* Então conversamos muito, etc. Dois dias depois, eu não telefonei, mas aí o Governador me telefonou. O Governador me chama e me diz: *Professor Paulo Freire, eu sou Governador desse Estado, preponderantemente agrícola, conservador, dizia ele. Acontece que, coincidentemente, eu passo numa livraria por aqui e vejo **A Pedagogia do Oprimido** e eu comprei o livro. E o livro me convenceu de que eu, como Governador, eu devo mudar alguma coisa na Educação do meu Estado, e eu queria, estou telefonando para o senhor vir aqui em agosto. Eu vou fazer uma reunião aqui com alguns Educadores nossos e outros de outros Estados, e queria muito que o senhor estivesse presente, para o senhor ser assim uma espécie de pessoa central dessa reunião.* Eu agradei muito ao Governador, mas disse da impossibilidade, porque o mês de agosto coincide exatamente com o começo do ano acadêmico nosso, etc. Sobretudo porque eu estarei os três, quatro primeiros dias de agosto em Los Angeles, num Congresso sobre Educação, mas eu sugeri, então, um Professor americano, muito bom, muito competente. E ele me disse: *mas de qualquer maneira eu vou a Los Angeles para conversar com o senhor.*

As cartas recebidas

PF - Bem, esse é um exemplo que eu tenho, como esse eu tenho vários, constantemente, certos testemunhos, através de carta. Lamentavelmente eu perdi, não cheguei a colecionar as cartas que eu recebi do mundo todo, comentando esse livro, essa **Pedagogia do Oprimido**, que tem uma estória, interessante realmente, uma estória já autônoma, que já se despediu de mim. Eu estou até pensando um pouco em escrever a própria estória desse livro.

PF - E anexá-la numa edição nova do livro.

PF - Pois é, mas eu devo ter hoje as principais de seis anos para cá. Mas não tenho as que eu tinha, as que eu recebi durante dez anos.

Os livros que escreveu

PF - Não, não perdi a conta. Meus, enquanto eu trabalhei só, aparentemente só, incluindo esse, e aqueles que eu costumo dizer, que falei com Sérgio Guimarães, por exemplo, com Moacir Gadotti, com Frei Betto, e com Fagundes, e com um Professor norte-americano, que está saindo agora nos Estados Unidos e está sendo traduzido no Brasil. São cinco livros falados com outras pessoas, e os outros, eu devo ter quinze títulos com dois que estão por sair.

O livro do cérebro, da cabeça

PF - Em parte é esse também (**A Pedagogia do Oprimido**), mas há um outro livro que no Brasil vendeu sempre menos, chamado **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**, e de que eu gosto também muito. Porque ele foi escrito preponderante e simultaneamente com **A Pedagogia do Oprimido**. Em certos textos, eu acho que ele ilumina mais a Pedagogia do Oprimido. Agora, interessante, o público americano descobriu isso, porque esse livro foi traduzido para os Estados Unidos, e ele vem sendo um best seller, para livro desse tipo, desde que saiu.

A Pedagogia do Oprimido, o livro do coração

PF - Em grande parte ele é.

PF – Este é um livro misterioso, porque ele vende permanentemente em todas as línguas para as quais ele foi traduzido.

PF - Eu, hoje, alguns núcleos dele eu tentaria explicar melhor do que antes.

PF – Eu acho que ampliaria, esclareceria melhor a coisa dita. Mas eu concordo com o livro.

PF – Concordo, houve muita crítica assim, por exemplo, quando o livro saiu, dizendo que *Paulo Freire não faz referência nenhuma ao problema das classes sociais. Ele usa a categoria do oprimido como uma coisa muito vaga*. Mas não é isso. Em primeiro lugar, ano passado ou ano atrasado eu li um texto de uma menina paulista, uma jovem de dezoito anos, paulista, operária, em que ela de repente diz: *o que é o povo?* Ela como operária, ela responde e diz: *o povo é quem não pergunta quem é o povo*. Eu acho uma resposta extraordinária. Brilhante. O povo é quem não pergunta quem é o povo...

(...) quando eu falo em oprimido, eu estou falando é das classes sociais oprimidas.

O povo e a consciência da sua identidade

PF – Não tem dúvida, não tem nenhuma. Agora você veja, quando eu falo em oprimido, eu tenho a impressão que ninguém da classe dominante se inclui aí dentro, e quando se inclui, se inclui de forma um pouco assim abstrata. Eu também sou oprimido porque eu não posso dormir com tanto dinheiro que eu tenho para gerenciar. Isso é uma forma muito gostosa de ser oprimido.

PF – Eu sou oprimido porque não sei onde é que eu vou passar o próximo inverno, se vou esquiar na Suíça ou se vou para a Argentina. É uma forma também de ter problemas. Mas, puxa, não é o mesmo problema do trabalhador que diz: eu não sei bem o que é que a gente come amanhã. Então, quando eu falo em oprimido, eu estou falando é das classes sociais oprimidas.

A terminologia do marxismo nos livros

PF – Eu falo muito em classe operária, em classe trabalhadora, e no livro eu falei trinta e três vezes em classe social. Eu acho que isso é uma crítica às vezes que se faz, um tanto, é como se o crítico dissesse: mas seria tão bom que esse cara estivesse dizendo mais bobagens, para ficar fora do nosso time. Quer dizer, é um treco meio inferior, mas que lamentavelmente existe.

Eu simplesmente não disse a verdade do povo que eu sabia. Isso pra mim não é mentira. (...) era corretíssimo pedagogicamente não mentir.

PF - Por exemplo, quando eu estava preso, eu jamais fiz nenhuma resposta, vê bem, eu não quero com isso também parecer um sujeito formidável, de jeito nenhum. Eu não fui na verdade torturado, quer dizer, eu não sei o limite de minha dor, que eu acho que é muito pequeno. Ao nível de não bater porretada em cima de mim eu não respondi nada que pudesse atrapalhar povo. E então, eu não menti. Eu simplesmente não disse a verdade do povo que eu sabia. Isso pra mim não é mentira. Eu acho que há uma ética também aí. Agora, trabalhando com o povo, como Educador, você não pode chegar lá, por exemplo, eu vou agora para uma área rural ou uma área daqui de São Paulo da periferia, então eu digo: *eu vou agora lá em casa tirar a camisa e botar uma camisa velha rasgada...*

PF – É falso, absolutamente falso. Não posso chegar lá e dizer que moro num cortiço de São Paulo, eu moro aqui, no bairro tal. Essa é a verdade e não tem porque mentir. E com isso inclusive eu

provo, que morando num bairro bom eu também posso ser socialmente solidário, e individualmente solidário com a causa do povo. E cabe ao povo me acompanhar para ver se na verdade nos meus atos a minha palavra se encontra. Esse é que é o problema, é saber se você quando age, a sua ação corresponde ao seu discurso.

No fundo nós somos uma cultura de memória oral, em grande parte ainda.

PF – Agorinha eu tinha dito que não vale mentir. Tinha dito com relação ao jogo dos camponeses no Chile. Eu confesso que eu iria para casa morto de vergonha, se eu agora tivesse dito que aos 18 anos eu já tinha lido pelo menos a metade do Capital de Marx. Coisíssima nenhuma, seria uma mentira que não me deixaria dormir, a não ser que eu tivesse mentido tanto já antes que a mentira já tivesse me domesticado.

PF – Não, na verdade, o que eu li foi isso. Tinha uma coisa que eu adorava já naquela época era a literatura de cordel, do Nordeste. No fundo nós somos uma cultura de memória oral, em grande parte ainda. O cordel tem que ver com isso. Você pega um poeta, daqueles formidáveis poetas do Nordeste que escreve lá o seu poema sobre um fato qualquer do mundo ou do Brasil, e no dia seguinte, você encontra numa construção, por exemplo, o folhetim e um que sabe ler, lendo o cordel que saiu na semana passada para os colegas todos. E aquilo é a imprensa, é o rádio, de uma cultura de memória oral como a nossa. Aquilo também me apaixonava e eu pressentia, quando muito jovem ainda, o valor de um homem como Ariano Suassuna, e Ariano é um homem marcado por essa literatura em sua obra literária. Mas na verdade, por exemplo, aos 19, 20, 21 anos, eu comecei também a ler Gilberto Freire, e não há porque esconder isso. E Gilberto Freyre, eu não tenho dúvida nenhuma, Gilberto Freyre na verdade, do ponto de vista político, do ponto de vista ideológico, tem muito de saudosista do regime escravocrata, quer dizer, um homem aristocrata, agora, não se pode dizer que Gilberto Freyre nem sequer de longe passou por perto de uma perspectiva revolucionária de mudança social. Não, não.

Crianças do povo e a Escola Pública

(...) a Educação, no fundo, torna clara a política de quem está no poder.

As crianças do povo, as dos outros

PF – Esse é um problema maior do que a educação técnica. Isso daí é uma questão de decisão política. Você se refere a essas crianças da rua que não são as nossas. São as crianças do povo.

PF – São dos outros, que a gente chama filho do outro, que a gente chama de menores.

PF – Delinqüentes, isso tem que ver na verdade com o sistema social, político, econômico da sociedade, não há dúvida nenhuma. Inclusive a solução para isso não é educativa em si mesma. Quer dizer, não é a Educação que vai resolver esse problema, mas a solução para esse problema é uma transformação política, social e econômica da sociedade, de que a Educação, ou em cujo processo a Educação entra como uma contribuição indiscutível. Na verdade eu concordo contigo, é um absurdo quando a gente pensa por que o número de crianças brasileiras, que estão fora da escola primária, e a que o Ministro da Educação refere-se constantemente, dá susto, pra não dizer que dá vergonha...

(...) a estatística dá um número, mas não diz onde é que foi buscar...

A infância de ontem e de hoje

PF – Olha, eu tenho a impressão que talvez a gente pudesse dizer uma coisa um tanto aparentemente cínica, mas não é. Eu acho que o Poder Público se comportava diante da infância ontem como hoje, entende? A grande diferença é que os problemas se agigantaram. Você vê a quantidade de gente que mora hoje numa cidade como São Paulo, por exemplo, e por isso mesmo então a problemática de uma cidade como São Paulo, hoje, é muito mais visível do que a mesma problemática que ela poderia ter, com menos ênfase ontem do que hoje, quando ela tinha apenas um milhão e meio de habitantes, dois milhões de habitantes, puxa, não se via tanto. Então, hoje você vê que isso tudo se agrava. Quando eu me referia, por exemplo, a esse problema das crianças populares, quando a gente se refere a números estatísticos, é preciso a gente ter muito claro uma coisa: é que a estatística dá um número, mas não diz onde é que foi buscar...

(...) a solução para esse problema não é dada pela escola, mas a escola contribui para isso.

PF – Não localiza nas classes sociais. Há seis milhões de crianças em idade escolar no Brasil sem escola. Mas nenhum neto meu, nenhuma neta minha faz parte dessa estatística, como nenhum irmão teu, e filho teu, nada. Quer dizer, a nossa classe social não contribui para essa estatística. Essas são crianças do povo, chamemos assim, que estão fora. Quando eu era menino, quando eu era criança, havia proporcionalmente a mesma coisa, só que era menos menino do que hoje. Quer dizer, a população cresceu, mas o fenômeno continua o mesmo. No fundo, acho que o que a gente precisava afirmar é que a solução para isso não é dada pela Educação como muita gente pensa: *ah! O Brasil precisava educar esse povo todo, educar essa gente pra querer trabalhar...* Você já pensou que injustiça tremenda, você dizer que um número extraordinário de gente, sem emprego, no Brasil, é desempregada porque não foi educada pra trabalhar, porque não quer trabalhar? Conversa, não tem emprego porque não tem emprego, não trabalha porque não tem emprego. Então, o que eu queria deixar claro é: a solução para esse problema não é dada pela escola, mas a escola contribui para isso. Por isso é que eu acho que hoje uma das lutas que a gente deveria ter no Brasil é a luta em favor da Escola Pública, melhor, gratuita. É pela Educação gratuita que a gente precisava lutar para obter e para estender ao maior número possível de brasileiros.

(...) hoje uma das lutas que a gente deveria ter no Brasil é a luta em favor da Escola pública, melhor, gratuita.

A Escola Pública

PF – Escola de 1º grau mas de boa qualidade. A gente precisa lutar para melhorar e ampliar a escola. A gente precisa fazer crescer a quantidade e crescer a qualidade da Escola Pública brasileira no 1º grau.

PF – Na verdade não é a Escola, não é a Educação que vai resolver este negócio. E por quê? Porque, de fato, a Educação no fundo torna clara a política de quem está no Poder. Quer dizer, ela tem que ver, portanto, com os interesses, ela está ligada, às vezes ocultamente, às vezes mais claramente. Mas a Educação, a Escola, está ligada aos interesses que são econômicos, sociais, culturais, políticos, de quem tem Poder na sociedade. Isso é certo.

PF – Isso é claro, ninguém pode contestar isso. É uma verdade, como é que agora você vem com esse papo de melhorar, de ampliar, intensificar a Escola? Exatamente, porque aí a gente tem que viver essa questão de aumentar a rede escolar, e de melhorar a rede escolar.

Hoje você tem uma política de classe dominante de corte liberal, onde você tem umas certas ambigüidades.

A qualidade no ensino público

PF – A qualidade vira uma questão política, porque é na verdade uma questão política. Então a gente precisa lutar, brigar. A gente precisa estar ao lado das grandes fatias de massa popular, o povão desse país, reivindicando a Escola Pública. Se você luta politicamente reivindicando a Escola Pública, ela deixa de ser uma doação. Agora ela vem sob pressão de um lado, do outro lado, você tem que compreender que há diferentes, há nuances assim, há uma tonalidade de cor diferente, e com relação a políticas dominantes. O que quero dizer é o seguinte: porque a política dominante pode variar um pouco em função da cor de quem chegou ao Governo. Exemplo, indiscutivelmente que a política dominante durante todo o regime militar no Brasil não estava a favor, nem estava aí para atender as massas populares brasileiras. Era uma política dominante mesmo, de grupo dominante, de classe dominante. E mais, exercitada de uma maneira rigidamente autoritária, reacionaríssima. Se você hoje se pergunta, em torno da política que está no Governo brasileiro, hoje, você tem que honestamente reconhecer que, na verdade, a política geral do Governo é uma política de classe dominante. No fundo, é uma política de classe dominante. Você não pode comparar é a forma de comportamento, de orientação dessa política hoje com a anterior. Hoje você tem uma política de classe dominante de corte liberal, onde você tem umas certas ambigüidades. Você encontra faces do Governo mais para a direita, faces do Governo mais no centro, faces do Governo com um sonho, pelo menos um pouco mais à esquerda do centro, entende? Ora, esse é o momento, eu acho, no qual o espaço político cresce, você tem muito mais área. Se eu pudesse usar assim uma expressão mais simbólica: você tem muito mais rua hoje, você tem muito mais praça, tem muito mais campo para andar politicamente do que você tinha antes, durante o Governo Médici, por exemplo. No Governo Médicis você não tinha nem vielas. Tudo era uma viela. Você entrava e era um beco sem saída. Não dava para sair e nem podia voltar.

(...) indiscutivelmente a Escola reproduz a ideologia dominante, e reproduz o autoritarismo do modo de produção, capitalista, mas não faz só isso.

A contradição da Escola

PF – Preciso explicar qual é a minha posição diante disso. É exatamente a que venho tentando explicar agora. Por exemplo, para mim é uma ingenuidade pensar que a Educação sistemática ou que a Escola faz apenas reproduzir a ideologia dominante. Se fosse assim ...

PF - Essa compreensão me parece muito mecânica. O que ocorre é o seguinte: é que indiscutivelmente a Escola reproduz a ideologia dominante, e reproduz o autoritarismo do modo de produção, capitalista, mas não faz só isso.

PF – Carrega uma contradição, ela carrega uma contradição. E é exatamente nessa contradição que ela carrega ao reproduzir o modelo, que a gente entra como contraditor também do próprio ato reprodutivo. Ora, só estou achando que esta conversa está ficando meio complicada...

(...) a solução também fundamental disso tem que ser com uma mudança radical das estruturas da sociedade.

PF - Por exemplo, eu não tenho dúvida nenhuma que isso tem que ver com a questão de uma política do chamado menor abandonado. E há uma população enorme nessa cidade de São Paulo. Eu tenho a impressão que às vezes nós todos, a má consciência de nós todos, o que gostaria era de tirar esses meninos da rua. Em muitos de nós, o que há é isso mesmo. Tira dos meus olhos, tira dos meus olhos, urbaniza essa cidade. A questão que se coloca, não é simplesmente apanhá-los na rua, como no meu tempo de menino se apanhava cachorrinho, no caminhão chamado de caminhão dos cachorrinhos.

PF - A carroça de pegar cachorro e levar os meninos para botar não sei onde. Não, quer dizer, veja bem, de novo, a solução também fundamental disso tem que ser com uma mudança radical das estruturas da sociedade. Mas eu não quero dizer com isso que os governos não façam nada antes que se modifique radicalmente a sociedade. Você tem que fazer. Agora, é preciso saber que nesse ter que fazer alguma coisa, é preciso ouvir-se, na verdade, o que está na rua. Eu não acredito em nenhuma solução que venha diretamente de cima para eles, porque a tendência, inclusive é a da resposta violenta deles, e eu acho que eles têm razão. Eu passei uma tarde, uma vez, andando com um chamado educador de rua. Há umas experiências muito boas em São Paulo, e conversei com alguns desses meninos. É uma coisa dramática a vida desses jovens, e você não termina isso com uma solução vertical, de natureza autoritária. É complexo o trabalho, eu acho, a situação não é tão simples e demanda engenho e arte, mas, sobretudo, clareza política.

Pré-escola

PF - Em primeiro lugar, eu vejo a Pré-escola como um momento de uma importância enorme na educação da criança. Eu acho que há um ponto que precisa ser muito batido por nós, que é o da capacitação do educador e da educadora.

Poder, capitalismo e conflito

(...) quanto mais as massas populares participarem da política, da política de produção, tanto mais será possível reinventar a Cultura, reinventar a Educação, reinventar a Linguagem também.

A reinvenção do Poder

PF - Eu acho que um dos pontos que se colocam hoje é de se ir além da tomada do Poder. É, tomando-se o Poder, reinventar-se o Poder. E a reinvenção do Poder passa, necessariamente, pela reinvenção da produção, da compreensão do ato produtivo. Eu acho que quanto mais as massas populares participarem da política, da política de produção, tanto mais será possível reinventar a Cultura, reinventar a Educação, reinventar a Linguagem também. Fora dessa participação mais direta, enquanto ficar isso na mão de especialistas que advogam para si um conhecimento fantástico do que o povo deve conhecer, do que o povo deve comer e vestir, o povo fica longe disso e não experimenta. Não se reinventa o Poder. Quando eu vejo que alguém, me diz, por exemplo, que já sabe o que deve fazer, eu começo a duvidar da possibilidade de reinventar. Se você sabe tudo demais já, não tem porque reinventar nada.

O regime capitalista

PF – Eu não considero o regime, o sistema capitalista imobilista. Ele é muito móvel, do ponto de vista das classes dominantes. Quer dizer...

PF – Porque não existe nada que não se mova. Não há nada parado. Tudo está sendo, nada é. Ora, o sistema capitalista tem inclusive uma inteligência em si mesmo. Esse negócio de pensar que o sistema capitalista está se acabando, que está na sua última crise, conversa, eu não acredito nisso. Esse negócio de determinar, de decretar o desaparecimento do sistema capitalista porque a fase posterior é o socialismo, eu acho que não. Imobilismo é pensar que necessariamente o sistema capitalista se acaba e o socialismo vem. Isso é imobilismo de esquerda, é fatalismo libertador, entende, quero dizer, é um fatalismo ao revés. Eu acho, pelo contrário, que historicamente tudo indica que vai ser mesmo, mas é preciso que historicamente, os homens e as mulheres façam a História. E fazendo, se façam e se refaçam. Marx diz isso, não sou eu que estou dizendo. Mas não tem porque não aceitar, que isso é verdade mesmo. Então, quando você diz que eu estou caindo no imobilismo, não, eu acho que o sistema capitalista, pelo contrário, ele tem astúcias maravilhosas. Quer dizer, ele vem defendendo-se, inclusive de previsões do próprio Marx, quer dizer, ele se refez também.

PF – E o próprio sistema se defende. Agora, o que eu quis dizer é que também não havia como esperar que o sistema capitalista se movesse no sentido de respostas aos interesses fundamentais da classe trabalhadora. Mas isso também não significa que o sistema capitalista não alcance níveis, e ele já alcançou, nos Estados Unidos, Suíça etc., níveis de uma modernidade capitalista, em que a sua economia, inclusive apoiada na dependência do capitalismo dependente da periferia, por exemplo, reverte em níveis bem razoáveis de vida do trabalhador, o que em certo sentido também anestesia a classe trabalhadora. Isso existe, isso ocorre.

Crítica à classe trabalhadora do 1º mundo

PF – Não, de jeito nenhum, eu não caio nessa...

PF – Eu não faço a crítica. Por exemplo, eu acho que eu não tenho autoridade para chegar junto do trabalhador suíço e dizer: você não tem consciência de classe, mas eu tenho, a consciência da classe à qual eu não pertença. Então eu acho isso muito arrogante. Agora, eu conversei com muito trabalhador na Europa, então, interessante, quanto mais explorado é o trabalhador, tanto mais ele tem essa consciência. O trabalhador imigrante, na Europa, o trabalhador estrangeiro na Suíça, na França, na Alemanha.

PF - É discriminadíssimo, é muito discriminado, inclusive pelo trabalhador nacional.

*(...) o conflito parteja, é a parteira mesmo da consciência.
O conflito ilumina, o conflito te muda, te reeduca, te educa.
Inclusive você tem que aprender a enfrentar o conflito,
para não se machucar também muito.*

A consciência do conflito

PF – Ele ganha uma consciência no conflito. É preciso que a gente saiba, tem muita gente que tem um medo danado da palavra conflito. Puxa... o conflito, em primeiro lugar, não há vida sem conflito, entende? Não há vida sem diferenças, isso faz parte da dinâmica mesma, da existência

humana. Em segundo lugar, a melhor maneira que você tem de conhecer você mesmo, suas potencialidades, seus limites, é engajar-se, em lugar de fugir. É confrontar o conflito, a situação conflitiva em que de repente você se acha. Vê bem, isto até a nível individual, agora, em nível social é isso também. Eu vou contar outra estória, para mostrar o valor do conflito. Quando no governo do Allende, no Chile, houve um momento dramático, em que o comércio chileno, em Santiago, pelo menos, que é o que eu conheci, na luta, que era de classe, fez suas táticas, em função de sua estratégia e uma das táticas, para criar animosidade do governo do Allende com a classe média, foi a de fazer desaparecer produtos básicos. Aí você veja o que é, na verdade, o poder da luta de classes. Quer dizer, os caras preferiam perder dinheiro a curto prazo, para ganhá-lo a longo prazo. Então, por exemplo, eles passaram a enterrar frangos, galinhas. Não havia um só frango no supermercado, uma só chupeta pra menino... Eu mesmo fiz essa experiência. Eu fui a uma farmácia e pedi uma chupeta e o cara me disse: *não, nós não temos, mas talvez o senhor tenha votado em Allende*. Essa era a resposta que os empregados do comércio eram treinados para dar. Quando o sujeito procurava uma galinha, o cara dizia: *não, não tem galinha, mas o senhor talvez votou no Allende*. Pois bem, mas houve foi uma coisa linda. É que um grupo de operários, os sindicatos, isso e aquilo outro, resolveu naquela crise constituir equipes de pesquisa para averiguar essas coisas, e foi uma dessas equipes que descobriu buracos enormes, lotados de frangos enterrados, e fez a denúncia, e vieram para a praça pública denunciar, etc. Então, um operário que lutou nisso, nessas pesquisas, deu uma declaração num dos comícios, que me foi transmitida por um amigo meu. Ele disse: *em oito dias eu aprendi em política aqui no meu país, em oito dias participando disso, o que até então na minha vida toda eu não tinha entendido*. Na verdade, o conflito parteja, é a parteira mesmo da consciência. O conflito ilumina, o conflito te muda, te reeduca, te educa. Inclusive você tem que aprender a enfrentar o conflito, para não se machucar também muito.

PF – Mostra caminhos e te ensina, sobretudo, uma coisa que eu acho fundamental, que é a noção dos limites da ação. Olha, não tem ação nenhuma, não tem prática, que ao ser programada não esteja o programador prevendo, analisando, discutindo o limite dela. Mas vamos admitir que têm três jovens adolescentes junto a um ingazeiro desses, que se debruça num rio e tem um galho, bacana, e eles topam fazer uma brincadeira que é brincar, um exercício físico, inclusive, que é o de se dependurar num galho desses, balançar pra cá e pra lá e se atirar dentro d'água. OK, bacana. Se houver um adulto experimentado, sobretudo se correr risco demais, ele deve chamar a atenção a esses três prováveis jovens adolescentes com relação a algumas perguntas que eles devem se fazer antes... De começar a brincadeira.

A consciência do limite

PF – Uma dessas perguntas é exatamente o limite que aquele galho tem para suportar o peso sem se quebrar. Segundo é se houver isso, se o galho se quebra e o corpo cai, se a altura em que o corpo vai cair n'água, tem que ver com a profundidade da água que está lá. Mas se isso é válido para descobrir os limites de uma ação sua no campo aí do lazer, isso é indispensável no campo da política. Você tem que ter a consciência do limite da ação e a consciência do limite da sua ação nasce na medida em que você procura compreender o equilíbrio de forças. Não há política sem isso. Isso é uma questão de Poder. Então é preciso você saber qual é a possibilidade de criação de Poder do seu lado, para enfrentar o Poder do lado de lá, que está sentado.

(...) eu não vejo nenhuma possibilidade nesse país hoje, mas nenhum tipo de tentativa de mudança armada, eu não vejo.

PF – Pelo contrário, eu não nego não. Quando eu disse, por exemplo, que tu não podes fazer nenhuma prática tua, que depende apenas de ti, nem dela, mas depende de ti e do outro com quem tu tens que te confrontar. Está claro que a conjuntura histórica, tem que ser analisada aí. Como é que

você vai poder, por exemplo, não tenho medo nenhum de fazer uma afirmação aqui a você agora, que possa parecer a algumas pessoas como uma afirmativa reacionária, mas eu não vejo nenhuma possibilidade nesse país hoje, mas nenhum tipo de tentativa de mudança armada, está entendendo, eu não vejo.

*(...) minha convicção é a seguinte:
é a de que todo processo de mudança
fere interesses arrumados.*

PF – Agora veja, como é que eu vejo isso. Deixa que eu conclua isso. Para mim, teoricamente pelo menos, até hoje, isto aí não é só teórico, é histórico, até hoje na História eu não conheço nenhum caso em que uma sociedade tivesse sido radicalmente transformada, através de uma mesa redonda, em que, aqueles que precisavam mudar para poder ser, se encontrassem com aqueles que não queriam mudar para continuar a ser sós. Agora veja, a minha convicção é a seguinte: é a de que todo processo de mudança, fere interesses arrumados. A questão que se coloca é saber se aqueles que têm o Poder para defender os interesses seus, montados, instalados, cedem ou não cedem o direito, àqueles outros que não têm, a ser. Isso, em certo momento, sempre haverá algum tipo de conflito mais forte.

Antagonismo e o oprimido

O que é sonho de um é pesadelo do outro.

A compreensão da vida social

PF – Não é possível você compreender a vida social fora da existência dos antagonismos, fora da existência dos conflitos. Você querer negar conflitos é cobrir o sol com a peneira. Não dá... Os conflitos, inclusive, geram a clareza. É o conflito que te ilumina, é participar nele que te ilumina. Ora, toda vez que você está a favor de algum sonho, por exemplo, você pensa com, você sonha com uma sociedade menos injusta, você sonha com uma sociedade em que a exploração da força de trabalho tendentemente vá diminuindo, vá mudando, vá acabando. Esse sonho com que, a favor de que você está, necessariamente põe você contra outro sonho, que é o sonho daqueles que, pelo contrário, gostariam de fazer perdurar a sociedade em que a exploração do homem continue.

PF – Não é um pouco não, é tudo isso. O que é sonho de um é pesadelo do outro. E é por isso que quem está no Poder, ao pressentir que o sonho do outro que não está no Poder, pode virar o seu pesadelo, faz o possível para obstaculizar o sonho do outro.

O oprimido hospeda o opressor nele.

PF – Eu acho que nem sempre é assim, mas em certos momentos é. Vou tentar explicar como é que eu vejo isso. Há um certo momento na relação de diferentes, contrários, realmente, que são de um lado os grupos sociais, as classes sociais oprimidas. Do outro, as classes sociais opressoras. Se você quiser diminuir essa palavra, outra forte, opressor, oprimido, as classes sociais dominantes, as classes sociais dominadas...

PF - Há até quem fale de pobres, de menos favorecidos... Carentes, etc. Mas vejam, há um momento nessa transa entre dominante e dominado em que os dominados, que por “n” razões, sobretudo, por exemplo, a falta de experiência na própria luta para ganhar a sua identidade, para

ganhar a sua autonomia, há um momento em que os dominados recebem dentro deles . É agora meio difícil explicar isso, porque na verdade ninguém entra dentro de meu corpo, por exemplo. Mas então aqui é uma expressão assim meio... é um faz de conta...

PF – É figurado, pois na verdade é assim que funciona. Quer dizer, é como se o dominante, o coronel, o usineiro, o mestre de obra, o senhor de engenho, o delegado de polícia, é como se esse Poder, de repente, passasse a viver dentro da gente.

(...) é como se o oprimido ao matar o outro oprimido tivesse matando no outro oprimido o seu opressor difuso, que ele não vê bem (...)

PF – Entranhado, quer dizer, é por isso que eu digo na **Pedagogia do Oprimido**, que o oprimido hospeda o opressor nele. Então, é interessante observar como, por exemplo, nas áreas muito exploradas, em certas áreas faveladas, chamadas marginalizadas, marginais, é interessante observar como os índices de violência, e de violência interna, são índices muito altos, em que todo dia apaga um, não é apagar, vai empacotar, um amanhece morto com uma facada. Olha, sem querer reduzir essas coisas todas a uma interpretação puramente psicológica que não explicaria, a convicção que eu tenho é que, nesses momentos, é como se o oprimido ao matar o outro oprimido tivesse matando no outro oprimido o seu opressor difuso, que ele não vê bem, entende? Fanon, eu me lembrei disso por causa de Fanon mesmo. Fanon refere-se a isso, ele chama isso de violência horizontal. Então, você veja, dá uma olhadela nas áreas carregadas, pesadas, no Brasil todo, não só do Brasil, do mundo, e você vê que esse fenômeno se repete. E é por isso que eu também acho, porque essa violência também extrapola, e o cara mata também a mim, mata você. E eu chamo isso muito mais de guerra de classes do que luta. Eu estabeleço uma diferença meio sutil, até não gosto deste termo, mas não achei outro melhor ainda. Está havendo hoje em São Paulo muito mais uma guerra de classes do que luta de classes. O bacana era que essa guerra virasse luta de classes, quer dizer, era que essa agressão tremenda que está havendo, e dentro dos próprios grupos populares, e dentre eles e alguns de nós, quando somos agredidos, isso e aquilo outro, o bacana é que isso tudo ganhasse a dimensão política, que está lá metida, embutida, mas não visível. Para que então essa clareza iluminasse o caminho para uma reivindicação de mudança fundamental da sociedade.

A responsabilidade quanto à violência do oprimido

PF – Eu acho que essa é uma das responsabilidades das lideranças. Evidentemente que isso não é fácil, mas isso tem que ser inventado. Pra mim aí essa é uma das tarefas político-pedagógicas dos partidos realmente populares e não populistas. Agora, não é fácil. Eu me lembro, também de experiências excelentes que eu conheci no Chile do tempo do Governo Allende e com relação a isso...

Comunidade paulista muito bem organizada do PC do B

PF – Sinceramente, o que eu diria, sem nenhum sectarismo, é o seguinte: é que coisas como essa não podem ser feitas a não ser por grupos militantes de esquerda, sejam do PT, sejam do PC do B, sejam do PCB. Não acredito que gente de direita faça isso. Gente de direita e do chamado centro, para mim os caras que estão no centro, estão na direita, só não querem dizer. Eu não acredito muito nesse negócio de centro, centro-esquerda, centro-direita, etc.

PF – Eu queria deixar claro isso. Acho que isso são tarefas a serem cumpridas por gente da esquerda, às vezes até em posições mais sectárias, menos sectárias, mais autoritárias, menos autoritárias, mas não importa, não pode ser isso tarefa de quem está na direita, de jeito nenhum.

O jogo da metáfora

Na verdade, o grande papel do conceito é possibilitar a significação do concreto a que ele se refere.

A intimidade com os grupos populares

PF - Minha intimidade com os grupos populares foi tão grande que deles eu aprendi uma coisa que eu acho formidável em termos de linguagem. Que é exatamente a capacidade de usar metáforas, quer dizer, de ter uma linguagem simbólica, tanto quanto possível.

(...) isso que a gente pode chamar de sintaxe, de estrutura de pensamento, é profundamente cheia da riqueza das metáforas e das parábolas(...)

A aprendizagem com os operários

PF - Com a minha convivência com o grupo popular, com o camponês, porque se você pega a linguagem popular, e não só no Brasil, a linguagem popular, a construção do pensamento, isso que a gente pode chamar de sintaxe, de estrutura de pensamento, é profundamente cheia da riqueza das metáforas e das parábolas, quer dizer, você pergunta a um camponês, você faz uma pergunta a um camponês e ele te responde, de modo geral, com duas estórias que ele te conta. A terceira é a conclusão.

A diferença entre as linguagens

PF - É a realidade. Eu posso te dar aqui, inclusive, para mostrar a diferença fundamental, por exemplo, entre a linguagem da gente e a linguagem popular, digo, da gente submetida a esse tipo de treinamento intelectual em que o uso do conceito se impõe à gente como coisa fundamental. A tendência da gente é sempre usar o verbo ser e fazer perguntas como essa, por exemplo: o que é uma favela? O que é um mocambo? O que é isso, o que é aquilo?

*(...) a descrição se dá, não do conceito, mas do real.
(...) o homem do povão, esse descreve sempre a objetividade.*

A busca da conceituação

PF - Exato, buscando a conceituação. Então, quando você responde, o treinamento da gente leva a gente, na resposta, a descrever o conceito, distanciando cada vez mais o conceito do que você trata, do conceito a que o conceito se refere. Na verdade, o grande papel do conceito é possibilitar a significação do concreto a que ele se refere. No nosso caso, cada vez mais o conceito fica ganhando distância do concreto. Termina a gente um dia descrevendo uma favela sem nunca ter visto uma favela. Agora, veja, no caso contrário, no caso oposto, quando você faz essa pergunta ao favelado, o que é uma favela, de modo geral, a resposta não é: *a favela é isso*. De modo geral a resposta seria: *na favela nós não tem água*. Aí a descrição se dá, não do conceito, mas do real. Não sei se está claro...

PF - Quer dizer, o homem comum, chamado o homem do povão, esse descreve sempre a objetividade.

O jogo da metáfora

PF - A gente vai descrevendo o conceito dela, entende? Pois bem, essa coisa eu aprendi também muito com o pessoal, com o povão. O jogo da metáfora, por exemplo, vou contar a vocês aqui uma estória deliciosa. No momento em que essa conversa for pro ar, se houver algum grupo de camponês,

de operário urbano, nos escutando, eles vão rir e entender perfeitamente o que eu vou dizer aqui agora. Eu estava há uns anos atrás, depois que eu voltei pro Brasil, em São Luiz do Maranhão, trabalhando com um grupo de intelectuais, de gente muito boa, por sinal, alguns cristãos católicos, outros não cristãos católicos, e todos trabalhando nas sedes, nas comunidades eclesiais de base. E me levaram a São Luiz para eu passar uma semana discutindo com eles a prática deles, para aí encontrar certas respostas teóricas a alguns obstáculos que eles vinham tendo no seu que fazer. E lá pelo terceiro dia, essa questão da linguagem surgiu, e eu então fiz uns comentários teóricos a isso. E, de repente, um dos intelectuais presentes me contou, não, era uma moça, uma freira, me contou o seguinte: que ela participava de uma equipe que tinha proposto a um grupo de camponeses, uma semana, uma reunião, um encontro de fim de semana, para avaliar o trabalho feito. E começou a reunião e os chamados agentes pastorais, que são intelectuais, começaram a falar, fazer análises teóricas. De repente um camponês pede a palavra - e eu agora vou exatamente usar a linguagem, a concordância, a sintaxe camponesa - aí ele disse: *do jeito que vão as coisa, num vai dá pra nós continuar essa conversa, porque enquanto cês aí tá interessado no sal, nós cá (que eram os camponeses, agora imagine, já essa distância) tamo interessado no tempero. E o sal é só um elemento do tempero. Você veja primeiro com que jogo de palavras esse camponês estabeleceu uma diferença formidável entre eles e os intelectuais do lado de lá...*

(...) enquanto vocês, ao procurar a compreensão dos fatos, se fixam na parcialidade, nós aqui, pelo contrário, para compreender os fatos estamos procurando entender a totalidade de que a parcialidade faz parte.

A metáfora

PF – Em primeiro lugar, eles não eram a mesma coisa. Estabeleceram essa diferença: nos aqui, vocês aí. Em segundo lugar, eu acho que não vou trair o camponês para traduzir esse discurso dele na linguagem minha agora de universitário. No fundo, o que ele disse, numa linguagem acadêmica, era o seguinte: olha, não é possível continuarmos esse diálogo, essa conversa, porque, enquanto vocês, ao procurar a compreensão dos fatos, se fixam na parcialidade, nós aqui, pelo contrário, para compreender os fatos estamos procurando entender a totalidade de que a parcialidade faz parte. É isso...

Parábola

PF – Pois é... Do sal e o tempero... Agora, isso tudo, eu aprendi foi com eles, grande parte da minha vida. No fundo, eu tive uma infância onde a minha convivência com os guris, com os meninos, operários, camponeses, etc., foi grande, depois, como eu disse a vocês, em certo momento da minha mocidade, eu me reencontro com o mundo operário através do trabalho do SESI.

PF – Vou te contar outra dessas estórias, que eu acho uma beleza, desse mesmo grupo com quem eu trabalhava em São Luiz. Um dos agentes pastorais disse rindo: *eu também tenho uma estória para contar sobre esse problema da linguagem, que é a seguinte: eu descobri uma comunidade camponesa aqui, perto de São Luiz. Eu procurei então entrar para ver se podia desenvolver um bom trabalho por lá. E fui lá uma primeira vez, uma segunda, uma terceira. Até que afinal, na reunião deles, de repente, o líder me olha e diz: olha, companheiro, se você tá vindo aqui, pensando que vai ensinar nós a derrubar o pau, não precisa porque nós já sabe. Agora, o que nós quer saber é se você vai tá aqui na hora do tomo do pau.*

(...) essa é uma conversa em busca da solidariedade política, social, humana, que está lá nessa linguagem bonita.

A busca da solidariedade

PF – Essa é uma estória maravilhosa. E me disse o intelectual que ficou um pouco perdido, e que durou tempo para entender o que estava por detrás desse discurso, cheio de metáforas. A tradução é a seguinte: *ora, meu companheiro, se você vem pra aqui pensando que vai ensinar a gente que a gente é oprimido, não precisa, porque é a própria experiência da opressão que já ensinou. O que a gente quer saber de você é se, na hora que a polícia chega aqui desandando porrete, a gente quer saber se você tá conosco ou não. Esse negócio de vir pra aqui agora para ensinar o que a gente já sabe, não dá. A gente quer saber se você é solidário mesmo.* Quer dizer, essa é uma conversa em busca da solidariedade política, social, humana, que está lá nessa linguagem bonita.

Saber teórico, saber do povo

A minha postura considera que é absolutamente indispensável o saber teórico, mas considera que não é possível nem desprezar nem desdenhar a sabedoria popular, mas admite e reconhece, por exemplo, que seria uma idealização da sabedoria popular você pretender que a massa popular ficasse só nela.

Os basistas e sua visão de mudança no campo

PF – Eu conheço alguns intelectuais que a gente chama de basistas, para quem só a prática vale. Então, a tendência de gente assim é idealizar as massas populares, os grupos populares, os camponeses, os operários urbanos. É idealizá-los e meter dentro deles a virtude e a sabedoria, e diminuir, e até negar a importância da teoria, por exemplo. E é interessante, até hoje eu nunca encontrei um homem, realmente do povo, que fosse basista. Nunca, eu só encontro basista intelectual. Quer dizer, é o intelectual pequeno burguês, que vai para a massa popular, chega lá, idealiza a massa popular, mais em função inclusive de sua presença também. Essa posição pra mim, ela é anti-revolucionária, inclusive. Mas há outra posição antagônica, quer dizer, não antagônica essa, quer dizer, tão ruim quanto essa, é a visão teoricista, é aquela que põe toda a verdade no meio dos intelectuais. Toda a sabedoria é a ciência, é a ciência que resolve tudo... Então, há uma separação real em ambas essas posições: entre a prática e a teoria. O que fazer e a reflexão sobre o que fazer. Então, para esse segundo grupo de gente, a verdade está na Academia só. Então, eu acho que essa posição também é errada. Para mim elas são ambas autoritárias. Para mim, o contrário de ambas é saber, por exemplo, que a prática em que está envolvido o povo, em que estão envolvidas as massas populares lhes dá uma certa sabedoria. Resulta da sua experiência um certo saber sobre o mundo. Esse saber sobre o mundo não pode ser menosprezado por mim, mas eu não posso ficar ao nível dele apenas. Eu não posso trabalhar com as massas populares a não ser partindo delas. Ora, uma dessas coisas que às vezes os militantes políticos se esquecem, os educadores autoritários sempre, é que o seu aqui e o seu agora, são quase sempre o lá e o amanhã do educando. E o educador tem que partir não é do seu aqui e do seu agora, é do aqui e do agora da massa, para vir com ela não para o aqui do educador, mas para um ali também. O que eu quero deixar claro, é que a postura elitista recusa definitivamente o aqui dos outros. Desdenha e considera como coisa degenerada. Quer dizer, o saber popular é uma degenerescência... A postura basista renega a teoria e considera que toda a teoria é um atrapalho

apenas para a prática. A postura basista, então, hipertrofia o valor que existe na sabedoria popular. A minha postura considera que é absolutamente indispensável o saber teórico, mas considera que não é possível nem desprezar nem desdenhar a sabedoria popular, mas admite e reconhece, por exemplo, que seria uma idealização da sabedoria popular você pretender que a massa popular ficasse só nela. Enquanto os intelectuais pudessem entender Max e Hegel, e outras coisas, e a massa popular, nada, o que ela tem que fazer é trabalhar mesmo. Para mim, não. Por isso é que eu acho que entre vários direitos que as classes trabalhadoras têm, há dois muito fundamentais. O primeiro deles é o de viver mesmo, de comer com alegria, é o de vestir, é o de dormir. Estes são os direitos fundamentais. Mas depois de satisfeitos esses direitos, há dois direitos, e simultaneamente com a satisfação deles, há dois direitos que eu acho absolutamente importantes: o primeiro é o direito de saber melhor o que já sabe. O que é que significa saber melhor o que já sabe? Significa ir mais além do saber popular, que essa massa guardou e aprendeu com a própria experiência. Segundo é o direito de participar da produção, direta ou indiretamente, da produção do saber que ainda não existe. Esse é um degrau bem mais distante, bem mais difícil, porque, inclusive para que isso haja, é preciso que a massa popular cada vez mais participe, no sentido concreto dessa palavra, dessa expressão, participe da própria produção, da política de produção da sociedade. Agora, isso numa sociedade burguesa é inviável, e para mim é um sonho de uma sociedade socialista.

A crença em Deus e o Fatalismo

A única coisa que eu advogo fortemente, e isso aí eu defendo com uma postura global para um processo de mudança radical de qualquer sociedade, é o direito que as pessoas têm de acreditar em Deus.

Marxismo e transcendência

PF – Se um marxista, veja bem agora em que situação tu podes pôr um amigo meu marxista ortodoxo. Se um amigo meu marxista ortodoxo te ouve dizendo isso, ele vai rir e dizer: o Paulo Freire não pode ser um marxista, no tipo de postura que eu tenho, porque o Paulo Freire acredita na transcendência. Quer dizer, no momento em que o Paulo Freire acredita na transcendência, o que é que isto vai significar de um ponto de vista de um marxista? Vê bem, no momento em que você acredita na transcendência, você acredita em algo que é a priori da História, está entendendo? É algo que está antes da História, e se você acredita em algo que está antes da História, você não pode ser rigorosamente um marxista, está entendendo? Precisamente porque, para um marxista sério, que entendeu Marx, é exatamente na História que a gente se faz.

PF – Exato, é onde estão as implicações, e nada mais além da História, nem antes dela. Agora, como é que eu me saio dessa, entende, porque eu acredito nessa coisa, eu até digo a alguns amigos que eu tenho que não crêem na transcendência, não crêem em nada além do corpo, nada além do cadáver, não sobrevivem ao cadáver, eu sempre digo: *Olha, eu tenho uma vantagem formidável sobre vocês. É que ao morrer, se eu só for o cadáver, não sei, e se eu for mais do que o cadáver, eu não vou ter susto, mas você vai ter.* Então eu levo a vantagem, e eles riem... Mas para nós a vantagem ainda é maior, porque o susto é algo absolutamente indispensável à existência, à vida. Então a vida além da vida se explicaria pelo próprio gosto de se assustar, e de assustar também os outros.

Os marxistas duvidam de vida além da vida?

PF – Não, os rigorosos não. Agora veja, como é que eu me saio dessa, a mim não me preocupa muito. Por exemplo, quando você pega as análises de Marx, o método de análise de Marx, a

instrumentalidade científica de Marx, quando você estuda, por exemplo, o problema das classes sociais, que tem muita gente que pensa que foi Marx que inventou isso. Não foi, ele só constatou isso. Afinal de contas, quando você aprende com a análise dialética de Marx a compreender melhor a sua própria crença, quer dizer, a mim nessa altura não me interessa saber, não me interessa perguntar se Marx ou os marxistas estão preocupados ou não com transcendência. A única coisa que eu advogo fortemente, e isso aí eu defendo com uma postura global para um processo de mudança radical de qualquer sociedade, é o direito que as pessoas têm de acreditar em Deus.

*Eu não posso aceitar que se use Deus, pra dizer a quem não come que tenha paciência, porque dele vai ser o Reino dos Céus depois...
Eu acho que isso é safadeza.*

PF – Ou no que seja, e é o direito que as pessoas têm de não acreditar em nada, o que vale dizer, é o dever de qualquer tipo de Estado, de respeitar as posições de crença ou de não crença. Agora, se porém eu usasse a minha crença em Deus, distorcendo-a para atrapalhar a reivindicação dos direitos legítimos das massas populares, então aí eu acho que não tinha justificativa. Eu não posso aceitar que se use Deus, pra dizer a quem não come que tenha paciência porque dele vai ser o Reino dos Céus depois... Eu acho que isso é safadeza.

PF – Ou porque Deus quis assim, porque Deus não quer nada disso.

Fatalismo

*Aí vem o fatalismo, um total, que é também um dado fundamental da ideologia dominante.
(...) no momento em que esse fatalismo rompa-se totalmente, não há como se sustente o Poder, o poder abusivo do Poder, junto às massas populares.*

Estória contada pelo mundo

PF - Eu vou contar pra vocês uma das minhas estórias, rapidinho.

A única possibilidade certa era aceitar a posição deles, portanto ficar com eles para, partindo deles ou do nível em que eles estavam, passar a desafiar a própria posição em que eles estavam.

PF – De vez em quando sai uma. Eu vou contar essa que eu acho muito boa e faz parte da minha experiência inteira como Educador. E de vez em quando eu conto essa estória em seminários na Europa, nos Estados Unidos. Ela deve ter sido muito repetida, inclusive na Europa e nos Estados Unidos, porque eu conto muito. Uma vez, há anos atrás, se tu me perguntares o ano, eu não sei mais, mas numa área camponesa do Nordeste, eu estava trabalhando com um grupo de camponeses. Num papo com eles, uma discussão, e de repente, rapidamente, cinco minutos de debate, dez, então houve um enorme silêncio e um deles depois rompeu o silêncio e falou em nome dos demais e disse: *Doutor, nós quer pedir desculpa a Vossa Senhoria, porque nós tava falando.* Isso é dramático, como é que tu podes, num parênteses, como é que é possível, um cara que tenha a mínima consciência moral, achar que um diálogo como esse, que uma postura como essa, coincide com a fé que o cara tenha, por exemplo. O cara disse pra mim: *Doutor desculpe porque nós tava falando, e nós não pode falar, só quem pode falar aqui*

é vosmecê. Veja, toda a ideologia dominante, a distância, é muito complicado. Aí eu disse: *como é que eu me saio?* Vou contar a vocês a estória de como eu me saí, pedagogicamente, politicamente. Eu disse para eles: *muito bem.* Antes eu teria aí duas formas de errar absolutamente: a primeira era dar um esbregue neles, metido a militante brabo, político brabo, revolucionário. A segunda hipótese de errar era achar que aquilo era bacana, o sujeito me respeita, me quer bem, aí eu é que continuava falando. Qual era o caminho único certo? Eu comecei a aprender aí, em termos de Educação, em termos de Teoria do Conhecimento. A gente até já fez um pouco de referência a isso aqui, num dos diálogos nossos. A única possibilidade certa era aceitar a posição deles, portanto ficar com eles para, partindo deles ou do nível em que eles estavam, passar a desafiar a própria posição em que eles estavam. Então eu disse: *muito bem, OK, eu desculpa.* Você veja, é dramático você aceitar um treco desses. Eu disse: *muito bem, eu desculpo vocês, agora eu queria então fazer uma pergunta, quer dizer, eu aceito que eu sei e que vocês não sabem, mas agora eu pergunto: por que é que eu sei e vocês não sabem?* Então vejam, Toninho e Marlene, isso foi uma coisa bonita porque eles me tinham pedido desculpas, porque estavam conversando, porque estavam debatendo comigo. Eu aceitei a desculpa deles, mas imediatamente...

PF – Devolvi e os trouxe ao debate de novo, e não houve solução de continuidade, quando eu fiz a pergunta, primeiro eu aceito a postura deles, mas ao aceitar eu faço a pergunta: *Por que é que eu sei e vocês não sabem?*

(...) um dado interessante, ideológico também, que é o da identificação da escola com o saber, o que é uma identificação da classe dominante. Indiscutivelmente está no corpo da ideologia dominante.

PF – Aí a resposta, a resposta eu nem imaginava qual era. A resposta veio e foi a seguinte: *O senhor sabe e nós não sabe, porque o senhor passou pela escola.* Veja aí um dado interessante, ideológico também, que é o da identificação da escola com o saber, o que é uma identificação da classe dominante. Indiscutivelmente está no corpo da ideologia dominante. Eu aí disse: *muito bem, então eu sei porque eu passei pela escola, (eu repeti a resposta para deixar claro) porque eu fui à escola e vocês não foram. Mas por que eu fui à escola e vocês não foram?* Resposta imediata: *o senhor foi à escola, porque seu pai pôde e os pais da gente não puderam.* E eu aí disse: *e por que o meu pôde e o de vocês não pôde?* Resposta: *porque o pai da gente era camponês.* E antes de eu perguntar mesmo o que é camponês, eles definiram o camponês e disseram: *o camponês é o que não passa na escola, é o que não aprende, é o que não sabe, é o que não tem doutor pros filhos nem pra mulher, é o que morre cedo.*

(...) no momento em que esse fatalismo se rompa totalmente, não há como se sustente o Poder, o poder abusivo do Poder, junto às massas populares.

O conceito a partir da caracterização

PF – Exato, é a definição do objeto, do real, e não do conceito, é do real. Eu aí disse: *muito bem, e por que é que o meu pai, que não era camponês, eu repeti, pôde e o camponês, só porque é camponês, não pôde?* Aí houve um silêncio, eles ficaram assim um pouco em busca, batiam um no outro assim no ombro, e em seguida veio a resposta e um disse: *É porque Deus quer assim.*

PF – Aí vem o fatalismo, um total, que é também um dado fundamental da ideologia dominante. Você imagina o seguinte, no momento em que esse fatalismo se rompa totalmente, não há como se sustente o Poder, o poder abusivo do Poder, junto às massas populares. Então aí eu disse: *muito bem, agora, e quem é Deus?* eu perguntei. A resposta: *Deus é o Pai da gente, o fazedor do mundo.* E eu: *muito bem, então eu tenho uma pergunta: quem é pai aqui?* Todos eram.

PF – Aí eu disse: *Então a pergunta agora vai ser a seguinte: você aí, quantos filhos você tem?* Ele disse: *Tenho cinco.* Bem, a pergunta é a seguinte: *Você era capaz de botar quatro filhos aqui no cambão, na fome, na dor, na miséria, para um só ir pra Recife, com pensão, roupa lavada, estudo, faculdade, e os quatro daqui morrendo pra sustentar o um que estava lá no Recife?* Ele diz: *Ah, não, não sou capaz de fazer isso.* E eu: *Ah! mas vem cá: e como é que você, que é pai, pai no mundo, pai na terra, pai gente, pai que morre, não é capaz de discriminar um filho, como é que você pode pensar que esse Pai lá de cima, que pode tudo, que fez o mundo, que fez tudo, possa fazer uma safadeza dessa. Quer dizer, botar meia dúzia de caras feliz e o resto na miséria aqui, tudo filho dele, e meia dúzia vive gozando na Europa, e vocês aqui morrendo. Será que dá pra entender esse tipo de Deus, ou esse Deus que vocês estão criando aí devia sumir. Porque tem paciência, nesse Deus eu não acredito...*

Não, eu não meti nada na cabeça dos camponeses. Saiu da cabeça deles. O que eu fiz foi argumentar.

A reação

PF – Foi uma coisa linda, calaram, olharam assim um pro outro, balançaram a cabeça e disseram: *Não, não é Deus não, é o patrão, não é Deus, não pode ser Deus.*

PF – Olha, essa foi a primeira experiência usando esse argumento, esse papo. E vê bem, eu não tenho dúvida nenhuma de que possivelmente algumas pessoas que estão escutando a gente aqui agora digam: *você está vendo, a maldade desse Paulo Freire, as perguntas que ele fez, ele meteu na cabeça...* Não, eu não meti nada na cabeça dos camponeses. Saiu da cabeça deles. O que eu fiz foi argumentar. E eu gostaria de perguntar a alguém que pense que eu meti na cabeça, se na verdade é possível conceber a existência de um Deus que faça um treco desses. Quer dizer, não dá, eu pelo menos não posso conceber...

PF – Que discrimine esse povo. Agora, veja, possivelmente aí essa outra, essa hipotética pessoa que no fundo é uma reacionária, irá dizer o seguinte: *mas Deus faz isso para provar a capacidade de amar que esses camponeses devem ter, de amar a Ele.* Você já pensou, um Deus que testa? É o caso de eu perguntar: *será que há algum pai que deixe um filho de fome um dia todinho para saber se ele ama o pai? Será que há isso? Que há uma mãe que faz um treco desses?* Ora, se não faz ao nível da carne, como é que pode fazer ao nível da transcendência, ao nível da bondade, ao nível do amor total?

PF – Um amor perverso. Mas essa foi a primeira vez que eu trabalhei uma coisa como essa. Agora, isso tem que ver com o resto, com a busca, com a indagação, com o desenvolvimento de uma curiosidade, com o desenvolvimento do raciocínio. Mas há algo nessa estória ainda que eu acho interessante sublinhar. Você imagina que maluquice minha seria se, naquela manhã de domingo não sei de que ano mais, eu tivesse dito: *mas vem cá, não é nem sequer esse patrão teu daqui, a culpa disso tudo está no Imperialismo.* Não dava.

Teria rompido todo o diálogo...

PF – Todo o diálogo.

Como é trabalhar isso

PF – Está bem, vou dizer. Eu nunca fiz, inclusive, mas isso aí é uma questão de Teoria do Conhecimento. A questão de método de conhecer, uma questão de programação, dos conteúdos científicos que fazem isso. Você não pode, há um ponto que você pode afirmar sem medo de errar, é que você não pode chegar lá e simplesmente naquele dia e falar no imperialismo, nas etapas do imperialismo, não dá.

E aí você vai ver o uso do capital, o uso dos bens de capital, toda aquela coisa que você tem dentro de uma compreensão primeira e imediata do ato de produção, até que a pouco e pouco se chegue, o cara discute e mais adiante ele vai entender concretamente esse negócio da mais valia (...)

PF – Eu sempre falei muito por metáfora, porque isso eu aprendi com eles, mas naquele momento, mesmo metaforicamente, não dava para você chegar a uma análise desse tamanho. Agora, o que você teria que fazer, indiscutivelmente, você teria que começar a discutir com eles. Isso um bom economista faria com facilidade, você teria que fazer uma discussão de como eles se inseriam no ato produtivo, dentro daquele engenho, por exemplo. E aí você vai ver o uso do capital, o uso dos bens de capital, toda aquela coisa que você tem dentro de uma compreensão primeira e imediata do ato de produção, até que a pouco e pouco se chegue, o cara discute e mais adiante ele vai entender concretamente esse negócio da mais valia, a engrenagem. Agora, não apenas através do discurso, isso é que é, mas através da análise da própria prática do cara.

A Educação e o Professor Leigo

Não cabe à pedagogia decidir se a escola vai ser melhor ou pior, a decisão não é pedagógica, a decisão é política.

O que falta à Escola para vencer o artificialismo

PF – É, está faltando muita coisa realmente, inclusive está faltando para mim, sobretudo, a decisão política de fazer a escola diferente. Não cabe à pedagogia decidir se a escola vai ser melhor ou pior, a decisão não é pedagógica, a decisão é política.

A Escola atrasada do processo

PF – Não brigo por ela numa absolutização ingênua. Eu acho que dizer que a gente chega um dia a empatar na luta 0x0, não dá, não dá pelo seguinte: porque a própria estruturação formal da escola a põe sempre um pouco atrasada do processo cá de fora.

PF – Eu acho que a gente teria que conseguir era diminuir essas distâncias. Mas isso é, na verdade, uma decisão política e também isso tem que ver com as modificações infraestruturais da sociedade. Vocês imaginem, faz oito dias hoje que a essa hora eu estava participando de uma banca de exame na Universidade Católica, de uma dissertação de Mestrado.

O que é Mestrado e Doutorado

PF - Vou explicar, depressinha, o que é esse negócio de Mestrado, para quem está me ouvindo e que não tem experiência de linguagem assim acadêmica. O sujeito faz o curso, entra na Universidade, por exemplo, faz o seu exame de admissão à Universidade, entra no primeiro ano de Pedagogia, segundo, terceiro e quarto, termina o que se chama o seu Curso Fundamental de Educação. Então aí ele se matricula de novo na Faculdade, ele apresenta um projeto de pesquisa etc., passa mais três anos lá, ou dois, estudando, fazendo uma série de cursos, de estudos, lendo um bando de coisas, seguindo orientação de um Professor, de uma Professora. Depois um dia ele escolhe um assunto, e pesquisa sobre esse assunto, escreve um trabalho às vezes muito grande, às vezes pequeno, não cabe

aqui discutir. Isso se chama dissertação de Mestrado. Então o cara depois vai para uma Mesa de Exame, que tem três Professores que vão arguí-lo, e ele vai defender o que ele escreveu. Depois, se ele é aprovado, ele é considerado Mestre em Educação, ou em Matemática, ou em Física, etc. Depois disso tem outro degrau ainda na Universidade, que se chama Doutorado.

(...) a gente tem que compreender a infraestrutura profundamente atrasada, as forças produtivas estancadas.

O Professor

PF - Bem, na semana passada, oito dias hoje, eu fiz parte de uma banca que examinou um jovem muito bom, muito competente, muito humilde, intelectualmente humilde, bacana o sujeito, de Piauí.

PF - A dissertação dele, o trabalho dele, foi uma pesquisa feita, no Piauí, entorno do chamado professor leigo. O universo, a quantidade de professores leigos no Piauí é de 6.300, por aí assim, está na tese dele, ganhando, no ano da pesquisa, que foi dois anos atrás, entre 4.000 cruzeiros e 10 mil cruzeiros. Você já imaginou? Ele usou um método de pesquisa muito interessante, que é o que ele chama de testemunho de vida. Quer dizer, cada pessoa vai e fala o tempo todo e grava, sobre si, sobre sua opção. A maioria esmagadora dos professores ouvidos afirmava que tinha caído na profissão de ser professor leigo para sobreviver, porque o chefe político não tinha outro lugar para botar o cara para trabalhar, então botou como professor. Quase todos eles declaram isso. Por outro lado, você veja o seguinte, que enfrentar este problema tem que ver com a escola a que você está se referindo, porque inclusive é uma coisa dramática, mas esse fenômeno existe também no Sul do país. Paraná conhece também o professor leigo, Santa Catarina também, Rio Grande do Sul também, São Paulo não sei, deve ter um nível maior.

PF - Mas voltando, você não pode sequer fazer uma crítica assim dura aos vereadores, aos chefes políticos, aos prefeitos, que começam a encher, a nomear. Claro que a gente tem que criticar isso, mas a gente tem que compreender a infraestrutura profundamente atrasada, as forças produtivas estancadas. Então a política necessariamente numa estrutura como essa passa a ser clientelista.

(...) a decisão política é absolutamente indispensável. É possível você fazer um trabalho, não para transformar esses professores leigos em doutores de nível acadêmico, não precisa, nem podia. Mas é possível aproveitar a sabedoria da vida que eles já têm, independente da sua experiência escolar.

A ausência de formação pedagógica do professor leigo

PF - Por isso é que para mim, inclusive no momento atual nosso, é possível fazer um trabalho. E o moço nessa dissertação aponta certas possibilidades disso. É possível você fazer um trabalho, não para transformar esses professores leigos em doutores de nível acadêmico, não precisa, nem podia. Mas é possível aproveitar a sabedoria da vida que eles já têm, independente da sua experiência escolar. E, partindo dela, melhorar os seus conhecimentos enormemente, que é possível. Para isso, porém, você precisa de decisão política. É isso que eu volto à coisa, a decisão política é absolutamente indispensável. O educador, ele fica ao nível do que ele escreve. Quem faz as escolas, na verdade, não são os filósofos, mesmo quando estes sejam fundamentais para desenhar modelos, pedagogias, propostas pedagógicas etc., mas é preciso que haja decisão política, do querer fazer. Se não, o filósofo fica ao nível de uma escola particular. Quer dizer, você bola um treco bacana e depois você faz a experiência com dez alunos que pagam. Quando você quer fazer a generalização, a decisão política se impõe. Agora, evidentemente, não dá aqui, nessa conversa de hoje, pelo menos, para a gente ir

concretamente a uma série de aspectos que eu veria na escola nossa. Mas eu não sou pessimista, eu acho que a gente deve continuar brigando. Por exemplo, esse deve ser um capítulo importante na Constituinte, a discussão em termos gerais. Porque eu acho também que não vai caber na Constituição fazer o desenho da escola básica brasileira, mas traçar a política educacional do país.

PF – Às vezes você dá um passo na frente, mas depois corre e vem para trás para empurrar de novo os caras que estão meio parados...

A escola com a qual eu sonho precisa de um lado saber o que se está gerando na prática popular, que se está gerando no campo, por exemplo, na periferia das cidades grandes, precisa desse saber que nasce das mudanças que os oprimidos têm para poder continuar vivendo.

PF – Eu acho que a escola com a qual eu sonho, não pode desistir desses dois saberes. A escola com que eu sonho, eu vou explicar isso melhor. A escola com a qual eu sonho precisa de um lado do saber que se está gerando na prática popular, que se está gerando no campo, por exemplo, na periferia das cidades grandes, precisa desse saber que nasce das manhas que os oprimidos têm que ter para poder continuar vivendo. Se os oprimidos não virarem manhosos, inclusive do ponto de vista biológico, do ponto de vista físico, do corpo. Você já imaginou um corpo de oprimido que não fique manhoso, como é que agüenta dormir na lama, ou perto da lama, como é que um corpo do oprimido que não se imuniza, que não fica manhoso, agüenta muriçoca aos montes. E o povão que está lá na beira do mangue, no Nordeste, está sendo picado de maruim, de mutuca, de tudo isso que tem por aí e o corpo vai absolvendo tudo isso. Isso é o que eu chamo de manha. E a manha do oprimido é a manha que se dá no corpo ao nível da biologia, da fisiologia, é a manha que se dá ao nível da psicologia também. É a manha que se dá ao nível da cultura, de um modo geral. É preciso entrar nessa escola com a qual eu sonho, é preciso conhecer essas manhas, que ao mesmo tempo são saberes e geram saberes. Mas por outro lado, não pode prescindir do saber que a academia também cria, que a academia também gera, que a ciência, que é o saber científico. Não pode prescindir da formação mais rigorosa, mais precisa, inclusive dos meninos dos mangues. Vê bem, os meninos dos mangues, os meninos populares, os meninos discriminados precisam também desse saber mais rigoroso, precisam aprender Matemática, precisam aprender Biologia, precisam aprender tudo que os meninos ricos também aprendem. Há quem pense, por exemplo, de um ponto de vista reacionário, obviamente, que você pode fazer escolas de pobres e escolas de ricos. A escola para os pobres seria exatamente aquela escola de meias verdades. Isso a classe dominante faz.

Eu só discordo deles no momento em que eles acham que o ponto de partida é esse saber deles, e para mim, o ponto de partida para alcançar esse saber nosso é o do saber dos meninos, é o saber popular.

O sistema que está aí

PF – Eu acho que é, com disfarces. Agora, eu acho que a criança popular tem o direito de saber. Tem educador também progressista, do meu jeito, que eu acho que eu sou, mas que para mim se equivocam um pouco. Eu concordo com eles enquanto, por exemplo, eles afirmam que as crianças populares têm o direito de aprender a ler, têm o direito de aprender Matemática, têm o direito de aprender História, Geografia, até aí estamos iguaizinhos. Eu só discordo deles no momento em que eles acham que o ponto de partida é esse saber deles, e para mim, o ponto de partida para alcançar esse saber nosso é o do saber dos meninos, é o saber popular. Eu não considero a sabedoria popular

como uma distorção, como uma coisa errada. Não, eu considero a sabedoria popular como um saber ao qual falta o conhecimento da razão de ser dos fatos sabidos. Agora estou muito complicado, vamos desenrolar. Por exemplo, vocês se lembram de uma estória que eu contei. Não, eu acho que não contei a vocês. É a estória que eu contei da experiência que eu tive com os camponeses que pediram licença a mim, e pediram desculpa porque estavam falando muito. Eu contei isso. E eu perguntei porque e eles disseram: *não, nós não temos o direito de falar.*

PF – A estória é muito comprida... Em síntese era o seguinte: os camponeses, discutindo comigo, de repente ficaram silenciosos e um falou e pediu desculpas porque estavam falando muito. Eu disse: *mas por quê?* E eles: *Porque nós devíamos ouvir o senhor porque o senhor é que sabe e nós não sabemos.* Lembra dessa estória? Até que chegou a Deus. No fundo, quando eles me pediram desculpa por estar falando e eu é que tinha o direito de falar, e a gente foi arrancando, de pergunta em pergunta até que chegou à razão fundamental que era Deus, que era responsável por aquela situação concreta de exploração. Era a justificativa, a razão de ser do fato era Deus. E a gente discutindo, eles ficaram abalados e terminaram descobrindo que não era Deus mesmo a razão de ser daquilo. Não perderam a sua fé em Deus. O problema não era perder a fé em Deus, mas era exatamente de compreender o papel de Deus, se é que eu posso falar em papel de Deus, é uma coisa muito petulante da minha parte, mas Deus não era o criador do mundo de injustiças. Então, quando eu estou falando aqui que a gente tem o saber popular, falta ao saber popular a explicação dos fatos que o saber popular sabe. Isso daí, o grande papel desse outro saber acadêmico está, em colaboração com o saber popular, gestando-se na prática popular, iluminar algumas das sombras que o saber popular tem. Então, a escola com a qual eu sonho não prescinde nem de um saber, nem do outro.

PF – Claro...

Educação discriminatória

PF - Uma das coisas terríveis que a gente tem numa cultura macha como a nossa, é essa deformação que a gente inculca na cabeça dos filhos da gente.

PF – Pois é, dos meninos, quando a gente diz: *homem não chora*, por exemplo, o menino dá um trupicão numa pedra, arrebenta com a unha do dedo, vem chorando, vem correndo com o dedo vermelho e o pai chega, zangado, de cara feia e grita pra ele: *Calá a boca, calado! Homem não chora!* E a filha Maria pode chorar junto. Quando a filha Maria sobe no muro, o pai grita de lá: *desça, que isso não é lugar, isso não é coisa pra menina fazer. Só quem sobe no muro é homem.* Quer dizer, esse tipo de educação macha, discriminatória, é terrível. Chorar, afinal de contas é a expressão concreta de um sentimento, ou de sentimentos. Você pode chorar de alegria, chorar de tristeza, chorar de dor, entende? Então, reprimir isso é fazer mal, a gente tem umas glândulas que fabricam isso exatamente para sair.

A Igreja e os Movimentos Populares

(...) na minha opinião, o MEB foi uma das mais sérias e mais corajosas propostas realizadas em grande parte no campo da Educação, não apenas da Igreja, da Educação na História Brasileira.

O MEB/ Movimento de Educação de Base

PF – Outra coisa interessante também é que, quase simultaneamente, às vezes eu me perco um pouco com as datas, quase simultaneamente ou mesmo simultaneamente com isso, com

toda essa efervescência de trabalho no Recife, João Pessoa, Natal, a Igreja Católica lança um programa de alfabetização pelo rádio e cria, então, uma coisa que a Igreja chamou de MEB.

PF – Eu digo, também como Educador, na minha opinião o MEB foi uma das mais sérias e mais corajosas propostas realizadas em grande parte no campo da Educação, não apenas da Igreja, da Educação na História Brasileira. Não tenho dúvida nenhuma disso. Há inclusive um trabalho excelente, um livro que foi a tese de doutoramento do Reitor da Universidade Católica de São Paulo, Luiz Eduardo. Luiz Eduardo Wanderley foi um dos jovens, na época, pensadores e atores do MEB Nacional. E ele juntou material riquíssimo sobre a atuação do MEB e estudou esse material durante anos e escreveu uma enorme tese.

PF – Que ele defendeu na USP. Hoje esse é um livro fundamental, eu acho. Não é possível compreender o papel do MEB e também da Educação Geral de Adultos naquela época, sem ler esse trabalho. Esse é um estudo para mim clássico, com três anos de aparecido. Então é interessante salientar aqui, também, uma relação que houve, por exemplo, entre mim, a Universidade do Recife, o espírito do MCP e o MEB também.

(...) o processo de alfabetização é um processo criador.

PF – Eu vou tentar, bem rapidamente, pelo menos colocar um dos aspectos dessa interligação. Por exemplo, o MEB se antecipou a mim, do ponto de vista de sua prática, de sua prática conhecida no país e no Nordeste. Enquanto o MEB já estava afirmado no seu trabalho através da Escola Radiofônica, eu estava pesquisando, em função de minha prática anterior, que vem do fim dos anos 40, 45, e passa todo o período dos anos 50. Baseado em toda essa experiência anterior minha, eu vinha fazendo, pesquisando, em função da alfabetização, e o MEB já estava com suas escolas radiofônicas funcionando, tinham começado a funcionar suas escolas. Então, veja o seguinte, eu surjo na Educação em geral, mas na alfabetização em particular de adultos, defendendo a tese, ou uma das teses que eu defendia era exatamente a de que o processo da alfabetização é um processo criador. Por isso mesmo então, é preciso que o **alfabetizando** seja desafiado pelo **alfabetizador**, no sentido de ele, alfabetizando, assumir como sujeito, o seu próprio aprendizado da palavra escrita que ele vai ler depois. Ora, isso significava, então, uma presença muito ativa do alfabetizando. Então, quando eu me punha diante da experiência da Escola Radiofônica, estava implícita, na minha postura, uma crítica à experiência mais geral, menos bem compreendida do papel da Escola Radiofônica. Vou explicar: é que, de maneira geral, a Escola Radiofônica funcionava com um locutor, que comandava da rádio como a gente está aqui agora, um sem número de receptores espalhados numa área rural. Por exemplo, vamos admitir 150 monitores, cada monitor com 20, com 30, com seu grupo, e um rádio cativo ligado só para aquilo. Então, cabia ao locutor dirigente comandar a aula, a tarefa, desde o começo até o fim. Dizia: *Monitor, companheiro monitor, venha agora ao quadro negro, escreva isso, aquilo outro*. A minha tese era a seguinte: o próprio testemunho do educador ao educando era um testemunho de quem era guiado e não de quem criava. Então a minha proposta se opunha a isso. E foi com esse estado de espírito, mas veja bem, eu nunca assumi, porém, mesmo quando eu ainda não conhecia mais de perto o MEB, uma posição contra o MEB, porque, inclusive, eu não costumava fazer isso. Eu fico contra quando eu fundamento a razão de estar contra. Mas eu tinha as minhas divergências e isso eu acho formidável, mas por outro lado, também, eu achava que uma das responsabilidades minha e de outros, era a de ver se seria ou não seria possível, e eu achava que seria possível, você minimizar ou diminuir o caráter teleguiado, se eu posso dizer assim, a facilidade que estava implícita na Escola Radiofônica, no sentido de você aproveitar toda uma infraestrutura que estava feita já. Me parecia um absurdo que se dissesse de repente: *não, esse negócio de Escola Radiofônica não tem sentido*. Sobretudo, porque tinha sentido mesmo. É que tinha muita gente que estava aprendendo a ler, sobretudo porque a Escola Radiofônica poderia alcançar áreas que outro educador comum não poderia alcançar por //

razões. Era importante que se mantivesse a estrutura. Então, foi com esse estado de espírito, que eu fui um dia procurado no Recife por um homem extraordinário, que lamentavelmente morreu, que foi o Bispo de Aracaju, Dom Távora. Ele era, na verdade, na CNBB, na Comissão Nacional dos Bispos do Brasil, o responsável pelo MEB. Então, conversamos muito e...

PF – Claro que eu coloquei esse problema para ele e disse: *Dom Távora, eu não tenho dúvida nenhuma de que é possível melhorar isso, diminuir a passividade e ao mesmo tempo, então, preservar uma infraestrutura que seria um crime botar isso a perder.* Nessa altura, eu já estava coordenando o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, do Ministério de Educação, em Brasília.

Sergipe: sem tempo para ampliar a experiência

PF – Não, não houve tempo. Eu me lembro de que nós separamos com o Ministro da Educação verba para o Estado de Sergipe, que dava possibilidade à Diocese com Dom Távora de duplicar ou triplicar as Escolas Radiofônicas. E ao mesmo tempo dividimos o Estado, intensificamos, mas não chegou a se aplicar porque veio o Golpe.

PF – Era a proposta, com o cheque já assinado, para multiplicar a atividade de Dom Távora, através das Escolas Radiofônicas e, numa outra faixa do Estado onde a escola não entrava, entrávamos nós com os Círculos de Cultura.

PF – Com o trabalho de campo, mas em total diálogo, harmonia, sem nenhuma ciúmada. Nem Dom Távora pretendendo impor a nós a excelência da Escola Radiofônica, nem nós pretendendo impor a ele a não excelência da escola. Eu acho que isso tudo é um absurdo, essa guerra que se dá às vezes, que é mesquinha.

PF – Não constrói nada.

A participação da Igreja no movimento popular

PF – Olhe, eu não teria muita coisa a dizer, a não ser chamar a atenção mais para um ponto que eu acho fundamental na época, que foi exatamente os movimentos especializados de ação católica dentro da Igreja.

PF – A ação católica operava, não sei se opera ainda, através de setores especiais, por exemplo, havia uma Ação Católica da Juventude Universitária, havia uma Ação Católica da Juventude Operária, chamava-se JOC (Juventude Operária Cristã), havia uma JAC (Juventude Agrária Cristã), havia uma JEC (Juventude Estudantil Cristã).

PF – Havia também uma ação católica especializada no campo dos casais, por exemplo. Nessa época, no fim dos anos 50 ou nos meados dos anos 50, começo dos anos 60, a Juventude Universitária Católica (JUC) exerceu um papel fantástico, de natureza política e de natureza cristã.

Nasce da JVC, empapada de povo, não de povo propriamente dito, mas empapado do sonho de ser povo, porque houve também muito jovem intelectual de boa família, que sonhava com a transformação revolucionário para amanhã, até para anteontem.

A abrangência das ações

PF – Não só no Nordeste, eu diria que isso se deu em nível nacional. Mas o que eu gostaria de salientar é que o movimento da JUC no Nordeste foi, também, muito forte e muito importante. É

interessante salientar, também, que com o processo histórico avançado e com a radicalização que se deu no processo histórico político brasileiro, umas faixas da Juventude Universitária Católica terminaram por dar origem a um movimento político realmente, que foi a AP, a Ação Popular. Então a Ação Popular nasce no Brasil naquele período. Você vê, que período rico. Nasce da JUC, empapada de povo, não de povo propriamente dito, mas empapado do sonho de ser povo, porque houve também muito jovem intelectual de boa família, que sonhava com a transformação revolucionária para amanhã, até para anteontem. Havia um pouco de voluntarismo às vezes nisso tudo, mas de pureza também de espírito, que a gente tem que respeitar. Então, uma grande porção de jovens da JUC de então constitui a AP, o Movimento de Ação Popular, e, mais adiante, já na etapa nossa no exílio, ou antes um pouquinho do Golpe de Estado, houve outros rachas dentro da AP. Eu não conheço a história, que é muito bacana mesmo. Mas houve um outro racha e então surge um outro grupo dentro da AP e a faz um movimento marxista, decididamente marxista leninista. Mas houve isso, houve essa evolução e tudo isso tinha que ver com esses movimentos de educação popular e de Igreja. Agora, é claro, isso aí, é preciso salientar também, em certo momento a impressão que eu tenho, pelo menos, é de que grande parte da hierarquia da Igreja fica assustada diante da rebeldia criadora da juventude e pretende, então, manipular, pretende então segurar e se assusta.

(...) uma grande quantidade de padre e de freira começa a ser reeducada pelas massas populares, dentro das igrejas.

O comportamento da CNBB

PF – Essa reação, essa postura reacionária da grande maioria da hierarquia da Igreja no Brasil, é quando você vê o comportamento, por exemplo, da CNBB, em seguida ao golpe de 64, quando você vê, por exemplo, a chamada passeata por Deus, Pátria e Família. Essa coisa toda em São Paulo, nas vésperas do golpe, liderada, eu não diria pela CNBB, seria uma injustiça eu dizer isso, mas pelo menos com o seu beneplácito. A grande maioria dos Bispos abençoava o que para eles significava a salvação do Brasil do perigo comunista, do perigo vermelho, e, então em seguida ao Golpe de Estado, a CNBB saudou a libertação do Brasil diante do Golpe de Estado, a salvação do Brasil em face do perigo comunista. Agora, veja como a História atua. É que essa mesma CNBB vai aprendendo da História e com a História. Quer dizer, em primeiro lugar, uma grande quantidade de padre e de freira começa a ser reeducada pelas massas populares, dentro das igrejas...

(...) a Igreja Católica no Brasil assumiu uma posição digna de muito respeito, quer dizer, ela se democratiza, ela defende os interesses populares.

PF – E aí surgem as sebes, essa coisa toda... E, na medida em que o povo vai se reeducando, então eles se reeducam também e reeducam os padres e as freiras e esses aos poucos, também vão reeducando alguns Bispos, e depois alguns Bispos vão reeducando alguns outros Bispos. Então veja que, afinal de contas, durante e depois do golpe, durante estes 20 anos de experiência, a Igreja Católica no Brasil, mas não só ela, mas como ela é a maioria, a Igreja Católica no Brasil assumiu uma posição digna de muito respeito, quer dizer, ela se democratiza, ela defende os interesses populares. Eu não quero dizer que com isso que ela tenha se radicalmente democratizado, ela precisava de romper muita coisa que está aí entranhada.

PF – Muitos séculos, mas ela assume o testemunho que eu chamo de profético dentro da História brasileira. Hoje é que eu acho que ela tem uma postura não totalmente na sua globalidade, totalmente progressista, mas indiscutivelmente...

A Igreja Católica se democratiza

PF – Não há dúvida nenhuma. Quem faça a História desse país, a História política desse país, nesse período de Golpe de Estado e que seja honesto, tem que reconhecer a importância extraordinária da Igreja na luta pelo respeito às liberdades populares, à dignidade da pessoa, isso não há dúvida que a Igreja fez, eu acho que só cabe à gente estimular para que continue fazendo...

Educação popular

Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo. Todo mundo sabe alguma coisa, então o problema que se coloca a nós é saber se primeiro a gente pode saber melhor o que já sabe, segundo, se a gente pode ou não pode participar da produção do saber que não existia ainda.

Leitura do mundo ou da realidade

PF – Eu tenho um grande amigo nos Estados Unidos, Professor na Universidade de Massachussets, que é um dos bons economistas norte americanos, um economista marxista moderno, chamado Samuel, na pronúncia brasileira, Samuel Bowles (...). Mas olha, ele é Diretor hoje, nessa universidade americana, de um Instituto de Economia Popular. Dito em português, dá uma significação diferente do que significa na verdade em inglês. O Instituto de Economia Popular não é exatamente para nós o que é lá, no fundo é um instituto popular de estudos econômicos. Então, o que ele faz é dar, é discutir a Teoria Econômica com lideranças trabalhadoras, de operários, etc., em nível universitário. Evidentemente eles têm que respeitar o nível de conhecimento científico com que as lideranças operárias chegam ao seu Instituto, na Universidade. Mas isso se pode fazer. No fundo, é isso, é o que eu chamo de leitura do mundo, ou leitura da realidade, não necessariamente feita através da leitura da palavra. O bacana é quando você faz a integração da leitura do texto com o contexto do texto. Em outras palavras, é quando você lê a palavra e lê o real, lê o concreto, quando você aprende a entender as coisas que se estão dando na sociedade, e ao lado da leitura da palavra. Mas você pode fazer um vasto trabalho de Educação Popular com gente que não tem experiência de ler, ler palavra, lendo o real, lendo o concreto. Chega sempre um momento em que essa leitura da realidade da sociedade termina por exigir de quem está metido nela, a leitura da palavra. Então, quando isso ocorre, a exigência da alfabetização se faz melhor, se faz mais forte, e o desejo de ler...

PF – Tem sentido imediato. O cara é que precisa ler a palavra. Mas essa estória é uma estória bonita, não é?

PF – Está correndo mundo...

A experiência com camponeses: o jogo

PF – Foi uma aposta que eu fiz. Essa foi outra maneira que eu tive de enfrentar, essa foi no Chile, muito interessante também esta estória, com camponeses também, mas chilenos. A reação foi a mesma dos camponeses de Pernambuco. Em certo momento eles calaram e disseram que não falavam mais. Pediram desculpa também, a mesma coisa.

PF – Um traço comum, porque esse traço não é nacional, é de classe.

PF – Não importa aonde, é a classe social dominada. Essa é uma experiência que a psicologia sozinha não explica, mas ela também explica. Mas bem, então de repente o chileno disse que não falava porque ele não sabia, eu aí propus um jogo.

PF – Eu disse: *Eu queria fazer uma proposta. OK, eu concordo com vocês, vocês têm razão, mas vamos fazer uma aposta, um jogo aqui. Eu faço uma pergunta, e se vocês não responderem então eu faço um gol, eu venho aqui pro quadro negro, aí vocês têm direito a fazer uma pergunta a mim e se eu não souber, então o gol é de vocês.* Eles ficaram assim me olhando e eu disse: *Eu saio.* Porque eu precisava fazer um gol logo de saída para ver como é que eles...

PF – Aí eu vou e pergunto um negócio absurdo. Eu chego e digo: *o que é que significa a maiêutica socrática?* Um treco horrível...Eles morreram de rir e disseram que não sabiam. E aí gol meu. E aí eles se animam pra me pegar. E me fazem uma pergunta, obviamente a pergunta deles foi uma pergunta sobre produção...

PF – Vida deles, a produção agrícola. Não me lembro mais qual foi a pergunta deles, mas foi nessa faixa. E eu obviamente não sabia.

PF – Aí eu pensei... Eu realmente não sei. Palmas... gol deles. Então eu faço uma segunda pergunta, do meu jeito, intelectual, também eles não sabiam, e eles me fazem uma outra pergunta sobre erosão. E eu também não sabia. Só se fosse um agrônomo, claro. Com um agrônomo a guerra deles tinha sido difícil. E nós fomos assim, até empatar o jogo em 10 a 10. Resultado, quando nós empatamos 10 a 10, eu aí voltei à afirmação primeira deles: *Olhem, vejam bem, antes de fazermos o jogo, vocês me disseram que não podiam conversar comigo, debater comigo, porque vocês não sabiam nada e eu sabia tudo. Eu fiz esse jogo e eu pedi a vocês que todos fizéssemos um compromisso de seriedade, um compromisso de sinceridade, quer dizer, nem eu ia mentir, nem vocês. E eu, na verdade, não sabia nenhuma das perguntas que vocês me fizeram, não sabia responder.*

A sinceridade na resposta

PF – Eu daria, daria pelo seguinte, porque no fundo o desempate ainda era vantajoso pra mim, pedagogicamente era correto, segundo era corretíssimo pedagogicamente não mentir, era fundamental não mentir.

*A Educação não é uma coisa neutra, não é uma coisa mansinha,
a educação é um ato assim, em que há uma vontade,
em que há uma decisão, em que há uma direção.*

O empate de 10 a 10

PF – De 10 a 10. Aí eu vou e digo: *vocês me disseram que não podiam falar, porque não sabiam, no entanto nós fizemos um jogo sério e chegamos a um empate de 10 a 10. Quer dizer, eu não soube responder a 10 perguntas de vocês e vocês não souberam responder a 10 perguntas minhas. Qual é a conclusão que a gente pode tirar daí?* Bem, na verdade eles não me deram a conclusão, mas aí, como educador, vê bem, nem sempre você tem que esperar o tempo todo que o povo, o educando, te dê a resposta. Há momentos em que você como educador tem que dar a resposta. A Educação não é uma coisa neutra, não é uma coisa mansinha, a Educação é um ato assim, em que há uma vontade, em que há uma decisão, em que há uma direção. Inclusive o educador não pode se esconder e ter vergonha de ser educador.

(...) o problema que se coloca a nós é saber se primeiro, a gente pode saber melhor o que já sabe, segundo, se a gente pode ou não pode participar da produção do saber que não existe ainda.

PF - Então eu aí dei a resposta: *uma conclusão fundamental que a gente tira desse empate aqui, é que isso aqui...* (inclusive, logo em seguida eu escrevi isso na **Pedagogia do Oprimido**) *Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo. Todo mundo sabe alguma coisa, então o problema que se coloca a nós é saber se primeiro, a gente pode saber melhor o que já sabe, segundo, se a gente pode ou não pode participar da produção do saber que não existe ainda.*

A Escola que precisamos ter

PF - Que precisamos ter... Melhorando esse saber. Ora, essa é a conclusão, porque é muito concreto isso.

A manha é a tática que os oprimidos têm de inventar. Se os oprimidos não ficarem manhosos, desaparecem (...)

PF - É palpável, os caras ficaram daí em diante, absolutamente certos de que podiam bater papo com um intelectual. Agora há um outro ponto que eu acho importante salientar aqui. Nem sempre você precisa, como educador, fazer uma advertência como essa, um jogo como esse, porque você chega a certas áreas em que a massa popular, os grupos populares, já estão senhores da sua própria posição, e não estão nessa de pedir desculpa a você porque falaram. Eles vêm assumindo já o direito da fala. Quando é que isso ocorre? Não é porque passou antes outro educador também, mas isso ocorre toda vez que certos grupos populares estão metidos numa experiência conflitiva, não importa o nível do conflito. Não sei se está claro. Quer dizer, participou de uma experiência de briga, de briga pela reforma agrária, de briga para obter a água, de briga pra isso, de briga pra aquilo. Esse direito aparece como coisa já óbvia, o direito de reclamar, o direito de discutir. Agora, o que pode acontecer é que um grupo de trabalhadores rurais, por exemplo, se apresente a ti calmo, e pedindo desculpa também, por pura manha. E o que é a manha? A manha é a tática que os oprimidos têm que inventar. Se os oprimidos não ficarem manhosos, desaparecem e até frustram muito cedo os opressores, porque não há opressor sem oprimido, de maneira que então o opressor fica com a mão na cabeça, quer dizer, a manha é que pode levar um grupo que já está cioso do seu direito de dizer a você: *Olha, não dá pra nós falar, porque nós não sabe.* É porque eles estão sabendo...

PF - É, mais do que você, estão sabendo que aquele momento, possivelmente, não é um bom momento para eles revelarem que já podem falar.

Uma questão de confiança

PF - Claro, isto você detecta quando você é uma educadora já manhosa também, experimentada, tarimbada. Você percebe demais, por isso é que é importante que todo educador, que trabalha em áreas populares, tenha antes de ir à área popular, se ele não é de lá já, tenha um mínimo de informação histórica sobre a região, sobre a área em que o cara está.

PF - O cara vai dizer: *Olha, não, nós já sabe..*

Sobre Gilberto Freyre

(...) dizer que ele não tem importância é uma leviandade.

PF – Eu te diria, é um bom cientista social também, não há como negar isso. Essa coisa de você simplesmente decretar que Gilberto não tem importância na Sociologia Brasileira, me parece que não é séria essa afirmação. Eu te digo mais, tu vais ver isso com muito mais chance do que eu, eu não tenho dúvida nenhuma de que daqui para o fim deste século, a obra de Gilberto Freyre vai ser estudada com mais intensidade nas Universidades brasileiras, não propriamente para voltar-se a ela, até para criticá-la, mas o que é preciso é estudá-la.

Críticas ao sociólogo Gilberto Freyre

PF – Não, eu digo que dizer que ele não tem importância nenhuma é leviana. Criticá-lo, não, dizer que ele não tem importância é uma leviandade. Agora, criticá-lo como algumas das críticas que a gente pode conhecer, etc., aí é correto. Uma das críticas que você pode fazer à obra de Gilberto, mesmo respeitando a postura ideológica dele, é dizer que você não encontra coisa nenhuma, desde o começo até hoje, na obra de Gilberto que revele um conhecimento, por exemplo, dos mecanismos de funcionamento de uma sociedade no nível das classes sociais. E ele sistematicamente nega as classes sociais. Mas criticar isso, OK, agora dizer que a partir daí a obra de Gilberto não tem nenhuma importância, eu acho um absurdo. Ele tem importância, indiscutivelmente. Agora, se você pega agora também o Gilberto para ver a obra dele, a importância da obra dele, do ponto de vista também da forma, a maneira como o Gilberto trata a Língua Portuguesa do Brasil, é um negócio de uma gostosura rara, é uma beleza. Ainda quando nada ficasse, e vai ficar, do Gilberto, cientista social, ficaria o estilista, o cara que escreve Português redondamente.

Paulo e a África

A fama já o precedia quando Paulo esteve na África, suas idéias já eram disseminadas e alguns países, algumas comunidades já utilizavam o chamado Método Paulo Freire de Alfabetização.

Os trabalhos na África

PF – Pois é, esses se fizeram a partir da Europa. Eu me lembro de que em certo momento, eu tenho a impressão de que foi em 73, a Universidade de Genebra me convidou e aí eu trabalhei com um curso ou dois com uma grande amiga minha, que hoje mora no Rio, a Rosiska Darcy de Oliveira, que ao mesmo tempo trabalhava comigo no Instituto de Ação Cultural, que a gente criara em Genève, ela e o marido, que é o Miguel.

O foco dos cursos

PF – Eu diria que não era só Educação Popular, mas era uma tentativa de compreensão crítica, mais crítica do que é a Educação, e eram muito interessantes. Mas no meio desse processo, eu

recebo o primeiro convite da África para dar uma contribuição à Guiné Bissau, e então eu aceitei o convite, aceitamos o convite, discutimos, trabalhamos, fizemos uma primeira visita à África, falo muito disso inclusive no livro chamado **Cartas à Guiné Bissau**.

A emoção na África

PF – Por exemplo, a emoção de conversar com camponeses, às vezes eles falando *crioulo*, e eu entendendo com dificuldade. Mas eu tive uma outra emoção enorme na África, em Cabo Verde. Eu fui apresentado, havia um pátio e uma coberta de palha, como se fosse um telheiro de palha, e havia então debaixo daquilo, sete grupos de alfabetização discutindo, aprendendo a ler e a escrever. E os sete Educadores reuniram todos eles no pátio e me apresentaram: *Olhem, esse aqui é o camarada Paulo Freire, que fez um pouco dessas coisas que a gente está fazendo aqui agora, etc.* Depois que o rapaz falou um pouco, um deles se levanta, se dirige a mim e diz que quer falar. Então diz para mim: *Em meu nome, e em nome dos meus companheiros, dos meus camaradas, eu quero agradecer a você a colaboração que você vem dando a nós, de não apenas a gente aprender a ler e escrever, mas, também, de discutir as coisas reais do nosso país, junto com a alfabetização.* Aí olha para mim e diz: *Espera um pouco.* E sai correndo. Essa experiência se dava numa Cooperativa de Bananas, de plantação de bananas. E vai lá dentro e volta com um balaio cheio de banana, e me entrega e diz: *Cada um dá o que tem, isso é a nossa produção.* Quer dizer, é preciso ser profundamente insensível para não se deixar tocar por um momento como esse.

A função no Projeto

PF – Na verdade eu não cheguei a coordenar os planos, porque eu repeti na África o que eu tinha feito no Chile. Eu era assessor também do Nacional. Em segundo lugar, o trabalho que eu fiz com os outros companheiros meus pela África, nos países que a gente visitou, me ajudou muito, me fez compreender bem melhor as coisas que eu antes já havia compreendido. Me fez recompreender muita coisa. Em terceiro lugar, do ponto de vista, por exemplo, estritamente técnico da alfabetização, não se verificou, de jeito nenhum, o que se poderia esperar que se verificaria na Guiné Bissau.

*O colonizador mente terrivelmente, ideologicamente ele precisa dizer o que ele diz.
O colonizador sempre diz que antes dele chegar à África,
a África não tinha História.*

PF – Esse, inclusive, foi um problema sobre o qual eu falo agora muito num livro que se chama **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Esse é uma conversa, uma conversa como essa que a gente vem tendo, que eu tive com um filósofo chileno, no exílio, em Genebra. Então, em certo momento dessa conversa que está toda no livro, publicado pela Paz e Terra, em certo momento dessa conversa ele faz certas críticas ao trabalho que eu fizera na África, na Guiné Bissau. O livro é muito rico, porque ele faz a crítica e eu respondo. Mas nunca em termos de quem está zangado porque é criticado, de quem está querendo se vingar do cara que te critica. Não há esse clima, é um livro dialógico realmente. Mas em certo momento, eu me refiro amplamente a essa questão da Língua Portuguesa e do aprendizado da Língua Portuguesa na África. Eu repetiria aqui rapidamente, porque a coisa é muito ampla. Evidentemente que é inviável a um povo, que experimentou o processo de colonização, mas que pré-existiu longo tempo ao colonizador, que, portanto, tinha suas raízes históricas, culturais. O colonizador mente terrivelmente, ideologicamente ele precisa dizer o que ele diz. O colonizador sempre diz que antes dele chegar à África, a África não tinha História. Quer dizer, a História começa com ele, a cultura começa com ele também, o que é um absurdo. Quando a gente foi para Guiné, a gente já andava desconfiado de que isso não ia bater, esse negócio de ensinar Língua Portuguesa lá. Mas o Ministério da Educação, o Ministro dizia: *Não, Paulo*. Os nacionais também

diziam que era possível, mas um ano de experiência nos provou que com todo o esforço, nosso e deles, o obstáculo era grande demais. Então eu comecei a chamar a atenção do Governo para esse tipo de obstáculo, para que então se orientasse, ou que o Governo tivesse uma outra política cultural, dentro da qual viria a política da linguagem também. A nossa tese era de que, se intensificassem os trabalhos em torno da disciplina escrita do *crioulo*, que era uma língua que emergiu da combinação do Português com línguas africanas, e que serviu como uma língua de comunicação nacional, mesmo que nem todo grupo étnico fale o *crioulo*, mas era muito mais fácil atravessar o país através do *crioulo* do que através da Língua Portuguesa, que é a língua do ex-colonizador.

Alfabetização e o problema político

PF – Mas lógico que foi, que é no fundo um problema político, termina sendo um problema político-ideológico, mas era rejeitado.

A rejeição à língua do dominador

PF – Exato. A situação mais difícil das cinco ex-colônias portuguesas para mim são Angola e Moçambique, porque em Cabo Verde, em Guiné Bissau, em São Tomé de Príncipe, você tem pelo menos o *crioulo*, que emerge da combinação da Língua Portuguesa com as Línguas Africanas. Mas em Angola e em Moçambique, não houve emergência nenhuma, criação nenhuma de uma língua *crioula*. Então, o que você tem em Angola e Moçambique é, de um lado o Português que foi assimilado por uma elite nacional, angolana e moçambicana, e, do outro, as línguas étnicas, que eu chamo de nacionais. Então, o grande problema político que se coloca à liderança política de Angola e de Moçambique, é que essas duas lideranças não podem, cada uma em seu país, escolher uma das línguas nacionais dos grupos étnicos e dizer: *essa vai ser a língua nacional*. Porque, se fizer isso, a liderança vai ter que enfrentar uma luta tribalista, que por sua vez foi intensificada fantásticamente durante a época colonial, exatamente para servir ao colonizador. É o tal negócio, de dividir para reinar.

PF - As lutas tribais na África, não tenho dúvida nenhuma que elas são muito mais produto da ação colonizadora do que deles próprios. Mas o fato é que, historicamente, isso existiu dessa forma, você não pode acabar com o que houve e hoje está latente isso. Se uma liderança política de Angola decretasse que a língua nacional de agora em diante iria ser tal língua, criaria um problema tremendo, além dos que eles já têm. Então, a única saída que Angola e Moçambique tiveram foi de se servir da Língua Portuguesa e fazer da Língua Portuguesa e pedir à Língua Portuguesa que ela assumisse um papel que só uma língua nacional pode assumir.

PF – Imagine se, de repente, o Poder Público nesse país, o Estado nesse país, dissesse a nós todos, no Brasil, o seguinte: *de agora em diante vamos alfabetizar todo mundo aqui em Inglês*.

PF – O resultado seria um desastre, não pode fazer isso.

O elemento de ligação

PF – Aí caiu na Língua Portuguesa. Agora, para mim, uma diferença importante entre os dois países, é que Angola compreende a dramaticidade dessa opção, e então Angola criou, tem mais condições que Moçambique, criou um Instituto de Lingüística em Luanda, onde um dos objetivos deste Instituto era fazer um sério estudo das línguas nacionais e marchar para um respeito...

PF – Um Esperanto Angolano não ia dar também... Para um respeito e um estímulo às línguas nacionais, enquanto politicamente chamando a atenção para o que havia de dramático no uso da

Língua Portuguesa como mediadora da formação científica do povo e dando tempo ao tempo. Em Moçambique, pelo menos até seis anos atrás, não havia pelo menos isso. Eu me lembro que um dia eu participei de uma discussão e a representante era uma senhora, até representante do Ministério de Educação de Moçambique, foi muito enfática, ela disse a mim: *Professor Paulo Freire, isso é um problema interno nosso de decisão política, que já foi tomada e acabou-se.* Quer dizer, foi mais rígida. Mas se tu me perguntasses finalmente o seguinte: *Paulo, se não foi possível que se alfabetizasse tanta gente na África em Língua Portuguesa, afinal de contas então foi um insucesso a tua passagem.* Eu diria não. E não porque isso tem que ver comigo, a pergunta e a resposta. Eu diria *não* pelo seguinte: porque eu não tenho dúvida nenhuma, de que as discussões que tivemos juntos, não apenas eu, mas a equipe que trabalhava comigo, e as discussões que tivemos com as diferentes lideranças políticas e pedagógicas desses diferentes países com os Educadores do Ministério da Educação desses países, eu não tenho dúvida nenhuma de que a nossa passagem marcou.

Testemunho

Toninho – Nós tivemos oportunidade de, em alguns programas, conversar com o pessoal de Porto Príncipe e São Tomé, de Angola e de Moçambique, e nós tivemos oportunidade de conversar com quase todos eles, e podemos até te adiantar que hoje em Porto Príncipe, por exemplo, a Educação está baseada no trabalho que Paulo Freire começa a desenvolver em Angico, aqui no Nordeste do Brasil e acabou implantando em África. E em todos os países a metodologia está sendo usada e o esforço para a implantação de escola, na opinião desses Educadores que conversaram com a gente, estão lá registrados. De repente a gente começa a descobrir que o trabalho realmente frutificou.

Toninho de Moraes (jornalista)

O Grupo Veredas

Bem, a intenção da gente era exatamente ter um grupo pensando, pesquisando, no campo da Educação Popular, assessorando a outros grupos, dando cursos de formação de vez em quando, e também pondo a serviço de um grupo crescente de gente, materiais que a gente tinha (...)

A relação com o Grupo

PF – Ah! A melhor possível. Essa é uma equipe pequena, muito séria, muito boa. Eu posso falar assim inicialmente de dois deles, um casal, que é o José Carlos Barreto e a Vera Barreto, a esposa dele. E eu os conheci aqui em São Paulo, exatamente durante o começo das discussões em torno dos projetos de alfabetização de adultos, que eu propunha na época ao Brasil, em seguida quando eu fui levado para o Ministério pelo Paulo de Tarso, que foi Ministro, já no Governo Goulart. Então eles se incorporaram à equipe paulista que se criou aqui em São Paulo e que começou a trabalhar comigo, bem jovens. Eles foram alfabetizadores, eles trabalharam em Osasco naquela época, se conheceram nesse projeto, nesse trabalho, e se casaram. Vários, houve vários casamentos assim mediados pela prática da alfabetização. Bem, durante todo esse período duro que o Brasil experimentou, eles trabalharam noutras atividades, mas sempre que puderam fizeram alguma coisa no campo da Educação Popular. Com a nossa volta ao Brasil, nós passamos a nos rever, a nos reencontrar, a ficar bem mais próximos um do outro, até que criamos aqui esse Centro. No começo se chamava apenas Centro de Estudos em Educação, o CEED. Em seguida o Barreto e a Vera, então com mais duas ou três pessoas amigas deles, aceitaram de se incorporar ao CEED. E ao se incorporarem, eles trouxeram

uma proposta de nome também. Conservando-se o CEED, mas dando-se um outro nome que foi exatamente **Vereda**. Foram eles que trouxeram a proposta do Vereda, para não ficar apenas uma sigla. Bem, e o que é esse **Vereda**? Esse **Vereda** é esse grupo de gente que tem uma certa experiência no campo da Educação Popular, ora na área da alfabetização de adultos, ora na pós-alfabetização de adultos, com interesses, por exemplo, em saúde também. Nós nos reunimos, constituímos esse grupo, esse coletivo de ação, então a direção do Colégio Imaculada Conceição, soube que a gente existia, mas que não tinha pouso, então mandou me oferecer, ou mandou nos oferecer uma sala sem cobrar nada. Bem, a intenção da gente era exatamente ter um grupo pensando, pesquisando, no campo da Educação Popular, assessorando a outros grupos, dando cursos de formação de vez em quando, e também pondo a serviço de um grupo crescente de gente, materiais que a gente tinha, cada um de nós tinha em casa, eu mesmo levei para o Vereda, tenho assim a impressão que entre livros, revistas, artigos, por exemplo, relatórios, eu levei possivelmente mais de 1500 a 2000 exemplares. São coisas que me chegam do mundo todo constantemente. O volume de correspondência que eu tenho do mundo todo... Você imagina, por exemplo, há semanas em que eu recebo 3 pacotes com 3 capítulos de um livro que não foi publicado ainda, que vem um da África, um da Ásia, um dos Estados Unidos. Os autores me mandam e me pedem que eu leia e dê a opinião. Eu acho formidável, cada pessoa que faz isso pensa que ela é a única no mundo que está fazendo isso. Mas na verdade não é. A quantidade de cartas que eu tenho pedindo coisas assim é enorme. Então, esse material todo eu levei pra lá pro Centro. Durante algum tempo nós conseguimos uma verba e pagamos a uma moça, bibliotecária, que começou a ir classificando esses materiais, e um filho nosso, o mais jovem, trabalha no expediente da manhã no Centro. Como ele domina várias línguas, então ele faz um trabalho que eu acho excelente, que ainda não está sendo usado. Porque ele lê, por exemplo, todos os textos em língua inglesa, francesa, espanhola, italiana, tudo que chega nessas línguas, ele lê e então faz uma síntese do texto e dá um título e põe lá. Ele fez isso já com uma quantidade enorme de textos. A gente já sabe hoje o que tem lá. Quer dizer, alguns desses projetos, para alguns deles, o Vereda conseguiu financiamento externo. A condição fundamental para o Vereda aceitar um tipo de ajuda assim, é que não haja nenhuma interferência nas opções políticas e pedagógicas que o Vereda faz. E como nunca houve, então, dois ou três desses projetos foram financiados, e aí a gente trabalha, se reúne. Há um projeto, por exemplo, há um programinha dentro do Vereda que, lamentavelmente agora, foi um pouco parado esse ano, mas que é muito interessante. De modo geral a gente convida uma pessoa que tem uma experiência dentro ou fora dessa área em que a gente está, para ir lá e conversar com a equipe nossa. Chega lá e expõe o que faz, depois a gente discute, debate. E a intenção nossa no ano que vem, se a gente puder, é ver se a gente começa a trazer pra dentro do Vereda, operários, camponeses, que venham conversar com a gente sobre a luta sindical, por exemplo, sobre o que significa. Você já imaginou se a gente puder trazer um bóia-fria e gravar inclusive todo esse debate, para ele contar a dureza da sua vida. Porque, às vezes, o intelectual, mesmo o que trabalha na faixa da Educação Popular, está distante disso. Até às vezes o que trabalha, você imagina o que não trabalha, o que tem uma ênfase, quase às vezes uma exclusividade na biblioteca.

O educador

*Não há nenhuma prática científica
que não seja política ao mesmo tempo.*

A formação do educador

PF – Eu acho o seguinte: repito que isso implica uma decisão política. Mas a formação do professor, do educador, e vê bem, quando eu digo formação eu estou querendo compreender a formação como um ato constante.

PF – Permanente. Vê lá, é preciso que, na formação, a educadora ganhe uma necessária e indispensável qualificação técnica, científica. Quer dizer, que ela se faça realmente competente.

(...) ela precisa desenvolver o que eu chamo clareza política da sua própria tarefa.

A competência necessária

PF – Todos os aspectos ela tem que conhecer relativamente bem. Os conteúdos com que ela vai lidar, e que vão ficar no meio, entre ela e os alunos, e ela tem que conhecer como trabalhar esses conteúdos com as crianças. O que vale dizer que ela tem que conhecer também as crianças. Mas, além disso, ela precisa desenvolver o que eu chamo clareza política da sua própria tarefa. Agora veja, aí é que é um problema muito grande.

O saber popular

PF – Mas eu não estou negando isso não. Uma das minhas brigas é exatamente pelo respeito total ao saber popular, ao saber do povo, inclusive ao papel do filho do povo como educador do povo. Por isso é que estou exigindo já a competência científica da educadora, a formação correta da educadora e do educador ao lado dessa clareza política. Porque sem competência científica, técnica, crescente, você não faz o trabalho. Quer dizer, a coisa fica na base assim da adivinhação. Então esse problema... Fica totalmente capenga.

(...) você não pode exigir de uma política dominante, de classe dominante, que ele ilumine politicamente, em função dos interesses populares, o trabalho da educadora.

PF – Essa questão da capacitação do educador, é indispensável, mas é preciso saber que toda capacitação técnica, científica, é também política. Vou ver se explico isso. Não há nenhuma prática científica que não seja política ao mesmo tempo. Por exemplo, basta que eu pergunte a mim mesmo, em favor de quem eu faço ciência, em favor de quem eu estou conhecendo. Para eu reconhecer que o ato de experimentar-me cientificamente não é meu, de jeito nenhum. Ora, e aí é que é outro nó. É que você não pode exigir de uma política dominante, de classe dominante, que ela ilumine, politicamente, em função dos interesses populares, o trabalho da educadora. Não sei se estou conseguindo ser claro ou se misturei muita coisa. Então, aí, é que uma das tarefas, por exemplo, dos órgãos de categoria, por exemplo, da categoria dos professores, uma das tarefas políticas, desses órgãos, seria exatamente tomar a si, com uma seriedade enorme, a responsabilidade também da formação permanente dos quadros de professores, como tarefa política, da formação científica e da formação política das educadoras e dos educadores. Mas agora vou dar dois passos para cair nesta questão.

(...) o que não é possível é ficar só na sabedoria popular, nem tampouco alcançar a outra sem nunca mais se lembrar da sabedoria popular.

A formação científica do educador

PF – Ao defender essa formação científica, essa formação pedagógica, ao lado dessa clareza política, para que se tenha essa escola menos ruim, para que se tenha essa escola melhor, de maneira nenhuma eu poderia estar pensando, nem deveria, em desrespeitar a sabedoria popular, e desrespeitar também o educador popular da base. De jeito nenhum. Como resolver isso? Quer dizer, será que há um...

PF – Será que há um antagonismo ou, no fundo, essa questão é uma questão que tem atravessado discussões, neste negócio que se chama Filosofia, através dos séculos? No fundo, por exemplo, essa questão vem sendo assunto de briga no domínio da Filosofia e com o nome de contrários, ou oposição entre prática e teoria, sabedoria popular e conhecimento científico exato. De tal maneira que a compreensão que separa, a compreensão desses saberes que os separa, nos leva ao mesmo erro de separar a prática da teoria. O que não é possível é deixar de respeitar o saber popular e a prática que dá esse saber. Mas ao mesmo tempo lutar no sentido de partindo desse saber que a prática diária, a prática social gera, ultrapassar os níveis de exatidão e ganhar um maior nível de exatidão através do conhecimento científico. Então, a formação científica da educadora não deve significar de maneira nenhuma a minimização, a diminuição da importância da sabedoria popular. Mas o que não é possível é ficar só na sabedoria popular, nem tampouco alcançar a outra sem nunca mais se lembrar da sabedoria popular.

PF – É uma forma de conhecer. É uma forma de compreender o mundo menos exato.

Você não pode criar uma escola melhor, se não tenta capacitar o professor em função, pelo menos, de um mínimo de informação científica, que a época desse professor tem.

O aspecto científico-teórico, instrumento do professor

PF – Mas é lógico. Nem a mais, seria necessário, fundamental. Você não pode criar uma escola melhor, se você não tenta capacitar o professor em função, pelo menos, de um mínimo de informação científica, que a época desse professor tem. Isso no ano de 1500 devia ser em função do que se tinha em 1500. Hoje, mil e novecentos, quase começo do outro século, a gente tem que ter o mínimo dessas informações para que, então, a Educação se faça melhor, em função do próprio povo. Agora, o que eu também queria deixar claro é que essa formação científica tem que estar iluminada pela clareza política da educadora, e como clareza política eu quero me referir exatamente à opção política em favor de quem a educadora trabalha, com quem ela está.

PF - O papel dela do ponto de vista de com quem ela está. Então, por isso é que eu acho que isso é muito mais trabalho nosso ou trabalho de governos progressistas. Mas você não pode estar esperando que todo mundo, que todo mundo dentro de uma faixa de Poder dominante, pense assim.

PF – A política educacional explicita o gosto da política maior da sociedade.

Com quem ou contra quem se está

PF – Eu digo com quem e contra também. Porque você não pode estar com alguém, a não ser estando contra outro, entendeu? Quer dizer, isso aí, eu reconheço, às vezes em certos auditórios, quando eu digo isso, eu vejo certas caras que ficam assustadas, porque pensam que quando você fala em estar contra, então você já é diabólico. Nada disso...

O Método Paulo Freire

Meu pai e minha mãe me alfabetizaram no chão, o chão era o meu quadro-negro primeiro e os gravetinhos da mangueira que eu tinha, funcionavam como giz.

Método Paulo Freire: isso que falam, que estudam, que uns criticaram, que outros viram grandes méritos, como é que surgiu, brotou, começou a inquietar até que como Professor de Português,

Paulo teve a preocupação de alfabetizar esse povão que estava marginalizado da coisa mais simples que é tomar conhecimento do mundo através das palavras.

PF – Chegamos agora nesses papos nossos a um momento muito interessante. Olhe, essa história é antiga. Engraçado, nunca a história de alguma coisa começa no momento em que se pensa que ela começou. Ela começa um pouco antes.

Uma história que ficou latente

PF – Exato. Há um momento um pouco assim metido numa penumbra. No meu caso, por exemplo, há coisas, há experiências muito remotas, a que eu já fiz referência em livros, por exemplo, a minha própria experiência de menino, a situação difícil da família, as dificuldades de que eu também já falei um pouco, isso tudo veio marcando a mim, não apenas do ponto de vista da alfabetização, mas do ponto da visão geral da Educação.

PF – Como gente, qualquer pessoa sofre isso tudo. Agora, eu me lembro, por exemplo, que a própria forma como minha mãe e meu pai me alfabetizaram, me introduziram na leitura da palavra e na escrita da palavra, no quintal da casa onde eu nasci. Meu pai e minha mãe me alfabetizaram no chão, o chão era o meu quadro negro primeiro e os gravetinhos da mangueira que eu tinha, funcionavam como giz. E foi ali que eu comecei a aprender a ler e a escrever, brincando...

(...) as palavras que eles me introduziram no processo de comando da leitura e da escrita, eram palavras minhas, eram palavras da minha infância, eram palavras do meu meio (...)

PF – Naturalmente. E é interessante observar como as palavras geradoras, as palavras com que eles me introduziram no processo de comando da leitura e da escrita, eram palavras minhas, eram palavras da minha infância, eram palavras do meu meio, do meu ambiente, da minha experiência, e não palavras da experiência intelectual deles. É interessante ver, por exemplo, esse fato aí que, anos e anos depois, quando eu parto para trabalhar na prática em um certo momento das minhas pesquisas, eu estava possivelmente sem me ter lembrado, eu estava afirmando um ponto que estava, também, no começo da minha experiência com eles, que era o seguinte: as palavras geradoras dos alfabetizados eu as teria que buscar entre os alfabetizados e não na minha experiência intelectual.

O referencial foi uma coisa vivida

PF – Interessante isso, vivida, não é que eu tivesse parado e pensado: *quando eu era menino...* Não, eu não disse nada disso. Inclusive eu redescobri isso na medida em que refleti um pouco sobre o meu passado. Outro dado interessante que vai se constituindo como alicerce nisso tudo que veio depois...

*(...) ninguém aprende sem primeiro apreender o objeto que aprende.
Eu aprendo como funciona um lápis, quando eu, trabalhando
aprendo a maneira como o lápis trabalha.
Então, aprender implica a apreensão do aprendizado.*

PF – Pano de fundo, foi a própria experiência difícil que eu tive na minha infância, na minha adolescência, experiência difícil do ponto de vista da confrontação das dificuldades da casa, a dificuldade de comer, toda essa coisa de que eu já falei. A escolarização minha, ora com professoras excelentes que me marcaram bastante, ora com professoras não boas, realmente quase medíocres, a necessidade que eu sentia quando menino de apreender a minha lição, em lugar de simplesmente

aprender minha lição. Eu comecei numa época muito tenra, sem saber explicitar, eu comecei a perceber uma coisa que eu hoje digo teoricamente, e creio que com certa clareza, é que ninguém aprende sem primeiro apreender o objeto que aprende. Eu aprendo como funciona um lápis quando, eu trabalhando apreendo a maneira como o lápis trabalha. Então, aprender implica a apreensão do aprendizado. Isso tudo eu tive na minha experiência de menino. Mas depois, quando eu já homem, jovem com 24, 25 anos, começo a trabalhar no SESI, eu já falei nisso, no Recife, eu então desenvolvi uma larga experiência trabalhando com os pais dos alunos das escolas. Eu até já citei alguns dos discursos que eu ouvia dos operários, e durante todo aquele processo, eu fui clarificando algumas das dúvidas que eu tinha na infância, na adolescência, com relação a métodos de aprender, a métodos de conhecer. Em certo momento dessa experiência larga, eu comecei então, baseado nela mesma, a me perguntar, se era ou não era possível procurar caminhos metódicos, de tal maneira que eu jamais separasse o método do próprio conteúdo, mas caminhos metódicos, através dos quais fosse possível ajudar o analfabeto a alfabetizar-se, tomando em consideração, porém, a necessidade que ele teria em coerência com os meus princípios de apreender o seu aprendizado. Então aí, nessa altura, em termos da experiência concreta, eu já estava no MCP (Movimento de Cultura Popular), e aí a gente volta agora ao MCP, onde eu coordenava um projeto de Educação Popular. E havia um outro projeto, muito interessante, que era de **Escola Radiofônica** também, mas esse daí era coordenado, era dirigido por duas educadoras muito importantes. Uma era a **Norma Coelho**, que era esposa do **Germano Coelho**, e a outra era **Josina Godoy**. Então eu me lembro de que o que eu estava buscando era exatamente caminhos, através dos quais o alfabetizando pudesse se apoderar criticamente do próprio processo da sua alfabetização, como um ato criador, como um ato de criação. Quer dizer, em lugar de você admitir que a alfabetização, no fundo, é essa prática ativa do ponto de vista do alfabetizador e passiva do ponto de vista do educando, o que vale dizer, que o educando não podia muita coisa a não ser assimilar, engolir.

(...) ninguém é exclusivamente passivo, porque em todo ato de passividade existe uma dimensão de atividade, que faz parte da natureza do ser vivo.

A percepção do objeto

PF – Pelo contrário, mesmo que você reconheça que jamais ninguém é exclusivamente passivo, porque em todo ato de passividade existe uma dimensão de atividade, que faz parte da natureza do ser vivo. Mas o que é preciso é que essa atividade seja a preponderância e não a passividade. Então era isso que eu buscava e aí então, para isso eu também admitia, eu partia de certos princípios, por exemplo, um deles era o seguinte: quando a gente começava a pensar em torno do analfabeto e do alfabetizado, para chegar depois a certas conclusões. Uma dessas reflexões que eu fazia, muito simples, era a seguinte: um analfabeto pega uma caneta como esta que eu tenho agora na minha mão, por exemplo, ambos pegamos a caneta e ambos sentimos que temos algo na mão.

PF – Um objeto. Depois que nós sentimos que temos um objeto na mão, simultaneamente com isso, nós percebemos, a partir de uma experiência anterior, nós percebemos, mesmo de olhos fechados, que esse objeto que nós temos é uma caneta, portanto, ambos fazemos a mesma coisa, o analfabeto e eu. Pegamos o objeto, sentimos o objeto, percebemos o objeto.

PF – Até aí está igual, tem um pouco mais em que vamos ficar iguais também. Ambos abrimos a boca e dizemos: caneta. Até aí igual.

(...) alfabetizar é manter o sistema de sinais gráficos sobre o sistema anterior que são os sinais orais que a gente domina, que é o falante. Por isso mesmo que não há analfabeto oral.

PF – Nomeou o objeto, agora eu pego a própria caneta e pego um lápis e escrevo: **caneta**. E aí o analfabeto não faz.

A desigualdade estabelecida

PF – A desigualdade está aí só, mas é enorme. Essa desigualdade tem conseqüências imensas, imensas como conseqüências. Agora, veja, no fundo, praticamente, o que é alfabetizar: alfabetizar é montar o sistema de sinais gráficos sobre o sistema anterior que a gente já tem, que são os sinais orais que a gente domina, que é o falante. Por isso mesmo que não há analfabeto oral. Ora, essa montagem do sinal gráfico, no meu entender, e eu continuo brigando sobre isso até hoje, essa montagem, não é coisa a ser feita por um para o outro. O papel do alfabetizador nem é o de cruzar os braços diante do processo de aprender que o outro tem, nem tampouco de pensar que pode aprender em nome do outro, em lugar do outro.

(...) um dos desafios que eu me impunha era esse: a gente tem que intensificar a presença popular no processo político brasileiro, mas não de forma mecânica, não de maneira que a presença popular se revele como algo manipulado.

O desafio

PF – Então, uma das minhas preocupações era exatamente a seguinte: trabalhar no sentido de intensificar a presença dos analfabetos, agora sabendo ler e escrever, no processo político nacional. Por isso é que para mim, desde o começo das minhas buscas, porque eu devo ter passado talvez oito anos, dez anos, antes de chegar, passei muito tempo antes de chegar ao momento das propostas no campo da alfabetização de adultos, no campo da leitura da palavra, eu passei um largo tempo trabalhando em Educação, mas não em alfabetização, trabalhando em Educação o que a gente poderia chamar trabalhando ao nível da leitura da realidade sem a leitura da palavra. Então, eu me lembro de que um dos desafios que eu me impunha era esse: a gente tem que intensificar a presença popular no processo político brasileiro, mas não de forma mecânica, não de maneira que a presença popular se revele como algo manipulado. Daí então a preocupação minha em juntar no aprendizado da palavra, da escrita e da leitura da palavra, juntar a esse aprendizado o desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade. Então, para mim o que era fundamental, inclusive, era que nós partíssemos no processo da alfabetização de adultos, nós partíssemos da leitura que os analfabetos já fazem do mundo da sua realidade, antes mesmo de conseguir o domínio da leitura da palavra. O que me interessava fundamentalmente não era exercitar o chamado analfabeto na memorização mecânica dos : *ba, be, bi, bo, bu*, dos *la, lê, li, lo, lu*, mas era, pelo contrario, possibilitando ao alfabetizando alcançar o domínio técnico da combinação das sílabas para escrever a palavra e para ler a palavra, estimular nele e nela a possibilidade de reler a realidade de que faziam e de que fazem parte e ganhando uma compreensão mais crítica do mundo mesmo em que estão. Então, a mim não me interessava apenas que o alfabetizando aprendesse de cor a ler ou a juntar pedaços de sílabas para depois constituir palavras e ler, com dificuldade em escrever um bilhete, etc.

O que me interessava era juntar as duas leituras básicas: a leitura do mundo e a leitura da palavra. E aí está toda a força política de uma proposta como essa.

Depoimento bastante esclarecedor de Maria Adozinda, pioneira da Educação de Adultos. Maria Adozinda era, na época da gravação da série radiofônica, Assessora da Secretaria do Estado de Pernambuco e do Projeto de Alfabetização de Adultos do Estado de Alagoas. No início dos anos 60, Maria Adozinda participou da equipe que implantou o Método Paulo Freire em Pernambuco.

Maria Adozinda – *O Método Paulo Freire, primeiro que tudo, o ponto de partida era a sondagem na área onde o Círculo de Cultura seria aberto. Os pesquisadores, os estudantes em 62, iam a essa área e levantavam, conversando com as famílias, os problemas, os anseios, as esperanças, as dúvidas, enfim a sua existência. Esse material voltava e lá trabalhávamos com a equipe inteira, selecionando o universo vocabular. Então esse universo vocabular ele sintetizava o aspecto fonético, mas com um peso muito maior da significação, do que a palavra significava para aquela realidade que ia ser trabalhada e que ia trabalhar. Depois dessa seleção, em geral deztoit palavras davam essa síntese. Elas eram codificadas em situações. Essas situações eram desenhadas, então esse material era feito em slides. Então as situações eram codificadas nessa ilustração que na decodificação reampliava a discussão. Era justamente na decodificação coordenada pelo coordenador do Círculo de Cultura, e que não é, por acaso, que era chamado Coordenador de Círculo de Cultura, não somente por uma substituição de nomenclatura, mas porque era uma nova postura de professor, era um novo professor que surgia...*

Diante do grupo ele era o Coordenador

Maria Adozinda – *Exato, era o Coordenador, e eu hoje, por exemplo, interpreto como os saberes se confrontando, como o confronto de saberes, o saber popular e o saber do Coordenador. Bem, antes mesmo de, no Círculo de Cultura começar o debate com as palavras geradoras, havia uma montagem de situações, onde o conceito fundamental que se tirava dali, que se conquistava, que se construía, é mais uma construção do saber, uma construção coletiva do conhecimento, o conceito fundamental é de cultura e natureza, quer dizer, o homem como fazedor de cultura pelo seu trabalho. Por exemplo, havia num momento um gato, tem uma cena onde há um gato atrás do rato e o homem, por exemplo, o homem índio, que usava a sua mão para pegar as coisas, depois a sua flecha, depois o homem com a espingarda, quer dizer, o homem em constante transformação e o gato permanecendo da mesma forma atrás do rato. E também tem um momento em que uma cena lá onde tem um poço, o homem tirando água e onde os participantes do Centro de Cultura, do Núcleo de Cultura, eles discutiam que aquilo foi o homem diante da sua necessidade que construiu, foi buscar água sob a terra e construiu o poço. Então eles se deslumbravam e ficavam assim perplexos diante de que eles, também, fazem cultura. Então essas cenas eram, justamente, a construção do conceito de natureza e cultura. E a perplexidade quando os participantes, que não tinham nenhuma, que eram submersos dentro de sua existência, emergiam, como o próprio nome que o Paulo Freire dá, emergiam, chegavam à tona e se sentiam autores também do mundo. E teve um momento em que uma mulher disse, ou um homem, eu não me lembro bem, que disse: quer dizer que quando eu faço sapato eu também faço cultura, quando eu ergo um muro, também faço cultura? E um certo momento lá um alfabetizando disse: eu depois que descobri que também faço cultura, que também sou importante, eu chego no meu trabalho e não chego mais de cabeça baixa, eu olho para o meu patrão, para o chefe de seção, assim, olho no olho, somos todos iguais, e somos todos importantes. Então, depois de toda essa construção desse conceito, chegava a palavra, a palavra era debatida, quer dizer, a palavra tema, a palavra que gerava, não o universo fonético só, mas, sobretudo, o universo temático da própria existência dos sujeitos daquele grupo. Depois que esgotava, esgotava naquele momento, porque nunca era esgotado e nunca é esgotado, se mostrava a palavra então. Tijolo, por exemplo, depois se discutia o trabalhador e tijolo não somente ficava no pedreiro, mas, também, em todo trabalhador. Havia um desdobramento, uma explosão, um desdobramento. Então há uma identificação de todas as profissões através daquele código: tijolo e o que representava...*

Maria Adozinda – *Um mundo de coisas... Então ia haver a visualização, que estava a serviço da compreensão. Então, nesse momento da palavra, da parte fonética, havia um desdobramento de quantas vezes se diz a palavra tijolo, quantas sílabas então tem a palavra tijolo. Então a declinação da primeira família tijolo: ta, te, ti, to, tu – ja, je, ji, jo, ju – la, lê, li, lo, lu. Então isso não dito e não informado, mas coordenado pelo professor.*

Maria Adozinda – *Oralmente e depois graficamente se apresentava. E hoje, o que eu quero dizer é que hoje se faz isso, com todas as pesquisas e com a ciência constatando que a oralidade, a importância da oralidade para depois a apresentação gráfica. Depois daquele universo silábico, de padrões silábicos, chegava o grande momento que Paulo chama a **ficha da descoberta**. É quando os alfabetizandos, vendo e aprendendo e apreendendo aquele universo de padrões silábicos, gerados pela palavra geradora, eles compunham, eles produziam novas palavras. Era o que ele chama, que chamava, **ficha da descoberta**. E eles começavam: tela, lut.. Eles começavam a construir um novo universo a partir dos padrões silábicos gerados pela palavra geradora. Então, realmente, esse momento é de grande emoção, porque é quando eles começam a experimentar o que estão lendo com outra linguagem, porque já começaram a ler o mundo, e estão lendo o mundo graficamente e a expressão desse mundo. Então vem a parte da escrita e aí é que eu acho que ele foi assim um antecipado realmente, quando não se preocupava que qualquer palavra que o alfabetizando escrevesse, levando em conta a sonoridade, mas que gramatical ou ortograficamente contrariasse as regras, mas era respeitado.*

O respeito à regularidade

Maria Adozinda – *Sem dúvida nenhuma. E isso é realmente hoje constatado cientificamente de que o sujeito que está no processo de alfabetização, ele escreve a regularidade e não a irregularidade. E a esse comportamento da primeira palavra se seguem as seguintes, com o universo da primeira, o universo de padrões silábicos da primeira, mais a segunda e, quando eu digo mais não significa um somatório, porque o ato de conhecer não é somatório, o ato de conhecer é construtivo, é como se então não é mais voto, então, **va, vê, vi, vo vu – ta, te, ti to, tu**, não é $1+1+1$. Mas é uma construção mesmo de significados, é você ter um esquema, um momento que conhece, um momento em que as outras palavras chegam, são mais informações que aquele esquema instalado, construído, vai fraturando para as novas informações se incorporarem. Por isso é que ele achava assim valioso - e era! - o momento dessa construção mais concreta, e que a gente percebe. Porque há um momento em que a gente não percebe, por mais acuidade que o professor tenha, ele não percebe o que está se operando na inteligência. Então isso era sacrilégio se fosse cortado, essa descoberta era assim preciosíssima. É um momento precioso, porque é o momento da construção concreta para o professor e, sobretudo, para o alfabetizando.*

A História, a classe trabalhadora

Eu acho que só tem um caminho dialético, de novo para você entender o caminho da História, para você se inserir na História: é você viver impientemente paciente. Você nem é só paciente, nem é só impaciente, você é impientemente paciente ou pacientemente impaciente.

A classe trabalhadora brasileira e a consciência de reivindicações

PF – Eu acho que a gente devia fazer essa pergunta, que é uma pergunta importante, à própria liderança da classe trabalhadora. Mas eu acho que a gente, como analista, pode dar um palpite como observador. Eu não tenho dúvida nenhuma de que na história política desse país, nós estamos vivendo hoje um momento novo, realmente. É a primeira vez em que grandes facções da

classe trabalhadora, grandes dimensões da classe trabalhadora nesse país, assumem posições em nome de si mesmas. Agora, não é ainda uma generalização, não é uma universalização disso ao nível do Brasil. Mas é, para mim, o ponto de partida.

PF – Quer dizer, o país está mudando não porque alguns políticos queiram como parece. Está mudando porque não há História que não mude, está entendendo, é o próprio processo.

Segurar a História

PF- Não, ninguém pode.

História não se segura, vai acontecendo

PF – Nem se antecipa. Eu sempre digo que, quando eu era menino, às vezes eu saía com minha mãe para a feira. Eu me lembro que um dia eu disse para ela: *mamãe, compra uma manga dessas pra mim*. Havia uma baita quantidade de manga assim no chão, tudo bonito, rosadinho, e ela disse: *meu filho, não serve, isto está tudo amadurecido com carbureto*. Eu sempre digo o seguinte: que há um certo tipo de militante demasiado apressado.

PF – História... História se faz com práxis e, não, com carbureto. Eu acho que só tem um caminho dialético, de novo para você entender o caminho da História, para você se inserir na História, é você viver impacientemente paciente. Você nem é só paciente, nem é só impaciente, você é impacientemente paciente, ou pacientemente impaciente. Quer dizer, aquilo que poderia possivelmente ser feito na próxima quarta-feira, não pode ser feito na terça anterior.

Saber a hora

PF – Ah, bem, aí é outra coisa, porque você vê, é por isso e pra isso que as lideranças devem existir. Olha, a prática política ao lado das classes sociais dominadas, exploradas, exige de quem a tem a invenção de algumas dessas virtudes, por exemplo, a virtude da sensibilidade diante dos fatos, de você ser sensível. É isso que, na linguagem comum, a gente chama de **adivinhação**. Por exemplo, eu me lembro agora, houve um cara muito bacana na Itália, no tempo de Mussolini, que foi preso pelo Mussolini, era marxista, e foi solto anos depois, um pouquinho antes de morrer. Sujeito formidável, que deixou uma grande obra, que se chama Gramsci. Ele dizia uma coisa formidável, que enquanto o intelectual exercita a compreensão da razão dos fatos, as massas populares exercitam a sensibilidade em torno dos fatos, o que dá uma espécie de saber. E ele diz em certo momento de um texto dele, não me lembro mais qual, que uma das tarefas do intelectual que se associa, que adere à massa popular é, exatamente, a de juntar a sua razão dos fatos à sensibilidade das massas. No momento em que você faz essa virtude, você começa a compreender, porque na adivinhação, nessa capacidade que tem a massa de farejar, é claro, por que isso? Precisamente porque é preciso sobreviver como oprimido, e não é fácil sobreviver como oprimido. É isso que eu chamo de **manhas dos oprimidos**. Os oprimidos têm que criar manhas para sobreviver. E as manhas são, do ponto de vista da mente, do ponto de vista da psicologia, da linguagem e do corpo. Você imagina que se um de nós três aqui agora tivéssemos que beber certo tipo de água, que muito companheiro nosso é obrigado a beber numa favela, possivelmente a gente adoecesse. E o corpo dele se imunizou, quer dizer, o corpo ficou manhoso. Então o que eu quero dizer, é que o intelectual que trabalha em áreas populares e que não é capaz, também, de ficar manhoso - e a manha vai ter que ver com essa consciência da relação entre a tática e a estratégia, que tem que ver com os limites da ação -, ou ele ganha essa manha ou ele se perde.

*É a minha latino-americanidade
que me faz um homem do mundo.*

A raiz em Recife

PF – Se eu pudesse já estava morando no Recife de novo. E eu espero é que eu possa fazer isso, ainda com suficiente firmeza de pernas para, pelo menos, andar. Quer dizer, eu não gostaria de voltar para Recife, já no fim, entende? Mas como eu acho que o meu fim vai durar ainda...

PF – Espero que esteja longe, então eu penso que um dia eu volto pra lá, assim, em pleno gozo das minhas faculdades. Mas isso, no fundo, são as tuas raízes. Não é que o Recife seja melhor do que coisa nenhuma. Pra mim é. Pra mim ele tem algo que é dele, entende? Como para um cara que nasceu em São Paulo, que vive em São Paulo, é isso aqui que tem o charme. É isso...

*(...) é a localidade que faz a gente ser regional
ou é a regionalidade que faz a gente ser nacional.*

Homem que não deita raiz, não tem sentido

PF – Não pode... Eu também acho, também acho isso. Agora, o que está errado é quando você reduz tudo a esse centro seu. Pelo contrário, quando você reconhece que é exatamente aquele localzinho que faz com que você possa ser brasileiro, está entendendo? Isso aqui pra mim é uma beleza. Eu sou brasileiro, porque sou recifense, então isso é fantástico.

PF – Quer dizer, é a localidade que faz a gente ser regional ou é a regionalidade que faz a gente ser nacional. Não é o contrário. Eu disse um dia, quando cheguei ao Recife de volta, e vou repetir aqui: minha recificidade é que me faz pernambucano, como é a minha pernambucanidade, que me faz nordestino. É a minha nordestinidade que me faz brasileiro, é a minha brasilidade que me faz latino-americano, e é a minha latino-americanidade que me faz um homem do mundo. Então, um homem do mundo, não por causa de prestígio, um homem do mundo, como homem, mesmo, como ser que tem a raiz na Rua Estrada do Encanamento, 724, naquela casinha que a gente começou a falar aqui.

PF – Um dia eu estava no meu escritório em Santiago, no Chile, trabalhando, quando chega pelo correio um exemplar de uma revista brasileira, uma edição...

PF – Especial, com todo o país, indo do Rio Grande do Sul até o extremo Norte, cidade por cidade. Eu abro e começo a perceber imediatamente que Recife estava ali. Engraçado, eu joguei com aquela revista sensualmente. Quer dizer que seria para mim um absurdo abrir a página em cima logo da cidade do Recife. Não dá, é a mesma coisa que o sujeito que faz amor de uma vez. Não pode, não. Então você tem que ir aos poucos, é um jogo, realmente. Então eu vim desde a primeira página, Rio Grande do Sul, vendo tudo. Também não estava fazendo isso por safadeza, só pra justificar não ir em cima do objeto do amor. Mas aí eu vi tudo, sobre Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Florianópolis, eram as capitais, até que cheguei, fui acompanhando, subindo, até Recife. Cheguei no Recife, e fiquei lá, enamorado daquilo tudo, e quando terminei de ver a revista, então eu peguei um papel, um calhamaço, e escrevi uma *Carta ao Recife*, uma carta poética. Escrevi, então, uma longa carta, que talvez tenha oito páginas dessas, por exemplo, falando ao Recife do meu querer bem ao Recife, da minha experiência pelas cadeias do Recife... Isso não deu raiva nenhuma em mim.

Não era com mágoa, era com saudade...

PF – Era com saudade pura, não era saudosismo, nem era nostalgia... Aquela falta gostosa, também não, de masoquista, de um sujeito normal, que sofre, tem saudade. Depois também eu escrevi duas páginas que, em certo sentido, seria um pouco uma síntese de pelo menos algumas vinte a trinta páginas, ou quarenta, da **Pedagogia do Oprimido**, em forma poética...

*(...) eu vivi 16 anos quase longe do Brasil e eu nunca,
ao voltar pra casa às 5 horas da tarde,
eu tive a sensação de voltar para casa.*

PF – Em lugar de ser, eu insisto em dizer, o saudosista é aquele que considera que o que foi é indiscutivelmente o melhor. De jeito nenhum, eu acho que o que foi, foi muito bom, teve alguns momentos de ruindade no que foi, e o que foi explica muita coisa do que está sendo pra mim. Eu me compreendo muito bem hoje, quando eu me compreendo ontem também. Agora, de jeito nenhum eu quero voltar ao tempo que eu vivi antes, mas o que eu não posso é esquecer esse tempo.

PF - Por exemplo, o que eu sentia no exílio. Mais adiante a gente pode falar um pouco dessa coisa, quando eu vivi no exílio, quando eu fui forçado a viver longe do país da gente, entende? É uma coisa formidável, você imagina que eu vivi 16 anos quase, longe do Brasil e eu nunca, ao voltar pra casa, às 5 horas da tarde, eu tive a sensação de voltar pra casa. Você já imaginou que coisa dramática, você viver 16 anos longe do seu país, ter um apartamento, morar dentro de um apartamento, ter sua sala, ter seu lugar de estudar, mas...

Mas aquela não era a sua casa

PF - Não era casa, era um apartamento. Olha, é um negócio que me fazia um mal... Eu só não fui pra psiquiatra e pra psicanalista, mas era aquilo que fazia, havia algo que não, eu me sentia metade. Eu voltava para o apartamento, e não para a casa. Eu voltei pra casa depois que vim pro Brasil. Mesmo que não esteja no Recife ainda.

PF – Eu quero muito bem a São Paulo e aos paulistanos, essa coisa toda, isso é outra conversa, mas o Recife, é o Recife. Se eu pudesse, eu já estava morando no Recife de novo.

*Dizer que o meu trabalho resulta de leitura de livro,
ou é uma enorme injustiça de quem diz isso ou então
é uma ignorância do que eu fiz e do que eu faço.*

Sobre questionarem seus trabalhos de rua em Recife

PF – Não, mas eu acho que quem diz isso, não me conheceu, não conhece mesmo o meu trabalho. Quer dizer, ninguém nunca me viu realmente no Recife numa atividade, por exemplo, militante, partidária. Isso eu nunca fiz. Agora, acontece o seguinte: é que todo esse esforço teórico que eu venho desenvolvendo nos livros que eu escrevi, nos artigos que eu escrevi, nas entrevistas que eu dou, tudo isso tem uma raiz no concreto, na prática mesmo, isso significou o meu trabalho com as classes trabalhadoras. Por exemplo, quantas vezes no Recife eu saía de noite da Faculdade onde eu dava aula, eu dava aula de noite no Recife, eu saía da Faculdade e ia diretamente para uma área popular do Recife, para uma zona de mocambo, por exemplo, no Recife, onde eu tinha um

encontro marcado com um grupo de populares para discutir um problema qualquer da Educação ou da política do país, etc. Dizer que o meu trabalho resulta de leitura de livro, ou é uma enorme injustiça de quem diz isso ou então é uma ignorância do que eu fiz e do que eu faço.

A experiência carcerária

(...) *eu me classificava em função da minha própria classe social.*
E de repente eu me vejo metido numa prisão (...)

A prisão em Recife antes do exílio

PF – Eu me lembro da data, porque eu fui preso na véspera ou no dia do aniversário de minha mulher, que é 16 de junho, de maneira que não tinha como esquecer isso, no Recife. Porque eu passei um tempo, porque o Golpe de Estado foi no dia 01 de abril de 64, eu passei abril e o mês de maio, em Brasília, na casa de um grande amigo meu, escondido lá. Antes disso, a Elza voltou sozinha para assumir a cadeira dela lá, como professora diretora de Grupo, e, dois meses depois, eu voltei e me apresentei à polícia, e depois fui preso pelo Exército.

PF – Com momentos pouco civilizados, entende?

A arma apontada

PF – Tive, tive, fiquei em pé, por exemplo, num corpo de guarda de um dos quartéis, durante cinco, dez minutos, com os sargentos e soldados, tudo com metralhadoras em cima de mim, não sei pra que aquilo...

PF – Não tinha nada, não tinha coisa nenhuma, e aquela coisa assim, aquela afrontação com o pessoal passando na rua e vendo, de ônibus, e assustados. Nunca me esqueço também, por exemplo, da maneira como um policial do Recife me apresentou ao capitão do Exército que me recebeu no Corpo da Guarda, disse: *Capitão, eu trouxe esse novo “passo” (passo é pássaro), eu trouxe esse novo passo pra gaiola.* E foi assim que eu fui tratado e recebido. Eu quero te confessar, inclusive, que isso me chocou tremendamente.

PF – Veja como essa questão da posição da classe que a gente tem, eu, um Professor Universitário, até então eu associava cadeia a crime de morte ou a roubo, um treco desses, coisa de que eu pensava estar muito distante, entende? Vê aí o preconceito de classe que a gente também tem. Eu, no fundo, me classificava em função da minha própria classe social. E, de repente, eu me vejo metido numa prisão e me vejo sendo apresentado ao Capitão por um investigador de polícia, que me tratava de *passo*, no sentido de pássaro, e dizia que eu era mais um novo passo pra gaiola. Aquilo dentro de mim era como se dissesse: *eu não mereço isso.* Agora hoje, confesso, eu hoje inclusive reconheço que, do ponto de vista dos interesses políticos, ideológicos em jogo, era aquilo que eu merecia do ponto de vista da classe dominante. Era isso... Mas isso são os aprendizados que a gente vai fazendo politicamente, a gente vai perdendo um pouco mais a ingenuidade. E foi uma experiência curta, eu tenho falado já bastante disso. Às vezes uma experiência curta, permeada de momentos de uma grande beleza, com relação a figuras de gente, a figuras sérias. Por exemplo, eu fui colega de João Rui Marques, um famoso médico, um grande médico, recifense, que estava na cadeia, porque tinha, eu acho que de um lado, quando estudante em 1935, tinha sido simpático à Revolução liderada pelo Partido Comunista, que se chama, do ponto de vista das classes dominantes de Intentona, e que eu resisto, eu reajo, isso não foi

uma Intentona, no sentido que se dá. Vamos respeitar a história do Partido Comunista neste país também. Porque ele foi simpatizante da luta dos comunistas em 35, jovem, estudante de Medicina e, já médico, Professor famoso da Universidade, visitou Cuba, foi o bastante.

O passo de gaiola

PF – Exato, *passo* também de gaiola. Mas isso era uma beleza, ver a dignidade com que esse homem se comportava dentro da cadeia, ao lado, por exemplo, do Prefeito que o Golpe derrubou, o Prefeito Pelópidas Silveira, um grande homem, um grande brasileiro. Mas havia momentos lindos das conversas deles, das suas posições firmes, e havia momentos terríveis, como, por exemplo, um momento em que, para me punir de um protesto que eu fiz, me puseram numa cela, que eu não sabia, na minha ingenuidade que existia ainda num quartel brasileiro. Eu acho que se eu fosse um Constituinte, eu ia interferir nisso, não sei como é que é isso, eu ia fazer uma tentativa de combater onde quer que fosse, qualquer que fosse a instituição nesse país, civil ou militar, combater a existência de cubículos como aquele em que eu fui experimentado, num quartel do Recife, que tinha um metro e setenta de fundo por sessenta de largura, com uma enorme porta de ferro, felizmente não de ferro fechado, batido, mas de ferro...

PF – Com grades, e com as paredes ásperas, em cimento. Agora, você já pensou, eu tenho exatamente um metro e setenta, e você de repente se vê metido dentro de um cubículo como esse, um espaço mais estreito do que essa mesa em torno da qual a gente está conversando, e mais ou menos desse tamanho, quer dizer, um caixão de defunto. Isso não é lugar para você por nem bicho, isso não é lugar para você por nada vivo. Eu não creio que isso seja o caminho de você refazer ninguém, não creio que seja assim que se disciplina um soldado, ou que se discipline sei lá quem é. Isso é para mim aviltante da pessoa humana, eu se fosse Constituinte eu ia brigar para que essas coisas desaparecessem. Eu talvez deixasse uma delas como testemunho, para que se visse no século que vem, como no Brasil essas coisas existiram ainda neste século. Existiram, não dá, estive lá, metido nisso.

PF – Mas olhe, isso arrebenta, inclusive, eu devo uma sugestão que me foi importantíssima, e que me foi dada por um sargento, que, no momento em que eu estava recém chegando naquele novo apartamento, ele era sargento da guarda e coincidia que essa prisão tinha a parede final dela junto ao corpo da guarda, de entrada do quartel. O sargento viu quando me levaram, o oficial me levou e me pôs lá pra dentro, e depois, lá para às quatro e meia da tarde ele veio cá e, muito discreto, olhando para saber se tinha alguém perto, ele disse a mim: *Professor, eu conheço o senhor, eu quero lhe dizer, que para agüentar isso aí, é preciso ter uma prática que o senhor não tem, quer dizer, é preciso ser a gente, e o senhor não tem a prática da gente. Então eu vim lhe dar umas sugestões, por exemplo, o senhor não pode ficar parado aí dentro o tempo todo. O senhor tem que às vezes deitar o tórax e levantar as pernas o maior tempo possível, para que a circulação se faça de forma diferente. O senhor tem que se mover dentro desse espaço muito pequeno, tem que andar aí dentro. E, finalmente, o senhor de hora em hora, o senhor grita aqui dizendo que quer ir ao banheiro, queira ou não queira, o senhor tem que ir ao banheiro, porque aí todo mundo é obrigado, quer dizer, nós somos obrigados a vir cá e abrir, (pelo menos havia isso) abrir a porta e o senhor vai pro banheiro, o senhor não precisa de ir ao banheiro, mas o senhor precisa de andar fora desse espaço. Se o senhor não fizer isso, o senhor pode se prejudicar do ponto de vista de sua saúde.* E eu, então, realmente me mexi o tempo que pude dentro desse espaço.

As horas demoram a passar

PF – Demoram, mas você inventa, você inventa coisas. O ser humano é um negócio formidável porque a gente é capaz de imaginar, então eu me lembro das... Eu tenho a impressão até que eu já disse isso em outra entrevista antes. As brincadeiras, os jogos, porque junto a mim tinha um outro

moço, também que chegou na mesma hora em que eu cheguei, ele foi posto. Havia um que saía e dois que chegavam, e, no momento em que o que saía me viu no pórtico da cela, ele disse pra mim, na presença do próprio oficial, ele me reconheceu e disse: *Professor, fique na outra que é mais ventilada*. E eu estava exatamente na menos ventilada, eu iria entrar na menos ventilada, então quem iria entrar na mais ventilada era um jovem, que deveria ser estudante, de uns 22 anos, por aí, devia ser mais moço a metade realmente do que eu, eu tinha 41, 42, e ele disse pra mim: *Professor, eu faço questão de ficar na outra, na menos boa*. Eu disse: *não está certo... Não, Professor, eu sou mais novo do que o senhor*. Esse também é um momento bonito dessa experiência toda. A do jovem, que mesmo que eu fosse um homem moço, puxa, com 41 anos de idade... Quando eu olho hoje para uma pessoa de 41 anos, até que eu tenho minhas invejas... Mas ele era mais moço do que eu, evidentemente como hoje um homem de 40 é mais moço do que eu, quer dizer, essa diferença de 20 anos vale, tem sentido.

(...) a prisão teve seus momentos dramáticos, teve seus momentos desafiadores, provocou aprendizados, eu vi, por exemplo, quão limitados somos todos nós (...)

PF – Mas então a prisão teve seus momentos dramáticos, teve seus momentos desafiadores, provocou aprendizados, eu vi, por exemplo, quão limitados somos todos nós, eu vi como a prisão, por exemplo, tal qual o exílio, como a prisão sublinha as qualidades e sublinha os defeitos. A prisão testa os teus medos, pode exacerbá-los, mas tu podes ganhar o controle sobre eles, sobre os medos. Há toda uma forma realmente de aprender. Por exemplo, a esperança misturada com a ansiedade, com a angústia, quando um dia da visita por exemplo, em que a pessoa espera a mulher que vem, ou o jovem espera a mãe ou o pai, que vem visitar, às vezes o sujeito não tem ninguém ali, é de outra cidade, mas fica, espera que as visitas cheguem para pelo menos sentir a alegria dos que estão recebendo visita. Eu me lembro, por exemplo, de que um dia, as visitas eram nas quartas feiras, num dos quartéis onde eu estive, então eu me lembro que a visita era à uma hora da tarde. Todos nós prontos, barbeados, arrumados, com a camisinha limpa, inquietos como se fôssemos namorados à espera do primeiro encontro com a namorada, e a gente da janela vendo as esposas chegarem, passando lá para a sala onde elas tinham que esperar. Quando faltavam cinco para uma, o tenente abre a porta, entra e nos diz a todos: *Hoje que dia é?* E um de nós diz: *quarta-feira*. E o tenente: *Ah, hoje era dia de visita*. E o moço diz: *Era, não, é dia de visita*. E ele diz: *Não, era, porque nós resolvemos que não é mais*.

Eu defendo a punição, tu tens culpa, tu mereces ser punido, é preciso acabar com essa mania nesse país de que só se pune pobre.

Pressão psicológica

PF – Exato. Agora você veja, esse negócio termina por definhando em certo momento a tua coragem, porque isso também provoca a tua raiva, e, na provocação da tua raiva, tu podes perder um pouco a cabeça e, se tu perdes um pouco a cabeça e descobres que perdeste, tu ficas com medo também, porque perdeste a cabeça. No fundo, isso funciona como uma tática diabólica para corroer o equilíbrio emocional do preso. Quer dizer, eu acho isso, talvez agora eu vá ser ingênuo, eu acho isso imoral. Tu sabes que uma coisa que eu me prometi a mim mesmo, se um dia eu fizer parte de uma liderança, de uma mudança nesse país, eu não permitirei, se eu tiver Poder, que nada dessas coisas se façam. Eu defendo a punição, tu tens culpa, tu mereces ser punido, é preciso acabar com essa mania nesse país de que só se pune pobre. Pobre é que é punido. Desfalque, o sujeito desfalca, faz miséria, manda dinheiro para fora, faz tudo que quer e não tem punição nenhuma. Mas uma coisa eu dizia a mim mesmo: humilhação, diminuição da pessoa, isso não pode ser feito, em nome de nada.

O sentimento de destruição

PF – Mas se sente. Eu vi, eu vi muita gente diminuída. Os fascistas usaram muito isso como técnicas. Você já imaginou, isto daí eu não experimentei, mas é uma hipótese, você por quatro, cinco, oito, dez, vinte pessoas numa cela desse tamanho e, no canto da cela, um buraco. A realidade dos nossos presídios

(...) é preciso que a gente também brigue contra essa repressão que se faz ao preso comum, a violência.

PF – Exato, exato. De um modo geral os intelectuais, quando falam em repressão, sempre pensam apenas na repressão política, político-partidária, ideológica. Mas é preciso que a gente também brigue contra essa repressão que se faz ao preso comum, a violência. Quando eu ouço aqui, por exemplo, muita gente defendendo a pena de morte, como se ela já não estivesse na rua. Recentemente, há uma semana atrás, eu ouvi, quando eu ia para Bauru para fazer um debate, no automóvel com o rádio ligado, ia escutando um debate muito interessante numa estação de rádio, sobre a pena de morte e não sei se foi o Secretário de Segurança ou se foi o Delegado, alguém que fazia parte do debate dava uma estatística de quinhentas e poucas pessoas mortas no ano passado.

PF – Então você veja que, inclusive, se usa a expressão *baixa*. No fundo é uma guerra que está ocorrendo aí. É uma guerra de classes, não é luta de classes. É guerra de classes. Você imagina, num ano, 525 chamados marginais, são mortos e ainda se pede pena de morte. Se houvesse pena de morte, não podiam ter matado quatro, porque o processo demoraria. Eu não creio que pudessem matar quatro, mais de quatro.

Quando a gente levanta um problema como esse, aí vem uma meia dúzia de gente bem de vida que grita, que é porque a gente está querendo defender o pária.

PF – Estão matando aí todo dia. Quando a gente levanta um problema como esse, aí vem uma meia dúzia de gente bem de vida que grita, que é porque a gente está querendo defender o pária. Eu também reconheço que é preciso segurança. Não vamos dizer que você pode ter uma sociedade completamente entregue a ela mesma. Isso tudo tem que ser regulamentado. Mas é dramático tudo isso e acho que a luta pelo respeito ao corpo tem que ser travada.

Não fugi, eu fui solto. A gente ia sendo libertado de um em um.

PF – Não fugi, eu fui solto. A gente ia sendo libertado de um em um. Eu até me lembro que houve uma noite em que um oficial chegou e entrou no quarto, onde estávamos uns cinco ou seis ainda e ele me disse: *Paulo Freire?* Respondi: *Sim senhor. Pode fazer sua mala e vamos embora. O senhor está solto.* E eu me lembro que eu disse para ele: *Tenente, eu queria lhe fazer uma pergunta, um apelo que é o seguinte: faz uma semana atrás um companheiro nosso, estava aqui, a essa hora, e chegou um outro oficial e disse que ele estava solto.* E soltou mesmo, mas quando ele chegou na rua, isso me foi dito depois, e já aí estava lá um grupo da polícia esperando, e o meteram no carro, e só se soube onde ele andava quatro ou cinco dias depois. Isso eu fui informado aqui, por gente em dia de visita. A gente sabia das coisas. *Se é para fazer isso, me deixa aqui, porque eu estou bem.* Porque eu não ia pra rua pra ser preso. *Não senhor,* ele disse, *eu lhe prometo que quem vai ficar na rua lhe esperando é seu cunhado com sua mulher, que eu vou telefonar.* E realmente ele telefonou e Elza foi com meu cunhado me buscar. Eu não cheguei nem sequer mesmo a imaginar uma fuga espetacular. Eu estava lá, esperando.

Amanhã para sobreviver

PF – Para sobreviver, porque você fazendo um projeto de fuga, sem dizer a ninguém, porque senão o Tenente podia acreditar e te porretava antes, mas até que daria tempo suficiente, você podia levar, por exemplo, uma hora arquitetando essa coisa, era uma hora de menos de tempo que você usava. Porque esse é um dos problemas, é você descobrir o que fazer com o tempo.

PF – Você quer ver um processo também de destruição, de enfraquecimento da pessoa que eu cedo descobri. Por exemplo, o Coronel me trazia para me fazer perguntas às oito horas da manhã, então de oito ao meio dia fazendo perguntas. Ao meio dia ele me devolvia e eu ia para o meu quartinho e ele dizia que, às duas, o Capitão me buscava. Então eu encontrava o almoço frio, que tinham trazido para mim às onze. Frio e inviável. Esse tipo de comida você só come, depois que você passa quinze dias mais ou menos sem comer. Porque aí o organismo decreta que você tem que comer mesmo.

A sobrevivência

PF – Sobreviver ou não. Eu perdi quinze quilos mais ou menos. Perdi em negócio de um mês. Mas, daí em diante, comecei a comer. Quando davam duas horas, aí você come aquilo mesmo frio ou não come. E fica lá prontinho, do mesmo jeito que você estava, sua carinha barbeada, sua camisinha, esperando que o Capitão venha e você está cá ouvindo, porque inclusive me prenderam pertinho, defronte da sala onde estava o Coronel. Você está ouvindo a voz dele, deu duas horas, duas e vinte, duas e trinta, três horas, quatro horas, cinco horas, e o Coronel não mandava chamar, seis horas, sete horas, se vinha o jantar, você jantava. Oito horas, nove horas, dez horas, onze horas e você ouvindo o Coronel.

À espera de ser chamado

PF – Esperando, de minuto em minuto, o que te desgasta cada vez mais, cada minuto que passa sem que te venham buscar é um pedaço de ti que começa a ir morrendo, a expectativa de algo que não é bom. O Coronel fez isso comigo a primeira vez, eu fiquei desperto até cinco horas do dia seguinte. No dia seguinte, às oito horas manhã, dez para as oito da manhã, o Capitão veio me buscar. Eu estava gasto, tremendamente gasto. Fui, quando foi meio dia, o Coronel me devolveu e disse que às duas mandava me buscar. Eu me refiz. Quando deu cinco e meia, trouxeram o jantar, o Coronel não mandou me buscar, eu deitei e dormi a noite toda. De novo ele não mandou me buscar. Só de manhã no dia seguinte. Ele esperava que eu não tivesse dormido.

O aprendizado

PF – Mas no primeiro dia ou você aprende essas coisas, que você não aprende em livro... Claro que você dizendo isso hoje, por exemplo, muita gente está me escutando, hoje falando disso e não está pensando, em nenhuma hipótese, em ser presa. Mas vamos admitir que venha a ser preso por questões políticas e na cadeia ele diz: *Puxa, agora estou me lembrando de uma conversa que ouvi com Paulo Freire... Então, se repete este caso, devo ficar alerta.*

Os amigos

Paulo é essa pessoa (...) de consagração integral a um só objetivo: de que as classes trabalhadoras, de que os oprimidos brasileiros venham a ser sujeitos protagonistas da sua história de libertação (...) Frei Betto

Frei Betto: Paulo Freire, em primeiro lugar, é um grande amigo, uma pessoa por quem eu tenho, não só uma admiração afetiva pelos inúmeros laços que nos unem, mas também intelectual, na medida em que eu me considero um dos seus discípulos. Foi com ele que eu aprendi uma atividade

que veio a se tornar, mais tarde central na minha vida, que é a Educação Popular. Eu acredito que Paulo, sobretudo, encarna a sua metodologia, ou seja, **ele é todo voltado para a causa dos oprimidos**. Não é gratuitamente. Paulo não é um intelectual que criou uma nova metodologia de alfabetização ou de educação das classes populares. Isso emana da sua própria existência, ou seja, alguém que sempre fez questão, mesmo do ponto de vista intelectual, entrar pela porta dos fundos, e não pela porta da sala. Isso é muito raro entre os intelectuais brasileiros, profundamente marcados pela racionalidade moderna, e, em geral, impregnados de um academicismo que os impede de um vínculo, de uma aproximação, de uma empatia mais forte com as classes populares brasileiras. Então, Paulo é essa pessoa que me impressiona por essa coerência de vida, de princípios, de consagração integral a um só objetivo: de que as classes trabalhadoras, de que os oprimidos brasileiros, venham a ser sujeitos protagonistas da sua história de libertação, do seu processo de emancipação.

Frei Betto, Frade Dominicano,

Assessor da Pastoral Operária de São Bernardo. Frei Betto vem trabalhando com Educação Popular.

É um homem que efetivamente ama a humanidade. Quando ele fala em amor, não é um jogo de palavras, é efetivamente uma ligação amorosa ao coração. José Carlos Barreto

José Carlos Barreto – Paulo Freire é um dos poucos intelectuais que eu conheço, é óbvio que eu não conheço tantos, mas dos que eu conheço, o que mais é capaz de vivenciar aquilo que pensa. A forma de ser do Paulo Freire é o que ele pensa. Curioso, devia ser o normal na Humanidade, mas não é, infelizmente. Mas o Paulo é. O Paulo é extremamente coerente entre o que ele coloca na literatura dele, nas conversas dele nas palestras dele e o que ele efetivamente faz. Esta coerência eu acho a coisa mais importante que eu sinto no homem Paulo Freire. É um homem que efetivamente ama a Humanidade. Quando ele fala em amor, não é um jogo de palavras, é efetivamente uma ligação amorosa ao coração. Isso me marca muito no Paulo Freire.

José Carlos Barreto,

Sociólogo, Educador Popular e membro do Grupo Vereda.

Paulo Freire passa para não infantilizar o adulto, reconhecendo no adulto um criador de Cultura (...) Moacyr de Góes

Moacyr – A grande contribuição de Paulo Freire é, primeiro, a identificação de uma metodologia diferenciada do adulto para a criança. Até ele, até Paulo Freire, o comum era você aplicar a mesma metodologia. Quer dizer, infantilizar o adulto. Paulo Freire passa para não infantilizar o adulto, reconhecendo no adulto um criador de Cultura, apenas que não domina as técnicas de ler, escrever e contar, mas que é um criador de cultura, e conseqüentemente um sujeito da História, não tem porque infantilizá-lo. Outra grande contribuição de Paulo Freire é a decodificação para nível de Nordeste de uma inquietação que, aqui no Centro Sul, passava pelo ISEB. A grande contribuição também de Paulo Freire é no nível de que eu diria, daquilo que se chama, ainda hoje, e que foi muito utilizado nos movimentos de Educação Popular e basicamente gerado pela discussão freiriana, é o pensamento crítico, a discussão de Alfabetização Popular e, conseqüentemente, a discussão de Paulo, é o gérmen de Medelin, é o gérmen de Puebla, é o gérmen da Teologia da Libertação. É uma visão não ortodoxa do marxismo, uma visão não ortodoxa do socialismo, dentro de uma visão de um Humanismo Cristão, que era um ponto, assim, muito nítido no perfil de Paulo Freire nos anos 60.

Moacyr Góes - Professor e Historiador,

no início dos anos 60 foi Secretário Municipal de Educação em Natal onde, junto com Paulo Freire, lançou o Projeto "De Pés no Chão também se Aprende a Ler"

O Paulo realmente viveu integralmente esse compromisso com a situação de vida das camadas mais pobres da população. Celso de Rui Beisiegel

Celso Beisiegel – O Paulo, desde muito jovem, desde que começou a trabalhar, foi definindo as suas atividades e os seus interesses na direção de um trabalho junto aos setores mais carentes da população. O Paulo mesmo diz, numa entrevista, que ele sempre foi assim, como aconteceu dele trabalhar na Educação, a atividade dele foi essa. Se ele tivesse sido médico, teria se encaminhado para a Medicina Preventiva, para um trabalho junto a esses setores carentes da população também. Se tivesse sido arquiteto, iria trabalhar com o problema da habitação popular. Agora, estas coisas não são apenas ditas da boca para fora. O Paulo realmente viveu integralmente esse compromisso com a situação de vida das camadas mais pobres da população. Fora isso, é um homem generoso, sensível, realmente um grande amigo.

Professor Celso de Rui Beisiegel

Chefe do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Universidade de São Paulo.

Paulo desde o início se mostrou para mim como ele era no livro. (...) o tempo inteiro Educador. Moacir Gadotti

Gadotti – Eu comecei a descobrir Paulo Freire em 66, 67, quando li, pela primeira vez, a obra dele **A Educação como Prática da Liberdade**. Para mim ele começou a aparecer mesmo, sobretudo como gente, a partir de 70, quando, na Universidade de Genebra e no Conselho Mundial das Igrejas, aonde ele tinha ido depois de ter passado pelo Chile e pelos Estados Unidos, onde ele tinha ido trabalhar, aí a gente teve um contato. Nós trabalhamos juntos, no Setor de Educação de Adultos na Universidade de Genebra e num contato, não só como grande educador que ele é, educador da pedagogia do oprimido. Então, foi um contato primeiro com a obra dele que vinha assim, via livro, e depois um contato como pessoa e, o que não me surpreendeu, mas eu achei fabuloso, esta absoluta identidade entre a obra e a pessoa. Quer dizer, o Paulo desde o início se mostrou para mim como ele era no livro. Aquele compromisso dele, aquela coerência, o tempo inteiro um educador que é o tempo inteiro educador. Aquele educador que é educador na hora que almoça, na hora que sai para fazer uma compra, na hora que brinca, em todo lugar.

Moacir Gadotti

Professor do Mestrado de Educação da PUC de São Paulo, autor de vários sobre Educação, Presidente do Instituto Paulo Freire.

Ali estava a escola, ali era o cinema, a caixinha, aquele retângulo, a tela, a máquina. (...) o filme cujo atores era o povo, o enredo, a vida do povo. Maria Adozinda²

Maria Adozinda – Eu me lembro que, em 63, possivelmente, a campanha de alfabetização já estava, já tinha decolado e já estávamos na Zona da Mata, além dos Núcleos de Cultura. Do Recife, já estávamos na Zona da Mata, nos engenhos. Então, nós íamos dar, assim semanalmente, nós íamos nos vários engenhos, onde estudantes voluntários (estudantes da universidade), eram os coordenadores de Círculos de Cultura. Então, nós íamos tanto dar uma cobertura, uma assistência técnica, pedagógica, como também afetiva, porque eles estavam fora de casa e estavam numa realidade diferente, embora numa opção e num voluntariado, mas realmente isolado. Então, nós íamos e ficávamos, por exemplo, em Palmares, que era a cidade que convergia mais perto os engenhos que estavam ao redor. E uma vez nós chegamos lá à tarde, mais ou menos três horas, quatro horas, e

² **Maria Adozinda** - Paulo Freire chamava-a carinhosamente de Dosa. Na época da gravação da série radiofônica, Dosa era assessora da Secretaria de Educação de Pernambuco e do Projeto de Alfabetização de Adultos do Estado de Alagoas. Em Pernambuco, ela coordenava, junto com Paulo Freire, o Projeto Nova Escola, voltado para a Educação de crianças e o Projeto Escola da Vida, que alfabetizava jovens e adultos. No início dos anos 60, Dosa participou do esforço pioneiro de implantação do Método Paulo Freire.

chegamos, não procuramos, isso é que é mais importante, não procuramos a Casa Grande, nem a casa do capataz. Nós procuramos onde o estudante, Coordenador do Círculo de Cultura, estava hospedado, a casa de um camponês. Quando chegamos, então fomos muitos bem recebidos e o rapaz estava lá, e começamos a conversar. Depois a família, a senhora, colocou os tamboretos no pátio e começamos a conversar e nada do rapaz mostrar o trabalho e a gente conversando, como é que vai, não sei o quê, uma conversa bem informal, e a cana, como é na Zona da Mata, ficava à altura, um estarrilhado na casa do camponês, naquele pequeno cômodo estávamos ilhados de cana, e só um espaço assim de um lado da casa estava limpo e estava sem cana, como uma clareira aberta. Era a primeira visita que fazíamos. E começou a escurecer, e nada do rapaz, ele não antecipou a nós qual era a hora do Círculo de Cultura, da sessão de discussão da escola, e daqui a pouco começou a escurecer e nós começamos a ver que já estava escuro. Então serviram um cafezinho à gente e daqui a pouco a cana começa a farfalhar e pontos de luz surgindo naquela imensidão do canavial. Para mim e meu marido era surpreendente. **O que é isso?** Para ser vagalume era bastante grande o lume. Então, dali a pouco chega um com a mesinha de feira, os tamboretos com os pés para cima sobre a mesa, que estava na cabeça de cada um, e o candeeiro ali, iluminando o caminho e que iluminaria a escola também. Então eles colocam no chão os móveis da escola que eram de suas casas e sentam. Então o rapaz, o alfabetizador, o Coordenador do Círculo de Cultura, pega uma mesinha, coloca sobre a mesa um retângulo vazado, um rolo de papel vegetal com uma manivela e começa o debate. Ali estava a escola, ali era o cinema, a caixinha, aquele retângulo, a tela, a máquina. A tela era o papel. Ali estava o filme, o filme cujos autores era o povo, o enredo, a vida do povo. Começou o debate. Aquilo nunca saiu em livro nenhum, tudo inventado, tudo criado, e em nenhum livro de Pedagogia jamais li, ainda também não li, e desejo ler, queira Deus. Duzentas pessoas mais ou menos, crianças, mais idosos, jovens, mulheres, homens, a debater as suas existências, e ser possível coordenar esse debate.

(...) ele era um homem já muito famoso, um homem que tinha pôster nos Estados Unidos com a cara dele, que fazia conferências em toda parte do mundo, e viver lá exatamente como ele viveria no Recife, com a mesma simplicidade (...) Fernando Henrique Cardoso

Fernando Henrique Cardoso – Eu convivi com Paulo Freire por muito tempo, primeiro em Santiago e depois mais esporadicamente quando ele estava na Suíça, em Genebra, na Organização Mundial das Igrejas. Sempre o que me deixou fascinado com Paulo foi a capacidade que ele tinha de com tanta simplicidade colocar questões que são fundamentais. E mais ainda a sua ligação muito forte com o Nordeste, com o Brasil. Eu me recordo quantas vezes eu me encontrei com Paulo na Suíça e sempre que podia, minha mulher, a Ruth, que era muito amiga dele e da Elza, que era mulher dele também, que faleceu, pedia que eu levasse alguma coisa para que ele comesse, “alguma coisa” era sempre farinha, goiabada, esse tipo de alimentação brasileira. Paulo viveu na Suíça e, naquela época, ele era um homem já muito famoso, um homem que tinha pôster nos Estados Unidos, com a cara dele, que fazia conferências em toda parte do mundo, e viveu lá exatamente como ele viveria no Recife, com a mesma simplicidade, com a mesma tranqüilidade, e com o mesmo empenho nas coisas simples do Brasil. Acho que Paulo Freire é, realmente, uma pessoa, é preciso conhecê-lo de perto para entender depois como é que ele teve tanta influência e tem tanta influência pelo mundo afora, sendo uma pessoa que nunca foi preocupado propriamente com esse mercado intelectual. Paulo não é um homem que se venda a si próprio. Ao contrário, é um homem bastante distante de preocupações de propaganda e coisas pelo estilo. Não obstante, eu acho que ele, seguramente, é hoje no mundo talvez um dos cinco brasileiros conhecidos nos meios intelectuais. Seguramente, o Paulo está entre esses cinco, não há nenhuma dúvida quanto a isso e, na área dele, é imbatível, é uma força realmente enorme, uma capacidade enorme de convencimento.

Fernando Henrique Cardoso
Senador da República na época deste depoimento.

(...) ele durante todos esses anos foi o único pedagogo latino-americano que realmente ficou conhecido em todo o mundo. Josina Godoy

Josina Godoy³ – A importância de Paulo Freire não é só para a Educação brasileira, ele extrapolou para todo o mundo. Ele extrapolou para todo o mundo, porque, durante todos esses anos, foi o único pedagogo latino-americano que, realmente, ficou conhecido em todo o mundo, porque ele procurou aplicar o método dele, e muitas pessoas procuraram, e vários, como no Chile, no Equador, na África, no tempo da luta, na Tanzânia, na luta dos Moçambicanos na Tanzânia, e, naturalmente, com muitos debates em torno do Método, com muitas incompreensões. Eu, quando fui para Moçambique, dentro do meu currículo estava que eu tinha trabalhado com o Método, só que em alguns lugares havia aquela discussão que o Método era religioso. Eu mostrava que o Método não tem cor política nem cor religiosa, depende das pessoas que o empregam.

Nós organizamos em Brasília um plano de alfabetização de adultos (...) Paulo de Tarso C. Santos

Paulo de Tarso - Eu conheci o Paulo Freire quando ele foi a Brasília, em 1963, para analisar um convite que, como Ministro da Educação, eu lhe fizera, para assumir a direção dos setores relacionados com a alfabetização, tanto da população em idade escolar quanto de adultos.

O Paulo Freire trabalhou comigo no Ministério durante os quatro meses em que eu lá estive. Nós organizamos, em Brasília, um plano piloto de alfabetização de adultos para checar a eficiência do Método que ele já havia lançado no Nordeste, e os resultados eram mais que animadores, quando houve a interrupção do processo político e essa experiência foi interrompida a meio caminho.

Paulo de Tarso C. Santos

Ministro da Educação no Governo João Goulart, e Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, à época da gravação da série radiofônica.

Educação Popular (...) Ela materializa logo uma reação contra a discriminação. Germano Coelho

Germano Coelho – A Educação Popular teria que ser a de todos. Ela corresponde desse ponto de vista, quando se fala na Universidade Popular, quando se tenta, como agora nós estamos fazendo, dizer o que é a Educação Popular. Ela materializa logo uma reação contra a discriminação. Há pouco a gente lembrava em números, 20 milhões de adultos analfabetos, 8 milhões de crianças entre 7 e 14 anos, 20 milhões de 0 a 7 anos. Quer dizer, dentro de uma população de 135 milhões de brasileiros, nós temos aí somados, 48 milhões marginalizados do processo educativo. A Educação Popular seria esse esforço de integração de toda a população⁴. A Educação teria que ser um processo de aculturação, um pouco como o MCP pensou, eu creio, quando colocou a música, o canto, a dança, o teatro, o cinema, a televisão, a leitura, a escola radiofônica, a praça, o parque, como quando colocou todo o problema cultural a céu aberto. Foi na década de 60, nos inícios de 60. Era um tempo inclusive em que, no plano mundial, alguns países como a Inglaterra conscientizavam a década da Educação.

Nesse instante, aqui no Recife, senti uma experiência nova, que uniu povo, intelectuais, estudantes, num único movimento que não era apenas por escola, mas era um movimento de Cultura. Cultura concebida como um instrumento para a emancipação de nosso povo, para a conscientização, palavra inclusive que Paulo Freire usava muito, para a conscientização de seus problemas. Isto é que foi o

³ Josina Godoy - ex-aluna de Paulo Freire, trabalhou no Movimento de Cultura Popular, alfabetizando adultos pelo rádio. Também exilada, esteve 16 anos fora do país. Em 1978, ela trabalhou com o Método em Moçambique, coordenando a alfabetização de adultos. Na época da gravação da série radiofônica, era Consultora do Instituto Nacional de Estudos Sócio-Econômicos.

⁴ Dados dos anos 80.

Movimento de Cultura Popular. Reunia os conjuntos, as agremiações carnavalescas, as agremiações ligadas aos círculos folclóricos do Nordeste, promovia as grandes festas populares, do São João, do Natal, tudo isso gerou aqui no Recife um movimento forte com expressão no teatro, na música, no canto, na dança, um movimento de uma amplitude imensa, começou-se a estudar os problemas brasileiros.

Germano Coelho

Ex-Prefeito de Olinda e intelectual considerado por Paulo Freire como o grande ideólogo do Movimento de Cultura Popular, o MCP

E foi exatamente nessa época que Paulo começou a despontar em nível nacional como um Educador que propunha uma solução nova, revolucionária, para a alfabetização de adultos. Venício Artur de Lima

Venício Artur de Lima – Eu era um aluno do Segundo Grau em Belo Horizonte, e era de Ação Católica, era da JEC, Juventude Estudantil Católica, no princípio da década de 60. E foi exatamente nessa época que o Paulo começou a despontar em nível nacional como um Educador que propunha uma solução nova, revolucionária, para a alfabetização de adultos. Então, eu, como um jovem militante de Ação Católica em Belo Horizonte, nesse período, tive o primeiro contacto com as idéias de Paulo Freire através de grupos de Ação Católica que trabalhavam em favelas, na periferia de Belo Horizonte. Eu me lembro uma coisa, por exemplo, muito clara para mim, que marcou esse período e tal e que eu tenho até hoje, o que é uma coisa rara, é que o grupo que começou a trabalhar com Paulo Freire, penso, chamava-se Distensão, da Universidade Federal de Pernambuco, publicava uma revista que, se não me engano, se chamava Estudos Universitários. E tem um número dessa revista que é um número especial, um número quase todo de artigos a respeito do trabalho, das idéias, da fundamentação teórica, desse método de alfabetização. E tinha um amigo nosso que foi a Recife e conseguiu uma revista dessa, que me deu e eu tenho essa revista até hoje. Eu me lembro que aquela revista era um patrimônio muito valioso, porque todo mundo queria estudar e conhecer melhor, afinal de contas que idéias eram aquelas, que colocadas em prática, não só alfabetizariam no sentido formal, clássico, mas dariam consciência política, e era um período onde isso era absolutamente importante, porque um país de uma massa muito grande de analfabetos, a alfabetização significava o acesso ao voto, e nós naquela época queríamos isso, para que os nossos candidatos pudessem ser eleitos. Principalmente se pensava em termos nacionais, etc. Então, meu primeiro contacto com Paulo se dá por aí.

Venício Artur de Lima

Professor da Universidade de Brasília.

Repressão

*(..). a teoria da luta armada tem um enquadramento histórico e social.
Ela não se dá no vácuo, não se dá na cabeça de ninguém.
Eu tenho um profundo respeito pelos jovens que morreram
na luta armada nesse país (...)*

Os movimentos armados contra a ditadura e o apoio de Paulo

PF – Exato, mas o que eu digo é o seguinte: em primeiro lugar eu falei antes que a teoria da luta armada tem um enquadramento histórico e social. Ela não se dá no vácuo, não se dá na cabeça de ninguém. Eu tenho um profundo respeito pelos jovens que morreram na luta armada nesse país, eu respeito, eu estava no exílio. Mas o que eu quero dizer é que naquele momento, a ditadura militar fechou todas as portas à juventude. Não havia um corredor para que a juventude, através do qual a

PF – Eu não tinha nenhum compromisso com os grupos armados, nem eles comigo. Nenhum, inclusive antes de sair do Brasil, não havia grupos armados, pelo menos tão organizados, tão ativos, etc. Havia toda a luta no Governo populista de João Goulart, dos grupos progressistas brasileiros, e também das pessoas progressistas que dentro do governo de linha populista, tentavam ampliar espaços políticos, numa perspectiva não populista. Com o Golpe de Estado, quando eu me ausento, o fenômeno da luta armada no Brasil, urbana, se instala exatamente nos anos 70, e eu saí do Brasil em 64. Na Europa, o que acontecia, é que de vez em quando eu conhecia um jovem que tendo sido trocado por aqueles, por embaixadores, não sei o que era...

PF – Seqüestros, etc. Então, é claro, não tinha porque não conversar com qualquer deles que me procurasse, nem não ajudar, inclusive, se pudesse, mas em nível de relação política, por exemplo, nenhuma, porque minha perspectiva, inclusive, não era essa.

A auto-avaliação quanto à reação do Golpe de 64 ao seu trabalho

Agora, evidentemente que minha proposta era, e continua sendo, uma proposta não de uma Educação para acomodação das pessoas e das classes sociais, mas pelo contrário, uma proposta de Educação da realidade brasileira.

PF – Olhe, vou ser tão objetivo quanto possa numa questão que me envolve de maneira que... Em certos aspectos, entende, eu acho que havia uma exageração da minha periculosidade. Não é questão aqui agora de falsa modéstia, mas eu não vejo porque eu fosse de repente considerado como um sujeito tão ameaçador. Agora, evidentemente que minha proposta era, e continua sendo, uma proposta não de uma Educação para acomodação das pessoas e das classes sociais, mas, pelo contrário, uma proposta de Educação para a transformação da realidade brasileira. Então, isso daí não devia ser bem visto pelos grupos dominantes. Mas, a partir daí, chega a certo tipo de exagero, como por exemplo, de o Governo de então, o Governo militar, me negar sumariamente o meu passaporte. Por exemplo, em 68, uma filha nossa visitou o Brasil, a gente morando no Chile ainda, foi ao Recife e lá conversou com o Ariano Suassuna, e Ariano mandou um recado para mim, que era de que eu tinha que me defender contra as acusações que faziam, para resolver essa situação. Então, outro grande amigo meu, Antonio Montenegro, tomou a si, a causa da minha defesa, à qual se juntou em seguida um outro advogado fantástico, um homem extraordinário que se chama Paulo Cavalcanti. Eu sei que o Paulo Cavalcanti e o Antônio Montenegro e, no Rio de Janeiro, um outro advogado muito famoso de cujo nome eu esqueço no momento, fizeram a minha defesa.

A acusação

PF – Eu era acusado de subversão internacional.

PF – Agora tinha outras coisas, pormenores jurídicos, que eu não domino no momento. E também havia uma acusação irrisória, absurda, que não tinha como ter segurança, sustentação jurídica, também era acusado de ser ignorante absoluto... Em primeiro lugar, isso não é crime, nem é pecado, nem coisa nenhuma a gente ser ignorante.

Processo arquivado

A denúncia foi considerada como absolutamente inepta, incompetente, incapaz, sem fundamento, sem coisíssima nenhuma.

PF – Faz parte da História nossa. Bem, mas o fato é que, para acelerar, os advogados me defenderam muito bem, e o que é que acontece: o Supremo Tribunal Militar na época deu a sentença que era a seguinte: arquivar-se o processo por inépcia da denúncia. A denúncia foi considerada como absolutamente inepta, incompetente, incapaz, sem fundamento, sem coisíssima nenhuma. Em junho de 68, eu trabalhava, sob protestos do então Governo brasileiro, na UNESCO, em Chile. Então, eu pensava, como eu teria que no começo de 69, eu teria que passar nos Estados Unidos para um encontro que ia haver lá e para o qual eu havia sido convidado, eu então pensava em, dos Estados Unidos, em lugar de voltar para o Chile, vir ao Brasil, sozinho, me experimentar aqui, quer dizer, visitar minha mãe, meus irmãos, meus amigos...

Quatro anos de exílio

PF – Exato, e ver a minha situação de reinserção na Universidade, tudo isso afinal que eu devia preparar, não devia chegar com uma mala correndo, etc. Mas aí, tu te lembras que em dezembro de 68, veio o AI 5, o célebre AI 5, que fechou tudo de novo. Aí você veja que coisa, como o arbítrio é sempre o arbítrio. É que, apesar da sentença do Supremo Tribunal Militar, o Governo militar brasileiro continuava a me encarar, a me olhar, como se nada tivesse havido do ponto de vista da sentença do Tribunal Militar.

Absolvição pelo Tribunal Militar

PF – E nada disso funcionou. Quer dizer, se eu pusesse o pé aqui depois do AI5, eu ia para a cadeia do mesmo jeito.

PF – Não estava afim disso, realmente que não estava. Bem, aí começa tudo novamente, e eu me convenço de que, na verdade, não tem porque voltar. E outra coisa, mesmo que eu não tivesse voltado, a partir daquela sentença eu teria direito, então, a ter o meu passaporte brasileiro. Era uma conseqüência óbvia da sentença. Que coisíssima nenhuma... Que sonho de ter passaporte brasileiro.

PF – Eu fui procurar um dia, por exemplo, antes da sentença em 67, eu viajei aos Estados Unidos e precisava de um documento qualquer para poder sair do Chile. E o Governo Chileno me disse: *Nós lhe daremos um documento de viagem chileno, se você nos trouxer um documento do Consulado Brasileiro, dizendo que você não tem passaporte brasileiro. Fora disso, nós não faremos porque nós não queremos criar um caso diplomático com o Governo brasileiro.*

O passaporte que não existia

PF – Provar que eu não tinha passaporte. O que era verdade.

A prisão em 64

PF – Eu me lembro da data, porque eu fui preso na véspera ou no dia do aniversário de minha mulher, que é 16 de junho. De maneira que então não tinha como eu esquecer isso, no Recife. Porque eu passei um tempo, porque o Golpe de Estado foi no 01 de abril de 64, eu passei abril e o mês de maio, em Brasília, na casa de um grande amigo meu, escondido lá.

PF – Era Brasília... Foi um ato necessário. Por exemplo, eu me recusava, na época, eu me recusei ir para uma embaixada, eu pensava - e aí era uma das minhas ingenuidades, e todos nós temos as nossas ingenuidades. Eu pensava que eu não devia de maneira nenhuma decepcionar pelo menos parte de uma juventude, que tinha aderido a esse trabalho comigo de alfabetização no país todo, em todo lugar, em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Sul do país, no Norte, no Nordeste, havia uma quantidade enorme de jovens.

A História precisa de um ou outro herói como presença simbólica, mas precisa é de gente viva para transformar.

Dados sobre gente engajada no projeto

PF – Nós tínhamos isso, mas todos esses dados se perderam depois.

PF – Por motivos óbvios. Então, eu dizia a mim mesmo e à Elza, nas nossas conversas, em que a gente discutia. A Elza, muito mais realista do que eu, dizia: Paulo, eu acho que você devia ir embora, você se asila numa embaixada dessa qualquer e eu fico com as crianças e depois eu vou me embora com elas, te encontro lá onde tu estejas. Mas aí me doía, me doía eu largar o país, vê bem, não era negócio de querer ser herói, porque eu não acredito, eu acho inclusive, que mudança radical de sociedade se faz é com gente viva e não com gente heróica morta. A História precisa de um ou outro herói como presença simbólica, mas precisa é de gente viva para transformar. Então eu nunca pretendi ser herói e morrer bestamente, e continuo querendo estar vivo. Mas não era essa a questão, não era tampouco uma questão de puritanismo, que eu estivesse querendo fazer uma demonstração à juventude de pureza minha, nada disso. Era uma questão de coerência.

PF – Eu fazia isso com meus medos também, por que negar? Mas eu dizia, por exemplo, eu não posso, no primeiro momento, ir embora. E a juventude que não vai poder ir embora, vai ficar dizendo: Mas, puxa, a gente acreditava nas propostas que esse cara fazia, e ainda bem o Golpe não se sentou e ele já está no mundo... E eu dizia: Não, Elza, eu vou ficar, eu vou pra cadeia, eu sei que vou...

PF – Agora, o que eu queria, também, evitar - e não há dúvida nenhuma que eu estava certo - era voltar para Recife imediatamente, porque eu sei os níveis da repressão que a gente tem no Nordeste. Quando outra região qualquer do país está dando porretada, o Nordeste já está se triturando. Porque é isso mesmo, os níveis de violência, o Poder dominante, a arrogância do Poder dominante, isso tudo pesa, e eu preferi, então, deixar um pouco sentar a poeira do Golpe e voltar. E foi isso que fiz. Então, fiquei na casa de um grande amigo, que era então deputado, e são essas coisas do Brasil, que eu acho gostosas. Ele era deputado da UDN e do ponto de vista político e ideológico, ele não coincidia comigo, não coincidia e nem coincide hoje, nós somos grandes amigos hoje e sempre fomos, nos respeitamos muito um ao outro, somos amigos, fraternalmente amigos, mas em postura política e ideológica, diferentes. Em posturas diferentes. Mas ele então me pegou a mim e à Elza e nos levou para a casa dele.

PF – Esse eu posso dizer e vou dizer. Por exemplo, há dez anos atrás eu não diria, porque eu temia que pudesse atrapalhar a vida dele, comprometé-lo. É Luiz Bronzeado o nome dele. Um sujeito valente, um homem de bem. Nós sabemos que temos as nossas diferenças políticas, de opção política, etc., mas somos amigos.

PF – Exato. Não é, não é, às vezes se torna, e eu também entendo isso. Às vezes o acirramento político, ideológico chega a um auge, a um nível tão alto que termina estragando a dimensão pessoal. Eu também compreendo isso, eu sou um cara muito realista nas minhas arrancadas sonhadoras. Pois bem, eu sei que o meu amigo Bronzeado me levou para a casa dele e lá ele nos guardou e às vezes ele chegava da Câmara rindo muito, porque os colegas dele diziam para ele: *Olha rapaz, você sabe que eu fui informado que esse tal de Paulo Freire está na Ilha de Bananal? Que sujeito astuto, danado.* E ele dizia: *Puxa, rapaz, é mesmo?* E eu na casa dele, ele não ia poder dizer que eu estava, não, está na minha casa. Mas me mantinha lá. Mas dois meses depois, antes disso, a Elza voltou sozinha para assumir a cadeira dela lá, como professora diretora de Grupo, e dois meses depois eu voltei e me apresentei à polícia, e depois fui preso pelo Exército.

O MCP / Movimento de Cultura Popular

O Recife teve sempre uma tradição assim de cidade rebelde.

MCP – o contexto político

PF – Eu vou fazer uma tentativa assim de síntese um pouco alongada da história do que se chamou Movimento de Cultura Popular do Recife, o MCP.

PF – O MCP começou exatamente quando Miguel Arraes se elegeu Prefeito da cidade do Recife. Puxa, você vê, que coisa, eu estou ficando velho, mas eu tenho a impressão que isso foi nos anos 60, foi no fim de 59, em 60, por aí, antes de ele ser Governador. Ele, Prefeito, e a história disso, o ponto de partida disso, desse movimento. Em primeiro lugar, Miguel Arraes foi um candidato à Prefeitura do Recife, foi um candidato das forças progressistas do Recife. Miguel Arraes representava uma posição política do ponto de vista dos interesses populares. Por isso mesmo é que eu discordo de certo tipo, por exemplo de análise política que enquadra, ou procura enquadrar o Miguel Arraes como um governo populista também. Não, para mim, não, o Miguel Arraes, quer como Prefeito, quer posteriormente como Governador, quando ele foi deposto pelo Golpe de 64, Miguel Arraes foi um governo popular, e não um governo populista..

PF – Antes de Arraes o Governador do Estado era Cid Sampaio, que tinha sido eleito por uma frente bastante ampla, em que estava à esquerda, em que estava uma certa linha de centro, conservadora, e o Cid ganha a governança do Estado. Miguel Arraes foi, inclusive, Secretário de Estado também do Cid, representando exatamente a faixa progressista, que compunha a frente do Recife. Mas essa frente depois se desfez e Miguel sai candidato à Prefeitura do Recife e elege-se. O Recife teve sempre uma tradição assim de cidade rebelde.

Respostas no campo da Cultura

PF – O Miguel então se elege Prefeito, apoiado, obviamente, pelos grupos de esquerda e por uma juventude intelectual de esquerda também. E recém eleito, depois de constituir o seu quadro de Governo, ele fez um dia um convite a um grupo de intelectuais, a um grupo de artistas, de alguns representantes diretos do povo e, no gabinete dele, e lá naquela primeira reunião ele falou ao grupo de um certo sonho político administrativo que ele tinha. Ele falou da necessidade que ele via, que ele

tinha, de responder a certas necessidades e a certas demandas populares, como, por exemplo, ele precisava dar respostas no campo da Educação, da Educação Infantil e da Educação de Adultos também. Ele precisava dar respostas no campo geral da Cultura, da criatividade popular.

Cultura de um modo geral

PF – Exato, de um modo geral, aproveitando inclusive as expressões folclóricas, a dança popular, a música, o teatro...

Era um engajamento na idéia (...) que levasse o engajamento a materializar a idéia. Mas sem dinheiro.

PF – Ele queria atender, como homem popular, ou de gosto popular, mas eu repito, não populista, ele nos falava, então, de como gostaria de ir desenhando, assim, uma certa forma de ação, uma certa prática que, através de que ele pudesse aproximar, tanto quanto ele pudesse, o seu Governo do povo, que era na verdade quem o havia selado no Governo. Mas em seguida, ele dizia, também, que ele não tinha, a Prefeitura não tinha recursos. E então, o que ele estava propondo àquele grupo de intelectuais, artistas, etc., era mais tarefa do que propriamente emprego, quer dizer.

PF – Era um engajamento na idéia, um engajamento na idéia que, portanto, levasse o engajado a materializar a idéia. Mas sem dinheiro. Não era uma questão de criar um organismo para nomear, isso e aquilo outro...

A idéia na prática

PF – Era por em prática. E como por em prática? Essa é que era a questão. Então, naquela mesma reunião, um companheiro nosso, Germano Coelho, um professor jovem, muito jovem, foi incumbido, ele havia chegado da França onde ele passara, se não me equivoque, dois anos fazendo seus estudos de pós-graduação, e lá na França ele tinha entrado em contacto com um Instituto, que ainda existe hoje, dirigido por um sociólogo muito famoso, Joffre Dumazier, chamava-se esse sociólogo. Ele então andou estagiando, observando, analisando, as formas de ação do Instituto na França e sem de maneira nenhuma traduzir o Instituto Francês...

(...) eu considero historicamente assim o Germano Coelho como a grande figura de pensador primeiro do chamado Movimento de Cultura Popular.

A criatividade de Germano

PF – Sem ser cópia, porque Germano Coelho para mim é uma das figuras assim, mais criativas, mais vivas, mais brilhantes. Eu considero Germano uma espécie de primo intelectual do Darcy Ribeiro. O Germano foi incumbido de trazer, numa outra reunião, um projeto de organização de uma instituição, não em nível burocrático, que fosse capaz de viabilizar aquelas idéias do Arraes, que no fundo eram idéias de todos também, porque todos participávamos daqueles mesmos anseios, tínhamos os mesmos sonhos que o Arraes. Então, coube ao Germano, por isso que eu considero historicamente assim o Germano Coelho como a grande figura de pensador primeiro do chamado Movimento de Cultura Popular. Ele deu corpo a todas essas idéias, com uma criatividade enorme que ele tinha e tem. Quando ele trouxe as propostas, então em forma de uma espécie assim quase já de Estatuto Instaurador do Movimento de Cultura Popular (MCP).

PF – Um grande projeto, entende, mas uma coisa viável.

(...) homens assim, de uma criatividade muito grande (...) precisam de homens e mulheres que entendam esse poder extraordinário de criar e de imaginar que eles têm, ponham os sonhos no chão.

PF – Pé no chão. Mesmo que Germano, essa aí é outra característica do Germano, de modo geral um dos homens muito criadores, às vezes Germano conversa uma hora contigo e, em certo momento, ele se dá o direito, e eu acho que é um direito também, de voar demasiado. Eu sempre dizia e digo que homens assim, de uma criatividade muito grande como Germano.

PF – Têm asas muito longas, então eles precisam de homens e mulheres que entendendo esse poder extraordinário de criar e de imaginar que eles têm, ponham os sonhos no chão. Eu acho que nós precisamos desses dois tipos de gente, e nem sempre você encontra numa pessoa só essas duas dimensões. Não quero te dizer, porém, que Germano não seja também um homem capaz do concreto. Ele foi eleito Prefeito de Olinda há alguns anos atrás, quando eu estava no exílio, mas o que se diz da administração de Germano é que foi uma das melhores administrações que Olinda teve. Ele também é um administrador. Mas para mim ele é muito mais um pensador, muito mais um...

O arquiteto do MCP e equipe

PF – Um homem de cultura e de sensibilidade. Quem quer que estude o Movimento de Cultura Popular hoje ou amanhã, no começo desse outro século, terá que reconhecer a presença extraordinária de Germano como o primeiro...

PF – O articulador, o arquiteto inclusive daquilo, o bolador. Evidentemente eu não quero também com isso dizer que as outras pessoas, por exemplo, que uma mulher como a Anita Paes Barreto, como a própria esposa do Germano, a Norma. Uma mulher como a Anita Paes Barreto, que foi a responsável pelo setor de Educação Primária, de 1º Grau, da Prefeitura do Recife com o Arraes, e que depois veio com tudo isso, com as escolas que o Município tinha, para dentro do Movimento de Cultura Popular. Eu não quero dizer que homens como Paulo Rosas, que mulheres como a jovem de então, Silke Weber, hoje professora da Universidade também, eu não quero dizer que esse...

PF – Esse grupo não tivesse nenhuma coisa a dizer, que fosse apenas um grupo que adequava as propostas de Germano, não. Eu acho que toda essa gente era profundamente criadora e profundamente séria. Foi um momento de uma riqueza enorme que o Recife viveu, com a coincidência de estar esse grupo relativamente grande de gente junto, numa mesma perspectiva, com uma ou outra divergência, mas mais de caráter ideológico.

PF – Mas que faz crescer, porque eu sou dos que pensam que o acordo constante e permanente, termina não sendo democrático.

PF – É preciso haver realmente uma certa divergência, etc., que houve.

PF – Bem, eu estava metido nisso, com a preocupação grande pelo campo da Educação em geral.

A proposta viabilizada

(...) Sítio da Trindade, que foi histórico, porque foi um sítio onde houve uma resistência pernambucana, e portanto brasileira ou luso-brasileira aos invasores holandeses. (...) Arraes pôs a casa e esse sítio à disposição do MCP.

PF - Sobretudo de adultos. Mas se trouxe para o Arraes a proposta do Germano discutida por nós todos, apoiada por nós todos, com uma ou outra, deve ter havido, não me lembro também mais hoje, deve ter havido alguma divergência, algum acréscimo. Depois de aprovado e discutido isso

tudo, então tivemos uma reunião com Arraes e o Arraes, então, encontrou um caminho administrativo de viabilizar o funcionamento da proposta, que era o seguinte: havia e há um sítio, chamado Sítio da Trindade, que foi histórico, porque foi um sítio onde houve uma resistência pernambucana, e portanto brasileira, ou luso-brasileira, aos invasores holandeses. Então essa casa, que não era da época, mas era no sítio, que era da época, era uma casa tombada e que pertencia à Prefeitura. Então Arraes pôs a casa e esse sítio à disposição do MCP para instalação do MCP.

PF - Era o quartel general, no bom sentido. Do outro lado ele colocava à disposição dos diretores, etc, de toda a equipe do MCP, uma série de servidores que estavam sobrando às vezes na Prefeitura, sem o que fazer, no lugar de demiti-los, então ele transferia, deslocava e ficavam a serviço do MCP, trabalhando, arrumando-se lá, ajeitando-se. Por outro lado, ele punha, também à disposição do MCP, máquinas de escrever, um certo mínimo material necessário à...

PF - Uma infraestrutura mínima sem a qual você não poderia trabalhar, incluindo, também, alguns motoristas da Prefeitura, com jipes da Prefeitura. Agora, o resto o MCP iria...

PF - Tinha toda a liberdade, toda a liberdade de criar, absoluta liberdade. Por outro lado, também, o MCP, pela própria natureza da instituição, tal qual ele se propunha nascer, tinha condições de conseguir, através do que eles chamavam de sócios beneméritos, certos tipos de doação.

PF - De contribuições espontâneas, como, por exemplo, seria excelente se agora, a Anita Paes Barreto, por exemplo, estivesse aqui, porque ela deve ter muito mais memória do que eu com relação a isso, porque era do setor dela, mas se eu não estou falhando, houve contribuições muito interessantes de uma certa faixa da indústria e do comércio do Recife na época, expressada através de certas doações para a escola, por exemplo, para crianças, etc.

Os tipos de doações

PF - Também em material, cadernos, coisas assim. Agora veja, um outro ponto interessante do MCP, o outro ponto era o seguinte: era a estrutura mesma de funcionamento do Movimento de Cultura Popular, tanto quanto possível distanciada, essa estrutura, de modelos burocratizantes. Uma estrutura que em si, ajudava o desafio e ajudava a criatividade dos participantes.

Isenção do vínculo burocrático

PF - Isentos, exato, e a maneira como a gente trabalhava era muito livre e criadora, por exemplo, em lugar de a gente ter divisões ou departamentos disso, departamento daquilo, com chefe de setor disso, não, a gente não tinha nada disso. A gente tinha um Conselho do Movimento, composto de Diretores do Movimento, como sócios fundadores do Movimento e além do Conselho que estudava a política geral do Movimento e aprovava propostas de ação, esta ou aquela, aí a gente funcionava através do que a gente chamava projetos. Então, por exemplo, você era membro do Movimento de Cultura Popular e interessada em rádio, então você redigia um projeto no campo do rádio, ligado ao Movimento e como fazer uma democratização do aspecto a, b ou c da Cultura através do rádio, você fazia o seu projeto, orçamentava o seu projeto e dizia onde é que você inclusive podia encontrar recurso para aquilo, e apresentava o seu projeto ao Conselho. O Conselho se reunia, discutia o seu projeto, e, aprovado, você começava a trabalhar. Então, obviamente...

A gente funcionava através dos projetos.

PF - Era, no fundo uma Associação, agora, não havia uma Presidência, não havia uma Secretaria da Presidência que era ao mesmo tempo Secretaria da Presidência do Conselho, mas era desburocratizado, o comportamento da gente. A gente funcionava através dos projetos.

O Projeto das Praças de Cultura

PF – Então eu me lembro, por exemplo, de um dos projetos que a mim me fascinava muito. Era um projeto do meu amigo até hoje, o Professor Paulo Rosas.

PF – Esse projeto dele era o aproveitamento cultural, pedagógico, artístico das praças públicas. Então esse projeto dele chamava Projeto das Praças de Cultura. Ele tentava engordar as praças.

PF – O espaço das praças com expressões de Cultura. Então eu me lembro que havia umas três, creio, ou talvez mais, Praças de Cultura. Houve tempo de se instalar três ou quatro Praças de Cultura, onde você encontrava uma biblioteca pública, onde você encontrava cinema, onde você encontrava teatro, sessões de teatro. E onde você encontrava, também, Círculos de Cultura para a alfabetização de adultos. E havia música também, retreta.

A Educação nas Praças

PF – Não havia era uma escola, por exemplo, dentro, mas a Educação informal.

Educação formal, não

PF – Não havia dentro da Praça. Então esse projeto de praças era uma beleza para mim. Era um projeto proposto pelo Paulo Rosas.

O trabalho com a comunidade

(...) obviamente que ao procurar o MCP, já o fazia porque tinha uma certa opção política, afinidade que coincidia.

PF – Trabalhava-se. Isso é outra coisa interessante. Havia um sem número de jovens universitários voluntários. Então vamos admitir, um menino moço, uma moça, estudante de Filosofia, ou de Sociologia, ou de Educação, da universidade, procurava o MCP, obviamente que ao procurar o MCP, já o fazia porque tinha uma certa opção política, afinidade que coincidia. Então chegava lá e dizia: *Eu faço Ciências Sociais, por exemplo, e gostaria de saber se eu poderia dar uma contribuição.* Então se estudava, se apresentava ao jovem ou à jovem um conjunto X de projetos, há esses projetos em andamento, e o sujeito escolhia um deles, falava com o coordenador do projeto e testava se fazia o trabalho.

O estágio vivo

PF – Ah, vivo! Então, era realmente, foi um tempo de muita riqueza. O MCP historicamente se antecipou aos CPCs da UNE, que tiveram um certo papel importante na política, e foi o MCP, no Recife, assim uma espécie de um precursor realmente, ele se estendeu ao Estado de Pernambuco, porque ele começa no Recife só com o Arraes Prefeito, mas Arraes da Prefeitura dá o salto para a governança.

PF – Com o Arraes Governador, então, o projeto do MCP se estende do Recife ao Estado, e também se estende, como influência apenas a outros Estados do Nordeste. Agora, obviamente, não houve tempo, porque Arraes foi Governador, creio que um ano e pouco, porque aí veio o Golpe de 64 e, com o Golpe de 64, o MCP foi considerado como uma sede de subversão. Eu me lembro, ainda, de que eu já na cadeia, andei lendo notícias nos jornais do Recife, na época, falando de que se havia encontrado um sem número de fardas para guerrilheiros do MCP, um absurdo...

PF – Eram estritamente culturais e pedagógicas. Posso te afirmar isso. Era esse o sonho de um grande número de intelectuais de esquerda da época, que acreditavam de um lado, no dever que tinham de assumir um compromisso com as massas populares que, no fundo, haviam possibilitado que eles se tornassem intelectuais.

A retribuição voluntária

PF – Exato. Mas não era só isso, coincidia com a opção política, que esse time de intelectos tinha, mas ninguém estava pensando em transformar a sede do MCP, numa trincheira de bala. De jeito nenhum. Não encontraram revólveres, nem sequer baladeira, badoque. Não tinha nada disso, tinha uma luta... Quem tinha arma, no fundo, naquela época era a direita. É incrível isso, naquela época eu não te posso dizer, assim, com dados concretos, mas o que se sabia é que o Poder mais reacionário desse país, se armava.

PF – Se garantia para garantir suas terras, isso e aquilo outro, da mesma forma que hoje fazem diante das propostas tímidas da Reforma Agrária. Bem, em linhas gerais esse seria assim uma espécie de esqueleto, o embrião⁵ desse Movimento de Cultura Popular, que viveu algum tempo e eu não te diria que é totalmente virtuoso, mas que testemunhou um desejo de trabalho sério de um grupo de gente boa.

PF – Foi. Eu não diria, porque na verdade seria até difícil ser um modelo, mas funcionou como um desafio. Por exemplo, eu me lembro de que nessa época, concomitantemente com o surgimento do MCP, começava a ter em Natal, Rio Grande do Norte...

Para mim foi uma das coisas mais sérias na história da Educação Brasileira, que se chamou "De pé no chão também se aprende a ler".

De pé no chão também se aprende a ler

PF – Foi, em Natal, na mesma época se elegeu Prefeito um homem extraordinário, que se chamava Djalma Maranhão. Era um homem de esquerda, ele tinha como Secretário de Educação um jovem intelectual muito amigo meu, desde aquele tempo, o Professor Moacyr de Góes. E o Moacyr de Góes, muito moço naquela época, ao lado do Djalma Maranhão, e com o Djalma programou um trabalho lindo. Para mim foi uma das coisas mais sérias na história da Educação brasileira, uma campanha que se chamou: **De Pé no Chão também se Aprende a Ler**. O Moacyr de Góes, há quatro ou cinco anos publicou inclusive um livro sobre isso, com esse título, De Pé no Chão também se Aprende a Ler, onde ele conta essa história. Uma coisa, por exemplo, um pormenor disso que pouca gente conhece, a não ser quem mora lá mesmo. Eu vou contar aqui essa estória, talvez até com algum floreio, mas não com inverdades. Dizem que certa vez, numa certa manhã de Natal o Djalma Maranhão chamou um ou dois arquitetos da Prefeitura, ou não importa de onde, e disse: Eu queria que vocês vissem, não é possível que nós continuemos com uma rede escolar que não atende a quantidade de crianças que precisam de escola em Natal. Eu não tenho nada que ver, tenho politicamente que ver com o meu estado, mas administrativamente eu tenho que ver com Natal.

PF – É um absurdo isso, então ele dizia: E a Prefeitura não tem dinheiro para construir edifícios pomposos e bonitos. O Poder Público nesse país, nessa região, tem que dar soluções adequadas

⁵ Esse embrião, que começou em Recife, e se interiorizou enquanto proposta para Pernambuco, já Arraes como Governador, serviu de uma certa forma como modelo para outros estados ali vizinhos do Nordeste.

às condições, coerentes com as condições que nós temos. Não é possível em Natal fazer escolas para a Suíça, a Suíça já faz as suas e não precisa das de Natal.” E dizia: Nós precisamos que vocês, vocês arquitetos existem para dar resposta aos problemas.

A solução local para o problema local

*(...) o povo faz fácil, a gente é que complica.
Resultado, deu a solução arquitetônica da caiçara.*

PF – Com soluções locais. Então eu quero que vocês estudem. Ele disse: Por exemplo, uma coisa que a mim impressiona é como os índios, que se prolongaram nos pescadores, fazem as suas caiçaras, suas palhoças na beira do mar, com uma construção leve, formidável, bonita...

PF – Adequada ao clima. Pois bem, estudem isso e vamos ver se a gente faz escolas assim. Resultado, isso eu fui lá visitar, os arquitetos encontraram afinal de contas as soluções fáceis, populares, porque o povo faz tudo fácil, a gente é que complica. Resultado, deu a solução arquitetônica da caiçara. Então o Djalma mandou fazer uma série de escolas com o mesmo tipo de estrutura da caiçara, prevendo-se a posição dos ventos, a posição das chuvas, tudo isso estudado, mas com uma construção absolutamente viável, simples. Evidentemente, se você me diz: mas Paulo, mas vem cá, isso não é uma construção definitiva... Mas claro que não é, mas no dia em que o desenvolvimento das forças produtivas possibilitar que a gente tenha uma construção mais duradoura....

PF – Mas enquanto isso, vamos atender, fundamentalmente, a demanda escolar das crianças. Resultado: o Djalma, tendo à frente da sua Secretaria esse jovem educador Moacir de Góes, o Djalma Maranhão terminou dentro de um ano, creio, oferecendo escola a todas as crianças de Natal. Então vocês vejam como, ao mesmo tempo em que aparecia o MCP no Recife, aparecia em Pernambuco, aparecia em Natal, mas veja bem, um Prefeito como Arraes, um Governador como Arraes, um Prefeito como Pelópidas Silveira depois, um Prefeito como Djalma Maranhão, no Natal. Mas, ao mesmo tempo, aparecia, na Paraíba, um movimento menos grande do que o MCP, porque lá não tinha o respaldo tão forte quanto a gente teve, oficial, que foi um movimento que nasceu muito ligado a nós, no MCP, que se chamou CEPLA (...) Não sei a tradução disso hoje mais. Eu fixei a sigla, mas esqueci o conteúdo dela. A CEPLA (...) foi um trabalho excelente também, um grupo de jovens muito bons. Agora, você veja como isso, no fundo, tinha que ver com o clima geral do país. Mas o que eu quero com isso salientar é como nós estávamos muito ligados uns aos outros. Não foi uma só vez, nem duas, nem três que alguns de nós saímos do Recife, até às vezes de caminhonete, para ir a Natal. Por exemplo, eu me lembro de que participei da inauguração de uma Praça da Cultura em Natal.

PF – A mesma idéia do Recife, por coincidência o Paulo Rosas, que foi o autor do projeto do Recife, é de Natal, é rio-grandense-do-norte, então havia uma solidariedade, inclusive política entre nós todos.

PF – Uma troca, que depois se rompe, não entre nós, mas depois vem com a ruptura violenta do Golpe de Estado, inclusive, como toda violência de Golpe de Estado, como toda Ditadura reacionária, que toda ela é, tentou esconder, passar uma esponja em cima da História, e durante muito tempo não se podia falar de nada disso. Uma das coisas que o Poder arbitrário sempre tenta é proibir que as gerações mais jovens sejam informadas de ações importantes no sentido do processo de democratização do país, de libertação do país. Agora, o que é importante, o ditador de um ano não é capaz de ensinar ao ditador do outro ano. Ele não aprende nunca com o anterior.

(...) eles acreditam que é possível acabar com a memória, mas não é, de jeito nenhum, porque o que eles fazem é retardar a apreensão (...)

PF – Não é, todos eles acreditam que é possível acabar com a memória, mas não é, de jeito nenhum, porque o que eles fazem é retardar a apreensão, a revivência dessa memória. Isso é possível, mas apagar, não.

PF – É lógico.

O Exílio

*Até que um dia eu leio uma notícia
no Jornal do Brasil, comunicando
que a minha prisão preventiva
seria decretada em pouco tempo.*

O momento da partida

PF – Chegou o momento para mim ali, realmente eu tinha pensado em ficar, eu cheguei a dizer isso a um major, que me ouviu na Universidade e que teve um comportamento muito digno. Um dia eu disse a ele : Major, eu estou disposto a ficar no Brasil, vão me demitir da Universidade, ou vão me aposentar, então eu penso em pegar o dinheiro e comprar dois garajáus (...) e comprar galinha e vender galinha no Recife. O que vai acontecer é que os senhores vão pensar que eu estou querendo afrontá-los e aí me prendem de novo. Mas eu estou disposto a ficar. Mas quando eu fui para o Rio de Janeiro para continuar a ser inquirido nos inquéritos militares do Rio, então meus amigos no Rio começaram a me dizer que era uma loucura que eu continuasse a ficar no Brasil. Até que um dia eu leio uma notícia no Jornal do Brasil, comunicando que a minha prisão preventiva seria decretada em pouco tempo.

PF – Ainda publicava-se isso, ainda podia advertir você, através de uma publicação como essa. Aí eu, realmente, naquele momento, decidi deixar o Brasil, que eu sempre digo, eu não deixei, eu fui deixado, não pelo Brasil. Por isso é que eu vivi todo o tempo sonhando em um dia poder voltar.

*A diferença da fuga para o que eu fiz é
quando você renuncia a seus princípios,
quando renuncia a seus sonhos,
aí você foge, mesmo ficando.*

Não foi uma fuga

PF – Não, foi uma defesa própria. A diferença da fuga para o que eu fiz é quando você renuncia a seus princípios, quando renuncia a seus sonhos, aí você foge, mesmo ficando. Mas quando você sai sem contrariar, sem negar, sem falar, amedrontadamente, que se arrependeu, mesmo que você possa fazer até sua autocrítica, você possa dizer: Bem, eu não faria hoje tal coisa, mas eu continuo com o mesmo sonho. Aí você não foge, você se defende.

PF – Eu não falo com mágoa, eu falo amenamente de coisas terríveis. Quer dizer, eu tento, inclusive, compreender historicamente isso tudo, social e politicamente. Mas eu quero dizer que eu tive um testemunho muito mais forte do que isso que eu digo, de um homem do Partido Comunista Brasileiro, a quem eu conheci no Chile. Depois a quem eu revi na Europa, ficamos muito amigos, ele era bem mais velho do que eu, e era um líder sindical, e fazia parte do Partido Comunista historicamente, quer dizer, ele tinha entrado no Partido Comunista desde os seus começos. Lamentavelmente agora me está fugindo o nome desse homem a quem eu respeito, a cuja memória eu respeito muito e cuja

presença nesse mundo, de homem de bem, de homem valente, de homem corajoso. Mas um dia ele, conversando comigo e Elza no exílio, ele contou o que ele sofreu na Revolução de 35, o que fizeram com esse moço. Ele viveu, em primeiro lugar, muito mais tempo de vida, preso. Ele foi Deputado à Constituinte, era um líder sindical no Rio de Janeiro, tinha os olhos azuis, careca, eu estou com ele defronte de mim, um homem formidável, que coisa terrível, mas o nome dele...

PF – É... Eu farei justiça dizendo o nome dele. Pois bem, qualquer comunista, membro do Partido Comunista que esteja me ouvindo, a essa altura já está sabendo quem é, pela descrição que eu estou fazendo, por esse homem extraordinário. Ele morreu na Tchecoslováquia, morreu em Praga, não pôde voltar ao Brasil, morreu em Praga com câncer, antes da abertura. Mas um dia ele foi a Genebra, e aí conversamos e, então, ele falou, ele contou algumas das torturas que aplicaram nele em 35. Ele era levado diariamente para a tortura, como se repetiu depois em 68 em diante. Ele era ensanguentado de pancadas e contando isso à gente sem nenhuma raiva. Em certo momento eu disse pra ele: Fulano, eu estou com raiva só em ouvir. E ele disse: Não, Paulo, obviamente que aquilo é um crime, o que estavam fazendo comigo e com os outros, era um crime, um crime que nós não podemos cometer. Ele dizia para mim o que Amílcar Cabral também dizia: a revolução pune, mas não pode ser assassina. É isso, é essa a grande diferença que tem que ser vivida, autenticamente, ou então o revolucionário se trai e trai a sua revolução. Ele dizia: Eu não tenho ódio de ninguém, se você me perguntar se eu amava aquela gente, também não, aí é pedir demais, mas eu não tinha e nem tenho até hoje ódio de ninguém. Eu entendia. Você veja, uma coisa extraordinária, o que eu sofri não tem nada que ver com o que ele sofreu.

PF – Não dá para comparar, porque ele sofreu por seus ideais, pelos ideais de seu Partido, eu tenho um enorme respeito por toda essa gente que no Partido Comunista Brasileiro, tendo cometido erros táticos, continuo não concordando com as posturas centrais do Partido Comunista, mas eu tenho um enorme respeito por toda essa luta do Partido Comunista.

Um 68 mais civilizado

PF – Evidente.

PF – Se eu tivesse ficado aqui em 68, é claro. A não ser que eu não tivesse feito coisíssima nenhuma. Eu peguei o começo em que a própria repressão estava aprendendo .

PF – Estava desarticulada, depois ela se arrumou bem, ela passou inclusive a usar muito bem a computação, tudo isso.

Experiências no exílio

*(...) esses surrealismos fazem parte das experiências diárias dos exilados (...)
Tem uma lógica na ilogicidade.*

PF – Surrealista, entende? Mas esses surrealismos fazem parte das experiências diárias dos exilados. Então eu vou ao Consulado Brasileiro e o Cônsul de então, me recebe muito bem, era um intelectual, então começamos a conversar. Em certo momento ele me disse: OK, me diga agora o que é que trouxe o senhor aqui. Eu aí disse: eu vim cá pedir um passaporte. Bem cínico assim... E ele disse: Professor, o senhor está me pedindo o que eu não posso fazer. Aí eu disse: está bem então, não tem problema, eu estou contente. Então o senhor por favor mande a sua secretária bater num papel,

e o senhor assina, isso que o senhor acaba de me dizer, que eu não posso ter um passaporte. Ele disse: Professor, mas eu não posso assinar um absurdo. Você vê que o negócio é realmente kafkiano. Tem uma lógica na ilogicidade. Aí ele disse: Professor, eu não posso porque o senhor tem direito a ter passaporte, mas eu sou proibido de atender a esse direito seu pelo Governo. O senhor não está aí numa lista para esse negócio. Eu aí disse: Então faça o seguinte, Senhor Cônsul, o senhor não diz que não me dá passaporte, o senhor não diz que eu não tenho direito, mas o senhor diz que eu não tenho passaporte porque saí como exilado político.

PF - No fundo, era um samba do crioulo doido, mas era a única saída, e ele mandou fazer assim e assinou, e com isso eu consegui o documento chileno com o qual eu viajei para os Estados Unidos e com o qual eu vivi e eu viajei grande parte do mundo, com esse documento chileno. Até que chegou o momento, no começo de 73, eu percebi claramente que o Golpe de Estado do Chile seria dado.

A andança pelo mundo, a Bolívia

PF - Saí daqui para a Bolívia, da Bolívia para o Chile, do Chile para os Estados Unidos, dos Estados Unidos para a Suíça.

PF - Saí com coisa nenhuma. Eu saí com o Itamarati me pondo no avião. Eu me lembro que eu fui, o Itamarati me pôs, me tirou da Embaixada Boliviana, me levou para o aeroporto, o Embaixador veio também, porque eu tinha que fazer uma noitada, um pernoite em São Paulo, e, como não havia Embaixada em São Paulo, o Consulado não é Embaixada, a não ser que o Embaixador durma nele. Esses mistérios do Direito Internacional. Então o Embaixador fez isso, ele veio comigo e um casal que saía também. Ele dormiu no Consulado, e aí o seu corpo deu ao Consulado o status de Embaixada. Aí, no dia seguinte, ele veio ao aeroporto nos trazer e então nós viajamos.

PF - Eu tinha um contrato para começar um trabalho, mas acontece que, em primeiro lugar, eu passei os primeiros quinze dias da Bolívia sob o impacto tremendo da altitude, que você imagina, eu sou um homem do Recife, ao nível do mar, e de repente eu me vejo perto de 4000 metros acima do mar.

PF - Em La Paz. Então é inviável isso, é inviável. Eu fui para o estado de coma, com médico atendendo, aquela coisa trágica, terrível. Depois que passou esse impacto maior, eu não tinha condição de andar na rua, um livro na mão pesava 500 quilos, era uma coisa terrível. Quando eu tinha que ir me apresentar ao Ministério da Educação, que tinha um contrato para mim, aí houve o Golpe de Estado da Bolívia. Era o Estensoro, que era o Presidente, e aí cai o Estensoro e entra o Banzer.

PF - Então ficou inviável para nós e aí eu consegui uma saída da Bolívia para o Chile.

PF - Houve alguns brasileiros que ficaram lá algum tempo ainda e a repressão não veio em cima deles. Mas, se não viesse a repressão, não viria, também, a possibilidade de trabalho. Então, não vindo a repressão, já era uma maravilha, mas trabalhar como? Para quê? Trabalhar em favor de quê? Ora, trabalhar para golpe de Estado, era melhor ficar no Golpe de Estado Brasileiro.

Chile, refúgio dos exilados brasileiros

PF - Eduardo Frei tinha começado quinze dias antes.

A montagem de um plano de trabalho semelhante

PF - Exato. Você sabe que eu tive, como exilado brasileiro, eu tive possibilidades que a maioria dos brasileiros não teve. É que eu pude, no exílio, continuar sendo o que eu era antes,

fazendo o que eu fazia antes, quer dizer, eu pude continuar sendo Educador. Mas você já imaginou, por exemplo, nós tivemos amigos no Chile, médicos, que tiveram que fazer todo o curso de Medicina de novo. Você já imaginou, o cara chegar lá médico...

PF – Pois é, o diploma não era reconhecido no Chile, não havia acordo entre o Chile e o Brasil. Então, esses médicos teriam, para clinicar lá, eles teriam que fazer a revalidação, o que vale dizer, fazer os seis anos de Medicina de novo, submetendo-se a exames das diferentes disciplinas em dois anos, em um ano ou em seis meses. Quer dizer, era uma coisa horrível. Você já pensou, o sujeito que era advogado no Brasil, então ele teve que se reciclar, e lá virar outra coisa que não era advogado. Eu daria dois exemplos muito significativos. Almino Affonso, por exemplo, que era um advogado, era um político, sobretudo Almino Affonso, é o que a gente pode chamar um animal político, quer dizer, ele fora da política, Almino morre, Almino define. É um sujeito a quem eu respeito muito, muito amigo meu, mas Almino, advogava no Brasil, além de fazer política, militantemente mesmo.

PF – Mas não podia advogar. Mas Almino Affonso se tornou um excelente Cientista Político, Cientista Social. Almino, sem fazer cursos, claro, mas Almino trabalhou no Organismo das Nações Unidas, através da OIT, da Organização do Trabalho, e fez uma pesquisa extraordinária sobre a classe trabalhadora no Chile, e publicou. O Instituto de Capacitação e Reforma Agrária, onde ele trabalhou, publicou os dois volumes da pesquisa que ele fez, a ponto de se ter de dizer: os estudos sobre a classe trabalhadora no Chile, antes e depois do trabalho do Professor Almino Affonso. Outro exemplo é o do Paulo de Tarso, que também era advogado e um jovem político brasileiro, tinha sido Ministro, tinha sido o Ministro que me levou para Brasília. Paulo de Tarso virou uma coisa que, no fundo ele já era, mesmo que não soubesse, que era um Educador. Então ele trabalhou nas Nações Unidas como Educador, sobretudo muito ligado a problemas de Desenvolvimento e Educação e foi um homem muito eficiente no seu trabalho.

A solidariedade que unia

E ficamos matutando e de noite já não tínhamos ceia.

PF – Havia uma solidariedade assim enorme entre os brasileiros, os exilados de fato e os exilados de direito, por exemplo, porque havia uns que não eram juridicamente exilados, como Fernando Cardoso, por exemplo, no começo não era, mas que era de fato um exilado. O Weffort também, e havia outros que eram exilados de verdade, que tinham tido que sair com a polícia atrás. Mas havia uma solidariedade enorme entre todos nós. Eu me lembro, por exemplo, que o primeiro ordenado que eu recebi, com a Elza já com as crianças no Chile, me foi levado integralmente de dentro do meu bolso, no ônibus. Então eu chego em casa e digo: Elza, minha filha, não temos o que comer, nem o que fazer, eu recebi o dinheiro e acabou-se, levaram. Então não tem dinheiro para pagar o apartamento, e não tinha como pedir à minha família no Brasil. E ficamos matutando e de noite, já não tínhamos ceia. Então eu nunca me esqueço de que dois ou três jovens adolescentes, filhos do Paulo de Tarso, passaram lá em casa nessa noite e viram que a gente não tinha comida, de jeito nenhum. E aí eu contei: Olha, me roubaram hoje, levaram o meu dinheiro todinho, e eles conversaram um pouco e saíram, e foram em casa dizer isso. E o Paulo de Tarso, meia hora depois, chegou lá em casa com a cara de quem não quer nada e fazendo surpresa e entra com pacotes de comidas, que ele tinha trazido nas caixinhas de papelão, inventando que tinha que fazer uma surpresa, pra jantar junto, etc. Não era. Ele tinha levado comida pra gente que não tinha comida.

PF – Há um certo pudor às vezes nessas circunstâncias. Mas é coisa que se espalha, e no dia seguinte cedinho, um outro grande amigo nosso, que hoje trabalha no Ministério não sei de que em Brasília, ele chegou. Totonho, é o nome dele, ele chegou, não me lembro, eram 700 escudos. Era um

dinheirão isso, um dinheirão mesmo, me pagavam muito bem, 700 escudos. Paulo, está aqui o dinheiro todo que te roubaram. Eu disse: Opa, Totonho, puxa, rapaz eu te agradeço, eram 1200 escudos, era isso mesmo, eu te agradeço enormemente porque, puxa, rapaz a gente não tinha um tostão aí. Então eu vou te pagando isso de parcela. Ele disse: Paulo, de jeito nenhum, eu sou um homem moço, jovem, e ganho em dólar. Ele trabalhava nas Nações Unidas. Não tem porque me pagar isso. Isso é uma contribuição que eu te dou. Eu agradeço. De tarde quem chega lá em casa com mais 1200 escudos foi o Fernando Cardoso.

PF – E ele disse: Paulo, nós soubemos hoje, na CEPAL, o que aconteceu contigo, então nós nos reunimos, isto não sou eu, sozinho que estou te dando, mas nós nos reunimos, os brasileiros da CEPAL, cada um deu uma quota e está aqui para superar esse problema. Eu disse: Não, Fernando, eu te agradeço, leva isso de volta e entrega a parte de cada um porque Totonho, que também era da CEPAL, fez isso sozinho. Não se encontrou com o pessoal, Totonho fez isso já e trouxe de manhã o dinheiro para mim. E Fernando sentou-se e começou a conversar: Nada, Paulo, vou fazer o seguinte, eu chego lá e digo aos amigos que você já tinha de Totonho, mas que eu resolvi que isso era para ajudar inclusive a vocês na implantação aqui no Chile. Isto não faz falta a nós.

PF – Aí então eu agradeço, e naquele mês a gente teve lucro realmente. Aquele dinheiro serviu pra burro, porque, por exemplo, a gente não tinha, nordestino, a gente nunca tinha conhecido uma roupa quente...

PF – Inverno rigoroso do Chile para nós. Hoje o inverno do Chile continua sendo rigoroso, mas não é uma coisa que me assuste. Depois de minha experiência de Suíça, de Estados Unidos, com 15 graus abaixo de zero... O Chile nunca dá isso, em Santiago, mas é frio demais. Eu me lembro que o primeiro dia que eu peguei mínima de zero, máxima de seis, eu quase enlouqueço. Já imaginou para um recifense, que jamais tinha conhecido 16. Quando dá 15, se der 16 no Recife, está todo mundo de pullover. Pegar de repente zero de mínima e seis de máxima, o dia todinho assim, eu quase enlouqueço.

PF – Muito desconforto, e aí a gente não tinha como vestir as crianças, os filhos, para enfrentar esse negócio.

(...) eu recusei assumir no Chile qualquer posição, como Educador, de chefia.

O trabalho no Chile

PF – Ah, sim, agora uma coisa que desde o começo de minha atividade no Chile, há uma coisa que eu gostaria de sublinhar aqui, uma atitude que eu assumi muito coerente com a minha compreensão das minhas tarefas como Educador, por exemplo, primeira coisa, eu rejeitei, eu recusei assumir no Chile, qualquer posição, como Educador, de chefia. Eu entendia, que como um Educador brasileiro, eu podia ser realmente útil ao país, mas eu entendia que cabia ao nacional, não por causa de posições estreitamente nacionalistas, não é isso, mas é que eu entendia que cabia ao Educador nacional, ao Educador chileno, ou à Educadora, a coordenação dos trabalhos de que eu participasse como assessor do nacional.

As chefias oferecidas

PF – É claro que foram, mas eu raciocinei dessa forma e os chilenos entenderam perfeitamente.

O trabalho no campo

PF – Essa é a segunda observação, o segundo comentário que eu gostaria de fazer. Eu fui, eu percorri o Chile desde Arica até Porto Mon, que são os dois extremos do continente.

PF – Eu percorri toda a extensão territorial do país, nos quatro anos e meio que eu vivi lá, de cidade em cidade.

PF – Não era fazendo turismo, o que seria também muito gostoso, porque é um país muito bonito, na verdade, e muito acolhedor. Mas era trabalhando, agora, trabalhando sempre com nacionais. Eu participei de cursos de formação em toda essa extensão do país, mas sempre participando de uma equipe nacional. Além disso, eu fui, também, a áreas populares, eu visitei áreas camponesas que estavam inseridas no processo da reforma agrária, por exemplo, e eu assistia a debates entre Educadores chilenos e os camponeses chilenos. E de modo geral, o máximo que eu fazia nesses debates, era às vezes pedir licença e fazer uma pergunta para me esclarecer melhor. Mas jamais, por exemplo, eu coordenei uma discussão entre mim e camponeses, no chamado Círculo de Cultura. E eu não fazia isso aí sobretudo por uma questão de linguagem. Eu estava, em primeiro lugar, começando a comandar relativamente bem o espanhol chileno. Essa história que alguns brasileiros dizem, rindo, que espanhol é português errado, e eles dizem que português é espanhol errado, não é verdade. No fundo, são duas expressões de linguagem distintas, e então eu tinha medo que falando, coordenando uma discussão com os camponeses, eu tinha medo de atrapalhar o próprio processo de aprendizagem de compreensão deles por causa das deficiências de pronúncia, etc.

(...) não há respostas assim tipo receita.

As experiências no Chile

PF – Eu me lembro, por exemplo, de que houve inclusive um debate ideológico, entre os partidos de marca Marxista, Leninista, porque dois desses partidos, o Partido Comunista e o Partido Socialista, ambos Marxistas, Leninistas, não acreditavam em nenhuma possibilidade, por exemplo, de trabalho político-pedagógico em áreas demasiado marginalizadas em que a experiência de classe social trabalhadora quase inexistia, ou existia em muito pouca escala. Esses partidos achavam, teoricamente, que esse tipo de trabalho não rendia, principalmente porque faltava uma base material de experiência dessas populações, de que pudesse surgir um mínimo de consciência de classe, que engajassem essas populações numa luta política. Era o chamado lupen, no sub-proletariado, que entrava muito mais nessa faixa da guerra, que eu estou chamando de classe, do que na luta de classe, que implica uma experiência proletária, por exemplo. Mas eu me lembro que houve um grupo, que havia um grupo viril, um grupo forte de esquerda que chamava MIR, que era o Movimento Independente Revolucionário, e o MIR acreditou, teoricamente, que era possível trabalhar com esses grupos populacionais e dar o salto da posição em que eles se achavam para o de uma consciência política, e eles começaram a trabalhar, aproveitaram as invasões que populações faziam na Grande Santiago, e eu visitei uma dessas povoações, que chamava até Población Nueva Havana, que era uma cidade. Eles invadiram uma quantidade enorme, não sei quantas famílias invadiram e no Governo do Frei ainda, e o Frei foi forçado a preservar aquele pessoal lá, e desapropriou as terras. E quando veio o Governo do Allende, eles se solidificaram na posição em que estavam, se estabilizaram e eles desenvolveram uma experiência riquíssima, riquíssima. Eu me lembro que eu passei uma noite toda com o líder que foi, logo depois do golpe do Pinochet, assassinado. Ele tinha 25 anos, ou 26, na época. Nós passamos uma noite inteira nessa povoação, porque não era fácil entrar lá, mas como eles estavam usando o que se chamava de Método Paulo Freire, afinal de contas o próprio Paulo Freire estava lá, aí então eles me receberam e eu passei uma noite trabalhando com eles, conversando com eles. Era um trabalho extraordinário, eles tinham um Secretário de Educação, de Justiça, de Segurança, de Saúde, eles tinham um governo.

PF – Estavam organizados...Então, com essa experiência do MIR, que na verdade deu um salto, então, toda tese anterior de que não valia nada trabalhar com a população a esse nível, caiu por terra, e a partir daí, pelo menos ao nível da política, da luta política de Santiago da época, essas

experiências se tornaram válidas. Então, eu dei esse exemplo agora no Chile, pra dizer que eu acho que não há respostas assim tipo receita. Mas essa deveria ser uma das preocupações que um partido popular, não populista, devesse ter.

A saída do Chile, a ida para a Suíça

PF – Eu vivi quatro anos e meio no Governo do Frei.

PF – Do Eduardo Frei. E saí antes do Governo do Allende e depois voltei duas vezes ao Chile, durante o Governo do Allende. Mas acontece que chegou um momento em que eu percebi que o Governo do Allende ia cair.

PF – Havia os níveis de luta de classe, eram claríssimos. O que a direita fazia para provocar a queda do Allende era, você podia pegar na mão, era uma coisa incrível. Mas aí eu só tinha um caminho na Suíça, era marchar para solicitar ao Governo Suíço, asilo político. Agora, você imagina, depois de ter vivido de 70 a 73 na Suíça, de ter saído do Brasil em 64, era muito difícil defender a tese jurídica do asilo político. Não tinha nenhum dado, eu não estava sob coação de Governo nenhum lá dentro da Suíça, só não tinha era documento. Então eu fui a um advogado suíço muito famoso, e coloquei a minha situação a ele. Quando eu acabei de colocar a situação a ele, ele me disse: Professor Paulo Freire, asilo político é político e não jurídico, de maneira que o senhor vai ganhar, porque politicamente não vai interessar ao Governo Suíço pôr o senhor para fora daqui. Agora, ou ele dá então o asilo político ao senhor ou então ele põe o senhor para fora. E dentro de quinze dias mais ou menos eles mandaram oferecer asilo político à família inteira.

O que Paulo falou no Especial Educação por um mundo melhor (Série Educação em Debate)

Marlene - Professor Paulo Freire é um prazer muito grande, mas muito grande mesmo, estar o Programa Educação em Debate aqui em sua casa com o senhor hoje e o pessoal da Rádio Cultura dando o apoio técnico. Professor Paulo nós recebemos notícias de um livro novo que o senhor lançou há pouco tempo chamado: *Essa Escola Chamada Vida*. Está me parecendo alguma coisa muito recente ou são reminiscências de algum tempo atrás?

Paulo Freire - Em primeiro lugar gostaria de agradecer por ter vindo até São Paulo com a rádio, me tirando de casa e me levando a um mundão de gente, uma coisa importante e agradável.

Marlene - Ainda temos direito a canário cantando, a uma entrevista ecológica!

Paulo Freire - É um pequeno livro que resolvemos falar, Frei Betto e eu, instigados de maneira inteligente pelo Couto (jornalista). É um livro que tem reminiscências, depoimentos pessoais do Frei Betto e depoimentos pessoais meu. Particularmente, acho que o depoimento de Frei Betto tem momentos intensamente dramáticos e desafiadores. O Frei Betto é um homem moço, vivido e sofrido. Muito leal ao seu sonho, à sua causa. O livro recebeu esse nome justamente porque trata de experiências dele e minha com dimensão pessoal. São experiências coletivas que revelam, que nos formaram e nos ajudaram a formar. Daí o título *Escola da Vida*. Eu gosto desse livro. E li uma crítica inteligente na Folha de São Paulo, que dizem que o autor e Frei Betto não tinham contribuído em nenhum livro. Não concordo com o crítico, porque é interessante que, com um mês de lançado, já está na segunda edição. A crítica é legítima, mas não é exata.

Marlene - Cita que é a forma de redizer, de repensar, relocalizações que estão aqui mesmo.

Paulo Freire - Acho que o que é ruim propriamente é redizer. O que é ruim, é você redizer apenas repetindo, sem acrescentar nada. Quando você redige, mas traz um ângulo a mais, provoca o leitor. Acho que é válido, mas por outro lado, sempre digo que não sou gênio e não poderia estar escrevendo o que tivesse dito.

Marlene - Tem que ter uma certa coerência.

Paulo Freire - Sujeito comum... Depois fico pensando se devo esperar muito tempo para escrever alguma coisa que me pareça mais sólida ou deva atender uma demanda bem maior, grande e de uma grande juventude que gostaria de saber certa coisa de que fiz parte... Mas não estou arrependido do livro.

Marlene - O profundo está em cada saber. A preocupação não deve ser do autor. Nesse mesmo livro, existe um subtítulo: *Educação Por Mundo Novo e Justo*. Que educação é essa, que mundo novo e justo é esse?

Paulo Freire - Para responder esta pergunta, é importante sublinhar um ponto: em primeiro lugar para aclarar a própria questão. Esse ponto é o seguinte: a educação sistemática que se faz na escola e em si mesma não faz o mundo novo. O que eu quero dizer: não poderia juntar dez, vinte, cinquenta e cem pessoas que tem idéias sobre o mundo novo e, a partir delas, criar uma nova escola, pensando num mundo novo. A educação não é a alavanca para a criação do mundo novo, mas acontece que ela tem um papel importantíssimo na criação do mundo novo. De um lado coloca não idealizar o papel da educação e a força da educação, a ponto de reduzir tudo a ela. Ela é a chave. A educação é um dos problemas e, por outro lado, evitar cair no outro erro de negação da educação. Dizer, por exemplo, que é importante transformar a realidade política social e etc. Assim pensar numa educação nova. Essa visão é profundamente mecânica.

Marlene - Mas isso não é uma visão dos tecnocratas?

Paulo Freire - A visão importada dos EUA está ligada à mão-de-obra, produtividade, desenvolvimento e custo benefício. Eu jamais neguei o papel da escola, apesar de atuar fora da escola. Eu acho que devemos ganhar na criação de um mundo diferente e injusto. Que os poderosos também paguem pelas crises e aceitem.

Marlene - Educação é política?

Paulo Freire - Educação é política, mas não necessariamente deva fazer política dentro de sua atividade docente, ou seja, considero isso imoral.

Marlene - A Rádio MEC Rio e Brasília está à sua disposição para divulgar novos cursos e livros.

Paulo Freire - Agradeço a oportunidade e disse que saiu um livro dialógico *Por Uma Pedagogia da Pergunta*. Foi um livro com um exilado político chileno. Está saindo, também, um livro com Sérgio Guimarães e o Professor Moacir Gadotti, que se chamará *Pedagogia com Diálogo e Conflito*.

Marlene - Obrigada de coração, em meu nome pessoal e do pessoal das Rádios MEC Rio e Brasília, um muito obrigada. O Educação em Debate agradece o apoio da Rádio Cultura de São Paulo que nos acompanhou nesta entrevista, dando-nos seu apoio técnico.

Informações complementares

Datas da 1ª veiculação dos programas

- Série *Encontros com Paulo Freire*
1989 : 14/5 , 21/5 ,28/5 ,04/6, 11/6, 18/6, 25/6, 02/7, 09/7, 16/7, 23/7, 30/7, 06/8, 13/8, e 20/8.

- Série *Educação em Debate* - Especial Paulo Freire
23/10/1985

Diretores da Rádio MEC (na ocasião das gravações)

- Série *Encontros com Paulo Freire*
Márcia de SouzaQueiroz

- Série *Educação em Debate* - Especial Paulo Freire
Heitor HerbertoSales

Equipes de Produção

- Série *Encontros com Paulo Freire*
- Produção: Renato Rocha
- Entrevistas: Marlene Montezi Blois e Toninho Moraes (R. Cultura de São Paulo)
- Locução: David Tapajós
- Operador de Áudio: Edson Barreto

- Série *Educação em Debate* - Especial Paulo Freire
- Produção: Marlene Montezi Blois
- Supervisão: Rosângela Abraão
- Apresentação: Marlene Blois e Lauro Fabiano
- Operador de Áudio: Jorge Aleixo
- Sonoplastia: Adilson dos Santos

Observação:

- As séries fazem parte do acervo da Rádio MEC - Rio de Janeiro.
- Não há registro das reprises, apenas das veiculações iniciais.



UFF
Universidade
Federal
Fluminense



C.R.E.A.D.



ILTC
Instituto Doris Aragon

